



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
**MULHERES NEGRAS:**  
**TRAJETÓRIAS DE (RE) EXISTÊNCIAS EM REDE**  
**(CURITIBA, 1922-1963)**

**FERNANDA LUCAS SANTIAGO**

**FLORIANÓPOLIS, 2019**

**FERNANDA LUCAS SANTIAGO**

**MULHERES NEGRAS:  
TRAJETÓRIAS DE (RE) EXISTÊNCIAS EM REDE  
(CURITIBA, 1922-1963)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Mortari.

**Florianópolis, SC, 2019**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da  
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Santiago, Fernanda Lucas  
Mulheres Negras : Trajetória de (re) existência em rede  
(Curitiba, 1922-1963) / Fernanda Lucas Santiago. -- 2019.  
170 p.

Orientador: Cláudia Mortari  
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação , Florianópolis, 2019.

1. Mulheres Negras. 2. Associativismo Feminino Negro. 3.  
Clubes Sociais Negros. 4. História do Tempo Presente. 5. Curitiba. I.  
Mortari, Cláudia . II. Universidade do Estado de Santa Catarina,  
Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de  
Pós-Graduação . III. Título.

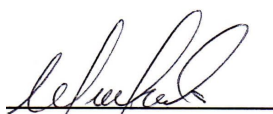
**FERNANDA LUCAS SANTIAGO**

**“MULHERES NEGRAS:  
TRAJETÓRIAS DE RE(EXISTÊNCIA) EM REDE (CURITIBA, 1922-1963)”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestra, no Programa de Pós-Graduação em História da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Banca Julgadora:**

Presidente:



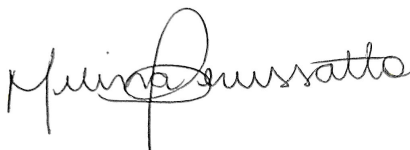
Professora Doutora Cláudia Mortari.  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Membro:



Professora Doutora Fernanda Oliveira da Silva.  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Membro:



Professora Doutora Melina Kleinert Perussatto.  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.  
(Participação por meio de recurso audiovisual.)

**Florianópolis 18 de Dezembro de 2019**

À todas às gerações de mulheres de minha família, as que me antecederam, as que ainda estão por vir e, especialmente, às que me são contemporâneas e com quem tenho (tive) o prazer de conviver, às ancestrais Ana e Carmem, minha avó e tia respectivamente, à minha mãe Vera Lúcia, à minha cunhada Liana e às minhas sobrinhas Serena Luz e Estrela Celeste Luz.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha família que sempre me apoiou, mesmo que às vezes, sem entender as minhas escolhas profissionais. Neles está meu aconchego, meu apoio moral, financeiro e espiritual.

Agradeço a professora Cláudia por me acolher e orientar, mesmo que nosso primeiro contato tenha sido feito em critério de urgência. Ela enfrentou comigo o desafio de desenvolver uma pesquisa que estava com 9 meses de atraso, ajudando a formular e desenvolver a terceira proposta de pesquisa que é a dissertação em questão. Agradeço a paciência, as sugestões, a leitura atenta, por me ensinar a importância de criar quadros para analisar dados de fontes tão diversas.

Agradeço até mesmo as provocações que me fizeram deslocar da minha zona de conforto. Agradeço também a professora Luiza e professora Maria Teresa, que estiveram em minha banca de qualificação e ajudaram com perspectivas metodológicas para adensar as discussões pretendidas.

Agradeço a todos as/os colegas do Aya (Laboratório de Estudos Decoloniais e Pós-Coloniais) pelas boas discussões dos grupos de estudos, pelas confraternizações e amizade. Agradeço novamente aqui as professoras Cláudia e Luiza por coordenarem os grupos de estudos do Aya e grupo de estudos africanos, nos quais tive a oportunidade de conhecer referências outras, das quais me ajudaram a desenvolver algumas reflexões. O Aya me mostrou que há caminhos metodológicos e perspectivas outras, onde há um grande universo de conhecimento, do qual tenho muito a aprender e elaborar em próximas pesquisas. Agradeço a Cadíja Assis pela elaboração do abstract, agradeço ao Adriano Denovac, Francine Costa, Zâmbia Ozório, Gabriel de Leão Caldart pela amizade, incentivo, conversas e por me receberem em suas casas. Agradeço Cleci Martins, Fernanda Knaut e Alexandre Taborda por se disporem a analisar e corrigir os cálculos feitos para estabelecer a relação de proporção entre os auxílios ofertados pela Sociedade 13 de Maio, a mensalidade e o salário mínimo, conforme apresentado no quadro 6. Enfim, agradeço à todes les amigas e colegas do curso que colaboraram de alguma forma com a elaboração desse trabalho. Em especial os colegas do Aya que acabaram tornando-se amigos, que mesmo eu estando distante de minha

cidade e família me fizeram me sentir em casa.

Agradeço também ao PPGH-UDESC pela oportunidade de ingressar e dar continuidade a essa pesquisa sob a perspectiva da História do Tempo Presente, um mundo novo se iniciou para mim.

“Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó ecoou  
criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens suja dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.”

(Conceição Evaristo)



## RESUMO

Nessa dissertação, pretendemos analisar a organização de mulheres negras filiadas à Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, sediada na cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, entre 1922 a 1963, período que compreende ao primeiro e último registro encontrado sobre o Grêmio Flor de Maio e o Grêmio Princesa Isabel. Esta análise se ancora a partir da pesquisa de documentos de duas naturezas distintas, aqueles considerados como documentos oficiais da Sociedade (como o Livro de Atas, o Estatuto e o Regimento) e as reportagens e notícias jornalísticas publicadas sobre as agremiações femininas negras nos jornais (*A República*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde*, *O Dia*). O objetivo geral se assenta na análise do associativismo feminino negro no âmbito deste Clube Social Negro, através de uma abordagem interseccional na perspectiva das relações de gênero, raça e classe. Esta dissertação parte, portanto, da seguinte problemática geral: Quais os significados de ser mulher negra nas redes de sociabilidades dos movimentos sociais de Curitiba? Quem são essas mulheres? O que elas pretendiam com as agremiações femininas? Contemplarei nessa pesquisa os diálogos teóricos-metodológicos sobre clubes sociais negros, movimento operário e associativismo feminino, em uma perspectiva que considera as reflexões sobre a História do Tempo Presente. Através dos registros feitos pelos diretores e jornalistas é possível observar algumas ações das mulheres, como a organização de festas e campanhas beneficentes, requerendo auxílios da diretoria e proferindo discursos em datas comemorativas como o 28 de setembro (Lei do Ventre Livre) e o 13 de Maio (Lei Áurea). Essa dissertação tem como objetivo específico analisar a experiência dessas mulheres negras operárias e o horizonte de expectativas que elas vislumbravam objetivando contribuir para visibilizar a atuação de mulheres negras operárias que tiveram participação ativa nos Clubes Sociais Negros, no movimento operário e no associativismo feminino, evidenciando o protagonismo dessas personagens históricas. Nesse sentido, esse trabalho se insere no campo das disputas de memória e narrativas sobre a mulher negra, a população negra curitibana e movimentos sociais de Curitiba, considerando o recorte local, regional e nacional sobre as diversas experiências de clubes sociais negros e suas possíveis conexões internacionais com outras estratégias da população afro-diaspórica no pós-abolição.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras; Associativismo Feminino Negro; Clubes Sociais Negros; História do Tempo Presente; Curitiba.

## ABSTRACT

In this dissertation, we pretend to analyze the black women organization affiliated to the Beneficent Worker Society May 13th (*Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio*), headquartered in Curitiba, capital of the state of Paraná, from 1922 to 1963, this temporal delimitation refers to the first and last record found on the May's Flower Association (*Grêmio Flor de Maio*) and the Princess Isabel Association (*Grêmio Princesa Isabel*). This analysis is based on the research of documents of two distinct natures, those considered as official documents of the Society (like the Book of Records, the Statute and the Regiment) and the reports and journalistic news published about the black women associations in the newspapers (*A República*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde*, *O Dia*). The main goal is based on the analysis of black female associativism within this Black Social Club, through an intersectional approach from the perspective of gender, race and class relations. This dissertation starts from the following general problematic: what are the meanings of being a black woman in the networks of the social movements of Curitiba? Who are these women? What did they pretend with these female associations? I will contemplate in this research the theoretical-metodologic dialogues regarding the black social clubs in a perspective that takes into consideration the discussion about the History of the Present Time. Through the records made by the directors and the journalists, it is possible to notice some women action, such as the parties and beneficent campaigns organization, requesting board support and pronouncing speeches on commemorative dates, like September 28th (Free Womb Law, *Lei do Ventre Livre*) and May 13th (Golden Law, *Lei Áurea*) but, what are the meanings of these celebrations? What are the meanings of these association names? How does the past resonance are perceived and felt by these women partners in the present? How are these resonances updated at the present? What is the relation of a slavery past with the projects of future after the abolishment? This dissertation has as its specific objective to analyze the experience of these working class black women and the horizon of expectations they envisioned. This study contributes by giving visibility to the black working women acting and the active participation they had on the Black Social Clubs, workers movement and female associativism, by highlighting the protagonism of these historical characters. In this sense, this work fits into the the field of memory and narrative disputes about black women, the black population and social movements of Curitiba, taking into consideration the local, regional and national distinct experiences of black social clubs and its possible international connections within another strategies of the afro-diasporic populations post abolition.

**Keywords:** Black Womens; Black Female Associations; Black Social Clubs; History of the Present; Curitiba.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Símbolo Adinkra Sankofa .....	35
Fotografia 1 - Sociedades que se reuniram na Praça Tiradentes 21 de Abril de 1913 .....	48
Gráfico 1 - Clubes Sociais Negros em funcionamento no Brasil por Estado .....	59
Fotografia 2 - Grêmio Flor de Maio 1938 .....	101
Fotografia 3 - Placa de Bronze da inauguração do prédio social após reforma em 1956 .....	127

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Associações Femininas Negras de Curitiba .....	36
Quadro 2 - Associações femininas em Curitiba .....	42-43
Quadro 3 - Associações femininas do interior do Estado do Paraná .....	45-46
Quadro 4 - Nomes frequentes entre Clubes Sociais Negros no Brasil .....	57-58
Quadro 5 - Sócias profissões e designação racial 1940-1956 .....	71-72
Quadro 6 - Valor da mensalidade em relação aos auxílios saúde e velório e ao salário mínimo (1946-1956) .....	77
Quadro 7 - A forma que as sócias são referidas no livro ata e nos jornais (1924-1963) .....	87-89
Quadro 8 - Diretoria do Grêmio Flor de Maio 1935-1946 .....	104-105
Quadro 9 - Diretoria do Grêmio Princesa Isabel 1924-1963 .....	106-107
Quadro 10 - Primeira apuração do concurso da Rainha do Carnaval de 1938 .....	113-115
Quadro 11 - Resultado do concurso da Rainha do Carnaval de 1938 .....	116-117
Quadro 12 - Sócias e sócios que receberam homenagens póstumas .....	125
Quadro 13 - Instituições ou Campanhas Benéficas que a S.O.B. 13 de Maio e as agremiações femininas auxiliaram .....	146-147

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AF	Agremiações Femininas
AFN	Associações Femininas Negras
AN	Associações Negras
AROL	Associação de Recreação Operária de Londrina
CSN	Clube Social Negro
FNB	Frente Negra Brasileira
FOP	Federação Operária Paranaense
PLC	Partido Liberal Catarinense
PSD	Partido Social Democrático
SOB	Sociedade Operária Beneficente
UDN	União Democrática Nacional
UHC	União dos Homens de Cor do Brasil

## LISTA DE SÍMBOLOS

\$	Mil réis
Cr\$	Cruzeiro
%	Porcentagem
NCr\$	Cruzeiro Novo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>AS MULHERES NA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO E A FORMAÇÃO DE AGREMIÇÕES FEMININAS.....</b>	<b>31</b>
2.1	FRAGMENTOS DE EXISTÊNCIA .....	31
2.2	O QUE PODEM AS MULHERES NEGRAS? AS ATRIBUIÇÕES DOS COMPORTAMENTOS DE GÊNERO NO ESTATUTO DA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO .....	62
2.3	AS MULHERES FILIADA A SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO .....	74
<b>3</b>	<b>SOCIABILIDADES E SOLIDARIEDADES: AS FESTAS DA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO E DAS AGREMIÇÕES FEMININAS.....</b>	<b>92</b>
3.1	AÇÕES COLETIVAS: AS FESTAS DO GRÊMIO FLOR DE MAIO E DO GRÊMIO PRINCESA ISABEL .....	100
3.2	AS RAINHAS DO CARNAVAL E DOS OPERÁRIOS .....	112
3.3	AS SESSÕES MAGNAS: O QUE COMEMORAR?!.....	119
3.4	VESTÍGIOS DE LUTAS: REDES DE SOLIDARIEDADES PARA EDUCAÇÃO E SAÚDE .....	143
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>148</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>156</b>

## PRÓLOGO

Nesse prólogo me sinto mais à vontade para expressar como é ser uma mulher negra curitibana no século XXI, que pesquisa outras mulheres curitibanas no século XX. Me parece uma tarefa desafiadora e necessária da qual prefiro falhar ao tentar realizá-la do que fugir aos desafios por dificuldades de encontrar fontes e referências bibliográficas.

Sou uma mulher negra aos 31 anos que nunca ouviu falar de nenhuma dessas mulheres aqui pesquisadas, também somente na pós-graduação conheci Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Sueli Carneiro, Matilde Ribeiro, Angela Davis etc. Me sinto feliz e honrada por poder conhecê-las.

Sou uma mulher negra que conheceu apenas uma avó, a qual por motivos de saúde tinha dificuldades em falar e contar o que levou uma mulher branca e pobre adotar minha mãe (criança negra), sendo que na época minha avó já tinha outros três filhos, misteriosamente, nenhum filho biológico de minha avó gerou filhos e netos que pudessem dela se lembrar.

Minha avó era analfabeta e não podia cobrar as lições da escola da minha mãe, mas sempre falava para minha mãe da importância de estudar. Minha mãe é pedagoga especialista em gestão escolar. Não sou a primeira mulher da minha família na pós-graduação, graças a minha avó e a minha mãe. Graças a elas serei a primeira mestra. E espero não ser a única.

Ser mulher negra na pós-graduação no século XXI é ver o impacto das políticas de ações afirmativas e ver pela primeira vez na história de nosso país que a maioria dos estudantes universitários são negros, embora também seja estar liderando os índices de violência, obstétrica, feminicídio, bala perdida, violência doméstica. É lidar com as contradições trazidas pelo racismo e machismo. É perder a esperança em tudo, é perguntar-se o que estou fazendo? Por que estou fazendo? E mesmo sem saber a resposta continuar. E aí minha curiosidade aguça, como elas (re) existiram? Eu não posso desistir, eu não posso fraquejar. Somos os sonhos que elas jamais viveram.

É buscar na capoeira, no maracatu, no coco, nas congadas e nas rodas de samba aquilo que não pude aprender com meu avós e que jamais aprenderia na academia.



## 1 INTRODUÇÃO

“A cultura não faz as pessoas.  
As pessoas fazem a cultura.  
Se uma humanidade inteira  
de mulheres não faz parte da  
cultura, então temos que  
mudar nossa cultura.”  
(Chimamanda Adichie)

Nessa pesquisa de dissertação, analisaremos alguns aspectos sobre as experiências de mulheres negras associadas à Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio (S.O.B. 13 de Maio), no período compreendido entre 1922 a 1963, essa baliza temporal marca o primeiro e o último registro que encontramos nos jornais e livro ata sobre o Grêmio Flor de Maio e sobre o Grêmio Princesa Isabel. Os nomes 28 de Setembro, 13 de Maio, Flor de Maio e Princesa Isabel eram comuns entre Clubes Sociais Negros (CSN) e Agremiações Femininas Negras (AFN) filiados a eles, e fazem referência respectivamente a data da aprovação da Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, a Lei Áurea, ao mês da aprovação da Lei Áurea e a princesa que aprovou essas leis abolicionista. A escolha desses nomes pode apresentar certa ambiguidade pois, o significado desses acontecimento para a população recém egressa da escravidão, tanto podem ser interpretados dentro de uma perspectiva do discurso oficial sobre a abolição, que entende o acontecimento como uma dádiva do governo imperial na figura da princesa Isabel, a redentora, ou a partir do protagonismo dos escravizados, livres, libertos, ventres livres que lutaram por sua própria liberdade individualmente e em coletivos, nessa perspectiva a população que estava lutando por liberdade percebia-se como agentes ativos, que impulsionaram por meio de suas ações a criação dessas leis, assim como outros processos emancipatórios extrajudiciais.

O significado de ser negra/o, e as datas comemorativas nacionais podem ser entendidas como máscaras, assim como teorizou Mbembe (2014), tanto o termo negro, quanto os monumentos coloniais são ferramentas da dominação colonial que visa esconder a memória dos corpos colonizados de si e dos outros. Nesse sentido a narrativa oficial funciona

como uma máscara, oferece uma narrativa de aparências com o objetivo de ocultar ou dificultar o acesso à essência. Por outro lado, as/os sócias/os poderiam estar fazendo o uso da narrativa oficial para promover a valorização do grupo através dos significados que aquelas datas evocavam para o grupo de descendente de africanos, reavivando no presente as expectativas com relação a liberdade jurídica, igualdade e fraternidade sócio racial. A memória sobre o passado, convivia com a expectativa sobre o futuro. É preciso considerar que as/os sócias/os foram agentes históricos que “reatualizaram o sentido do passado com base nas necessidades do presente, fazendo dessa forma os usos políticos do passado.”<sup>1</sup>

A evidência da atuação dessas mulheres negras me foi possibilitada através de fontes de duas naturezas distintas: os documentos oficiais (Estatuto, Livro ata de reuniões e Regimento), com finalidades administrativas produzidos por secretários da diretoria da S.O.B. 13 de Maio; e notícias veiculadas local, estadual, e nacionalmente por meio dos jornais *A República*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde* e *O dia*. Acessar a história dessas mulheres permite compreender um pouco mais sobre a história da S.O.B. 13 de Maio, sobre o movimento operário e sobre o associativismo feminino e como esses grupos se articulavam em Curitiba, as estratégias<sup>2</sup> empreendidas pelas mulheres negras operárias na busca por autonomia e sobrevivência, a partir do estabelecimento de laços de solidariedade com outros movimentos sociais da cidade e de outros estados.

Entre as experiências e o horizonte de expectativas dessas mulheres negras operárias havia barreiras ligadas aos comportamentos de gênero atribuídos às mulheres à época, sobretudo às mulheres negras operárias que enfrentavam os estereótipos ligados a raça e a classe. Embora os documentos apresentem evidências da atuação de mulheres negras filiadas a S.O.B. 13 de Maio, integrando e fortalecendo a rede de solidariedade entre os clubes sociais negros, o movimento operário e o associativismo feminino, não é muito recorrente na historiografia paranaense encontrar estas mulheres protagonizando esses movimentos. É

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis. v. 10, n. 23, 2018.

<sup>2</sup> De acordo com Certeau (1994, p. 46) a estratégia é o “cálculo das relações de força que se torna possível a partir de um momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”. A estratégia requer um lugar próprio, capaz de “servir de base a uma gestão de suas relações com a exterioridade distinta.” CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 3ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

possível localizar pesquisas sobre o movimento operário<sup>3</sup>, inclusive sobre militantes negros sócios da S.O.B. 13 de Maio<sup>4</sup>, mas estas não abordam a atuação de mulheres negras. No que se refere ao associativismo feminino, o foco encontra-se nas mulheres brancas da elite<sup>5</sup> que conquistam maior atuação na esfera pública por meio de agremiações femininas filantrópicas e não, necessariamente, por meio de um alinhamento com a primeira onda do feminismo sufragista<sup>6</sup>. Por não encontrar outras pesquisas sobre a experiência de mulheres negras na organização de clubes em Curitiba no período pesquisado, busquei uma bibliografia sobre a temática na região sul do Brasil. Entre elas, há produções que focalizam a participação de mulheres negras na organização de festas dentro de Clubes Sociais Negros, mulheres negras que conseguiram assumir o posto de fiscal de salão por serem esposas dos diretores daqueles

---

<sup>3</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória Trabalho e Resistência em Curitiba (1820-1920)**. 1985. 262 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, 1985.

<sup>4</sup> Destaco três capítulos de um mesmo livro: FABRIS, Pamela B.; HOSHINO, Thiago P.. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio: Mobilização negra e Contestação política na pós-abolição. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. SOUZA, Jhonatan U. Trabalhadores urbanos: militância e luta por direitos. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. RIBEIRO, Luiz C. Experiência Operária em Curitiba: A greve geral de 1917. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

<sup>5</sup> SEIXAS, Larissa Selhorst. Associações femininas e a inserção das mulheres na esfera pública: o Centro Paranaense e Feminino de Cultura (Curitiba, 1933-1958). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza, **Anais eletrônicos...** Fortaleza, 2009. MARTINS, Ana Paula Vosne. Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio. **Review of Latin American Studies**, v.17, n. 2, 2016. SILVA, Adriana O. Mulheres de elite e associações femininas em Itabuna (1930-1950): Relações de gênero e práticas sociais no sul da Bahia. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** 2010.

<sup>6</sup> A primeira onda do feminismo no Brasil e no mundo teve origem no final do século XIX e início do século XX, sendo um movimento que tinha como pauta principal a conquista do direito feminino ao voto. No Brasil as lideranças desse movimento são as fundadoras da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, criado em 1919 por Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. Passou a chamar-se Liga para o Progresso Feminino e em 1922 foi criada a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, organização filiada à Aliança Sufragista Feminina Internacional. VAZQUEZ, Maria L. O.. **Na fronteira do voto: Discursos sobre cidadania e moral no debate do sufrágio das mulheres no Brasil e no Uruguai durante a primeira metade do século XX**. 2014. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Algumas sufragistas também aderiram ao movimento antiescravista, o que causou tensões no movimento, quando as feministas brancas burguesas perceberam que homens negros ex-escravizados poderiam conquistar o direito ao voto antes delas. DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. ed. Lisboa: Plataforma Gueto, 2013. Dividir o feminismo em ondas é uma forma didática para entender as tendências de época, isso não significa que anterior ao movimento sufragista não existiram mulheres que lutaram por direitos individual ou coletivamente, escravizadas, libertas, quilombolas, indígenas, camponesas e operárias já lutavam por melhores condições de vida e trabalho. Em paralelo a luta das sufragistas essas mulheres continuaram (re) existindo.

clubes.<sup>7</sup> Outras pesquisas, analisaram a importância da mulher negra no carnaval<sup>8</sup> e sobre o uso político da estética e beleza em concursos, dentro e fora, de CSN<sup>9</sup>. Não encontramos pesquisa sobre mulheres negras que compunham a diretoria de CSN ou que constituíram AFN, nem mesmo sobre as operárias. Portanto, tanto na produção sobre clubes sociais negros, quanto sobre o movimento operário, e sobre o associativismo feminino, as mulheres negras não são abordadas como integrantes da história desses movimentos sociais. A originalidade dessa pesquisa de dissertação de mestrado em história se assenta na tentativa de revelar essa atuação ativa das mulheres negras nesses diversos movimentos.

Em um período posterior ao que pesquisamos, entre as décadas de 1980 e 2000, Carneiro (2003, p.119) afirma que as mulheres negras conseguiram integrar tanto o movimento feminista, quanto o movimento negro e, através da fusão das pautas raciais e de gênero, formaram o feminismo negro que fundamenta diversas organizações e coletivos que estão interconectados atuando em nível regional, nacional e internacional. No entanto, apesar de conseguir adentrar em ambos os movimentos, as mulheres negras são acusadas de defender pautas específicas por ambos movimentos. Não pretendo com essa passagem atribuir as sócias da S.O.B. 13 de Maio a origem do feminismo negro no Brasil, inclusive não encontramos nenhum registro indicando que elas se identificavam dessa forma, mas a reflexão de Sueli Carneiro, pode nos levar a pensar que antes de ser produzida a exclusão da mulher negra na historiografia, ela já foi produzida por movimentos sociais e jornais contemporâneos, ou seja, a vivência dessas mulheres negras foram constantemente invisibilizadas. Há indícios de que elas também fossem percebidas como defensoras de pautas específicas naquela época.

A assistente social Matilde Ribeiro (2008, p. 990), aponta que as pautas dos movimentos de mulheres negras estavam centradas na necessidade de quebrar os estereótipos associados à elas. Por exemplo, a ‘mãe preta’, a mulher africana escravizada obrigada a servir

---

<sup>7</sup> ESCOBAR, Giane V.; COIRO-MORAES, Ana L. C.. Para Encher os Olhos: Análise Cultural da Visibilidade de uma Rainha do Carnaval do Clube Social Negro Treze de Maio no Jornal a Razão. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO; 7, 2015, Curitiba (PR). Anais do VII ENPECOM, Curitiba (PR): UFPR, 2015. v.1, p.736-750. SILVA, Fernanda O. da. et al. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense**. 1.ed. v.1. Porto Alegre: UFRGS/EST, 2017.

<sup>8</sup> ESCOBAR; COIRO-MORAES, op. cit. BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: Edufscar, 2015.

<sup>9</sup> BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. Damas de ébano nos clubes sociais negros: Trancinhas e batom. **Revista Comunicações**. Piracicaba, v. 21, n.1, 2014. BRAGA, op. cit.

de ama de leite e babá, que mesmo no pós-abolição devido a experiência do racismo, continuou sendo atribuído a população negra atividades subalternas, associadas à escravidão, determinando para as mulheres negras o pior lugar na escala social. Mas, quais seriam as pautas das agremiações de mulheres negras no período pesquisado?

Embora, não contemplem discussões sobre mulheres negras no pós-abolição a bibliografia mencionada ajuda a compreender os três movimentos sociais<sup>10</sup> dentro de seu próprio contexto. Sobre o movimento operário<sup>11</sup>, elucidam as redes de contatos entre as Sociedades Operárias, suas estratégias de negociação, com patrões por melhores condições de trabalho e com autoridades locais pelo direito a manifestar-se exigindo a diminuição do custo de vida, abordam a constituição de movimentos paredistas reunindo uma diversidade de trabalhadores, aglutinando categorias profissionais, bem como, a presença de Sociedades mutualistas na formação da Federação Operária Paranaense (F.O.P.), fundada em 1906. As pesquisas de Batalha (2000) e De Luca (1990) contribuem para compreendermos o quão heterogêneo poderia ser o movimento operário e a importância das redes de beneficência, na construção de assistência social para as/os trabalhadoras/res. Batalha (2000) tornou complexa a análise sobre o operariado ao evidenciar que não se constituía um grupo homogêneo, havia entre os operários anarquistas, líderes sindicais, membros de partidos políticos, mulheres de diversas raças/cor, imigrantes (italianos, alemães, japoneses ...) brasileiras/os de diversas identidades raciais e gerações.

Nesse sentido, há recentemente pesquisas que analisam as redes de apoio entre clubes

---

<sup>10</sup> De acordo com Telles (1987, p. 60) a utilização de um modelo europeu de operariado, no estudo do movimento operário brasileiro, excluiu a possibilidade da historiografia considerar outros grupos como “verdadeiros movimentos sociais”. TELLES, Vera da S.. Movimentos sociais: reflexões sobre a experiência dos anos 1970. In: SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo. (orgs). **Uma revolução no cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.54-85. Entre os critérios necessários para um grupo constituir-se como movimento social, está o fator identidade. SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena:** experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. Outras/os pesquisadoras/res como Doimo (1995) e Cunha (2000), também estudaram a complexidade por trás do(s) elemento(s) capaz(es) de aglutinar pessoas em torno de um ideal. Nesse sentido a população liberta no pós-abolição tem participação no movimento operário, no movimento de associativismo feminino e na formação de clubes sociais negros. DOIMO, Ana M.. Movimento Social: a crise de um conceito. In: DOIMO, Ana M.. **A Vez e Voz do Popular:** Movimentos Sociais e Participação Política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS, 1995. CUNHA, Olívia M. Gomes da. Depois da Festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina e ESCOBAR, Arturo. (orgs). **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

<sup>11</sup> FABRIS; HOSHINO, op. cit.; SOUZA, op. cit.; RIBEIRO, op. cit.

operários negros e não negros<sup>12</sup>, ultrapassando modelos fixos que não permitiam visualizar e analisar as redes de apoio mútuo e as pautas compartilhadas entre grupos de segmentos diversos. Existem, ainda, trabalhos que abordam os casos de sociabilidades segregadas, as relações entre clubes de afrodescendentes e de brancos, e as relações de gênero entre associadas/os de um mesmo clube, bem como as questões de enfrentamento ao racismo, a luta pela instrução e a constituição de uma imprensa negra<sup>13</sup>.

No que se refere a atuação das mulheres, Seixas (2009), por exemplo, analisou a fundação do Centro Paranaense Feminino de Cultura fundado em 1933 em Curitiba, vislumbrando as estratégias de inserção das “centristas” no âmbito público, que variaram desde práticas conservadoras que tem no maternalismo a base ideológica, afirmando a função social da mulher como mãe e cuidadora, desenvolvendo ações de assistência social à crianças e famílias pobres, bem como, um aspecto mais progressista, na busca de uma maior formação escolar, capacitação profissional, conquista do emprego remunerado e cargos públicos<sup>14</sup>. Portanto, a autora, constatou entre mulheres de um mesmo grupo e classe social, estratégias diversas, que iam desde práticas conservadoras às progressistas, e a convivência dessas duas tendências como as práticas adotadas pelas feministas sufragista<sup>15</sup>, que lutavam pelo direito ao voto feminino mas, que não aprofundaram as discussões acerca da dominação de gênero.

<sup>12</sup> FABRIS; HOSHINO, op. cit..MARIA, Maria das Graças. **Clubes e associações de afrodescendentes na Florianópolis na década de 1930-1940**. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL, Joseane Z. (orgs.). Histórias diversas. Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Editora da UFSC: Florianópolis. 2013.

<sup>13</sup> SILVA, Fernanda O. da. A racialização observada pela ótica da experiência dos clubes e centros culturais negros na diáspora negra ao sul do Atlântico (Brasil-Uruguai) - Notas de Pesquisa como forma de iluminar a nova história do trabalho. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. 11, 2014. MARIA, op. cit.; PERUSSATTO, Melina K. Pelo “Aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos”: A demanda por instrução na imprensa negra porto-alegrense no pós-abolição. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015. SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? apontamentos sobre a Sociedade Recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. In: ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015.

<sup>14</sup> Como foi o caso da primeira deputada estadual pelo Paraná Rosy de Macedo Pinheiro Lima, eleita em 1947 pela União Democrática Nacional (UDN). Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/rosy-de-macedo-a-primeira-deputada-no-parana>> Acesso em: 09 abr. 2020.

<sup>15</sup> A primeira onda do feminismo (final do século XIX e início do século XX), o feminismo sufragista, também chamada de feminismo bem comportado estava mais interessado em conquistar o direito ao voto, nessa época as feministas ainda não haviam elaborado uma crítica contundente ao patriarcado e aos comportamentos de gênero, questão enfrentada pelas feministas da segunda onda (1950-1990). Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acesso em: 17 abr. 2020.

No diálogo com estas produções, pretendo com este trabalho contribuir para a crítica e ampliação da reflexão historiográfica, evidenciando e analisando as estratégias de mulheres negras operárias que compunham o Grêmio Flor de Maio e o Grêmio Princesa Isabel no âmbito da S.O.B. 13 de Maio e suas relações com os CSN, SOB, AF e AFN. O nome dessas agremiações femininas eram acompanhadas geralmente pelos adjetivos Operária, Beneficente ou Recreativa, podendo haver a combinação de dois adjetivos, que informam como aquele grupo composto majoritariamente por mulheres negras se identificava e queria ser reconhecido. Essas AFN estavam organizadas e atuantes antes da conquista do direito ao voto feminino (1932) pelo movimento feminista, da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) pelo movimento operário (1943) e, também, do movimento negro conseguir a aprovação de políticas públicas de combate ao racismo como a Lei n. 1.390/51 – Lei Afonso Arinos contra a discriminação racial, que foi atualizada pela Lei n. 7.716/89 – Lei Caó, que passou a considerar o racismo como crime inafiançável e imprescritível<sup>16</sup>. As mulheres filiadas as agremiações femininas da S.O.B. 13 de Maio não se identificavam como feministas e nem devemos entendê-las na chave do movimento negro contemporâneo<sup>17</sup>. Mas isso, não significa que não pudessem propor ações relevantes a si próprias, e à Sociedade a qual estavam filiadas e à outras instituições com as quais escolheram auxiliar, como a Igreja do Bom Jesus no bairro do Portão, o Hospital da Cruz Vermelha, a Sociedade de Assistência aos Lázaros, a Sociedade de Assistência aos Necessitados, a Campanha Nacional da Criança, o Instituto de Cegos do Paraná, a Liga Paranaense Contra o Câncer e na fundação da creche para filhos de operários na sede da Sociedade Protetora dos Operários e a integrar a rede de solidariedade entre as S.O.B. co-irmãs.

A formação de Clubes Sociais Negros<sup>18</sup> é um fenômeno nacional, que teve início no

---

<sup>16</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm)> Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>17</sup> Movimento Negro Contemporâneo é aqui pensado conforme proposto por Pereira (2012, p. 117), “organizações e indivíduos que atuaram a partir da década de 1970 em torno da questão racial, lutando contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais etc. – o que faz da diversidade e da pluralidade características desse movimento social.” PEREIRA, Amílcar A.. “Por uma autêntica democracia racial!”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2012. No entanto, as organizações políticas, sociais e culturais envolvendo homens e mulheres negros e negras, na luta por viver e ser no mundo, existiram em diferentes contextos históricos e se configuraram de diversas maneiras, incluindo aqui, os Clubes Negros e as Agremiações Femininas Negras, foco deste trabalho.

<sup>18</sup> Neste trabalho, o conceito de Clube Social Negro, é entendido como o proposto por Oliveira F. da Silveira e os

século XIX, cujo objetivo original era organizar ações de ajuda mútua, por exemplo, a compra de alforrias, durante as últimas décadas da escravidão e que, posteriormente, passaram, também, a formar grupos de apoio nos primeiros anos do pós-abolição<sup>19</sup>. O estudo destes clubes me apresentou a possibilidade de pesquisar sobre a ação coletiva de uma parcela da população negra do Brasil e, sobretudo da região sul, na qual a porcentagem de negros é menor do que em outras regiões do país sendo, também, a região onde concentrou-se o maior número de CSN e com maior durabilidade. Concomitante a formação dos CSN estava-se operando a política de embranquecimento da população brasileira, em que tanto a Monarquia, quanto a República investiram na vinda de imigrantes europeus para o Brasil e ao mesmo tempo, promoveram a exclusão social da população negra, reforçando o racismo através dos estereótipos raciais.

Nesse contexto, os CSN se constituíam enquanto importantes espaços de assistência social, organização política e lazer. Apesar do CSN mais antigo ter sido fundado em 1872, é muito recente a visibilidade desse campo de estudo na historiografia brasileira. Nesse sentido, o racismo operou em duas dimensões na História do Brasil, na história enquanto vivência e na história como narrativa. A memória e a história do negro e do indígena no sul do Brasil, foram soterradas por um excesso de memória dos imigrantes europeus. Não pretendo com

---

demais membros da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do RS, SC, SP, RJ e MG em 2008, como: “espaços associativos do grupo étnico afro brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio”. ESCOBAR, Giane V.. **Clubes Sociais Negros: Lugares de Memória, Resistência Negra, Patrimônio e Potencial**. 2010. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010, p. 61. Esse conceito abarca as principais atividades desenvolvidas nas mais diversas Sociedades, sendo possível comparar pesquisas sobre Clubes Sociais Negros, assim como, apontar divergências e pontos de aproximação entre as estratégias de identidades adotadas.

<sup>19</sup> O pós-abolição é um campo de estudos que desde a década de 1970 tem investigado temas diversos sobre os significados da liberdade para libertos e seus descendentes, como para outros atores sociais, como ex senhores, população livre, pobre, etc. Tornaram-se recorrentes na historiografia nacional temas como a marginalização dos libertos no mercado de trabalho livre no pós-abolição, a substituição dos libertos pelos imigrantes europeus, os projetos da elite para a população de libertos, os projetos dos próprios libertos para seu grupo, a mobilidade geográfica (do meio rural para o urbano, ou vice versa) e social dos libertos e de seus descendentes, a importância da família para os libertos, o acesso e os limites de acesso a direitos sociais, as relações entre escravidão, racialização e cidadania. RIOS, Ana M.; MATTOS, Hebe M.. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, 2004. Embora, o processo de formação dos clubes ser centenário, o estudo sobre os Clubes Sociais Negros passou a ser abordado na segunda metade do século XX mas, ainda como tema secundário. Os clubes sociais negros só tornaram tema privilegiado, por volta da década de 1980, tendo um aumento de pesquisas na virada do século XX para o século XXI, especialmente mas, não exclusivamente por pesquisadoras/res negras/ros. (ESCOBAR, op cit; SILVA, op. cit; RIBEIRO, op cit) LONER, Beatriz A.. Negros: Organização e luta em Pelotas. **História em revista**, Pelotas, v. 5, 1999.



isso negar a presença dos imigrantes e seus descendentes mas, é preciso lembrar que essa memória não é a única.

Meu primeiro contato com a temática dos Clubes Sociais Negros foi em 2011, durante a graduação, quando fui convidada a participar do projeto *Negros, Libertos e Associados: Identidade Cultural e Territorial Étnico na Trajetória da Sociedade 13 de Maio (1888-2011)*, do edital da Fundação Cultural de Curitiba, na qual estava incumbida da transcrição dos livros-ata e do apoio na fase de desenvolvimento da pesquisa, a qual objetivava fazer um levantamento histórico da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, no período de 1888 a 2011. Colaborar com a equipe daquele projeto me possibilitou acessar alguns documentos dessa Sociedade, bem como, analisar as estratégias organizativas de algumas e alguns libertos/os e seus descendentes fundadoras/es da instituição. No entanto, mesmo antes de ter acesso à documentação da S.O.B. 13 de Maio, e da bibliografia sobre a temática dos Clubes Sociais Negros, eu já frequentava suas festas e após conhecer um pouco de sua história, me senti cada vez mais curiosa e convencida a continuar pesquisando sobre. Então, desenvolvi minha monografia de conclusão de curso<sup>20</sup>, na qual analisei os primeiros oito anos de sua fundação, através dos registros do 1º Livro ata no qual constam as reuniões do período entre os anos de 1888 a 1896, assim como algumas notícias publicadas nos jornais da época *A República*, *Sete de Março*, *A Tribuna* e o *Diário da Tarde*<sup>21</sup>. Nessa pesquisa consegui analisar alguns aspectos sobre as estratégias coletivas das/os sócias/os, às ações de beneficência, os desafios do grupo, os atritos e tensões entre os seus membros, a rede de sociabilidades com outras S.O.B.'s, as organizações das festas em comemoração a Lei Áurea e a Lei do Ventre Livre, a entrada das primeiras sócias, a criação da escola primária no período noturno, a entrada de sócios ilustres<sup>22</sup>, entre outros aspectos. Ao concluir a monografia senti que muitas

<sup>20</sup> SANTIAGO. Fernanda L.. **Sociedade 13 de Maio: Uma estratégia de sobrevivência no pós-abolição (1888-1896)**. 2015. 94 p. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

<sup>21</sup> Em tais notícias, eram anunciados convites às festas da S.O.B. 13 de Maio, entrevistas ao sócio fundador Leocádio Júlio de Assunção, além de textos comemorativos aos aniversários da abolição exprimindo o discurso oficial à época (por parte dos governantes, imprensa e da historiografia).

<sup>22</sup> No Livro ata de reunião da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio de 1888-1896, o 1º Secretário descreve algumas personalidades da elite econômica, política e intelectual da cidade de Curitiba como o Barão do Serro Azul Ildefonso Pereira Correia (foi presidente e deputado da província do Paraná e um dos maiores ervateiros) e sua esposa a Baronesa do Serro Azul Maria José Pereira Correia; Leôncio Correia (advogado, jornalista, escritor e deputado estadual e federal pelo Paraná), Vicente Machado (advogado, promotor público,

questões ficaram em aberto.

Na dissertação abordaremos um período posterior pesquisado na monografia, realizando uma abordagem interseccional com recorte de gênero, raça e classe, buscando compreender a importância das mulheres no âmbito daquele CSN.

No caso da S.O.B. 13 de Maio, o motivo de constituir um grupo está intimamente ligado a identidade negra, entendida aqui no seu sentido político,<sup>23</sup> e a experiência das/os sócias/os fundadoras/es recém libertas/os, e/ ou livres. Essas mulheres e homens negras/os fundaram uma sociedade de ajuda mútua, apenas 20 dias após a abolição, com o intuito de fortalecerem-se, enquanto “13 de maio” negros/as recém libertos/as, décadas após, além da identidade racial e da experiência ligada a um passado de escravização, as sócias e sócios passaram a reconhecerem-se, também, como operárias/os. As/os sócias/os não eram pessoas que trabalhavam numa mesma função ou numa mesma empresa, suas experiências de trabalho eram diversas, mesmo assim, se identificavam como operárias/os, no sentido de serem trabalhadoras/es que desempenhavam alguma atividade econômica formal ou informal cuja a renda provia seu próprio sustento e da sua família, essa tripla identidade motivava e dava uma unidade para as sócias/os constituíram-se como movimento social, articulando pautas políticas.<sup>24</sup>

Pesquisar sobre a S.O.B.13 de Maio acionou um sentimento de pertença a história centenária do clube negro, mesmo sabendo que meus pais e avós não foram sócios e nem são naturais de Curitiba. Esse sentimento de pertença é comum a outras pessoas que se

---

foi vice presidente e governador do Paraná), Cândido de Abreu (foi prefeito de Curitiba e tenente-coronel da Guarda Nacional), Augusto Stresser (compositor, jornalista, ilustrador e escritor).

<sup>23</sup> Segundo Sader (op. cit., p. 44) não há uma identidade essencial inerente ao grupo, preexistente às suas práticas, as identidades derivam da posição que o grupo assume e na elaboração de uma história comum que regulam as práticas coletivas que a atualizam.

<sup>24</sup> Segundo Doimo (op. cit.), Telles (op. cit.), Sader (op. cit.) a categoria novo movimento social foi criada na década de 1970 para sinalizar um rompimento com a categoria movimento social que utilizou como modelo o movimento operário europeu. Embora a categoria “novos movimentos sociais” terem sido pensada num contexto diferente do qual estou pesquisando, marcado pela redemocratização e contestação da ordem social, essa categoria tem me ajudado a pensar o locus de organização da S.O.B. 13 de Maio. Os esquemas dicotômicos criticados por Doimo (op. cit.) pautados no eixo cultural versus eixo político não permitem perceber que o eixo cultural também pode ser político, essas categorias não podem ser vistas como algo fixo devem ser observados dentro de sua dinâmica. Neste mesmo sentido, no cerne da discussão conceitual sobre o movimento negro Da Cunha (op. cit., p. 337) apresenta reflexões de pesquisadoras como Lélia Gonzalez que criticaram a dicotomia criada metodologicamente para estudar o movimento negro entre ações culturais versus políticas. Ambas as reflexões de Doimo (op. cit.) como as de Da Cunha (op. cit.) ajudam a perceber que os espaços tidos como meramente culturais não estavam vazios de discussões, interesses e sentidos políticos.

reconhecem como negras e, portanto, como pertencentes a história do clube, que se tornou uma referência da história e cultura negra da cidade. Segundo Seixas (2001, p. 44) esse processo de espacialização do tempo ou criação de lugares de memória está ligado a função afetiva e simbólica da memória que faz com que sujeitos e, ou grupos, consagrem lugares no presente que ajudem a rememorar ou reativar o passado.

Mesmo não estando mais aberto o quadro associativo, os atuais frequentadores da S.O.B. 13 de Maio, buscam esse espaço para participar do grupo de Maracatu Aroeira<sup>25</sup>, dos módulos mensais das oficinas de percussão e dança do Pontes Móveis<sup>26</sup>; oficinas de coco, jongo, congada; das aulas de forró (aos domingo) e bailes promovido pelo grupo Areia Branca<sup>27</sup>, Um Baile Bom<sup>28</sup>, entre outros grupos culturais que já utilizaram o espaço da S.O.B. 13 de Maio para realizar ensaios, oficinas e festas. O espaço, portanto, está sendo reatualizado pelos novos grupos e atividades lá desenvolvidas. Manteve-se o nome do C.S.N. e as Sessões Magnas em comemoração da fundação do clube e da abolição, mesmo após o movimento negro reivindicar a data do 20 de novembro como o dia da consciência negra.

Analisarei como as mulheres negras, foco dessa pesquisa, foram citadas nos documentos produzidos pelos diretores e jornalistas. São 4 tipos de documentos<sup>29</sup>: o 3º Livro

---

<sup>25</sup> O Grupo de Maracatu Aroeira está em funcionamento desde 20 de novembro de 2012, o grupo utiliza o espaço da S.O.B. 13 de Maio para os ensaios semanais aos sábados no período da tarde das 14h às 18h. Disponível em: <<https://www.facebook.com/baquearoeira/>> Acesso em: 12 fev. 2020.

<sup>26</sup> O Pontes Móveis é um projeto que está em funcionamento desde 2015, fundado na Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio pela dançarina e coreógrafa Priscilla Pontes, cuja a equipe técnica é composta por Leonardo da Cruz e Laremi Paixão (dançarina/o, coreógrafa/o), Dilma Nascimento (dançarina e percussionista) Nelson Sebastião e Maitê Magnabosco (percussionistas) e Maria Carolina Felício (fotógrafa). A equipe do Pontes Móveis tem o objetivo de pesquisar ritmos africanos e da diáspora africana, estabelecendo dessa forma diversas pontes móveis entre a musicalidade afrobrasileira, africana e de outras regiões da diáspora africana. A partir dessas pesquisas, a equipe ministra oficinas ao longo do ano dedicando cada módulo a um ritmo, geralmente cada módulo tem a duração de um mês, sendo que as datas e horários das oficinas variam. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PONTESMOVEIS/>> Acesso em: 12 fev. 2020.

<sup>27</sup> Banda de forró composto por 4 músicos: Daniel Fagundes (Voz, Violão e Guitarra) - Kiko Moura (Voz e Zabumba) - Renato Rocha (Voz, Triângulo e Percussão) e Renan Bragatto (Voz e Sanfona). Fazem apresentações domingo a noite na sede da S.O.B. 13 de Maio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/forroareiabranca/>> Acesso em: 11 abr. 2020.

<sup>28</sup> É um movimento-festa-ato político. Espaço de encontro e celebração da identidade negra. Criado em abril de 2015, e realizado na sede da S.O.B. 13 de Maio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BaileBomCWB/>> Acesso em: 11 abr. 2020.

<sup>29</sup> Os documentos aqui descritos são os principais que compreendem o nosso escopo e análise. No entanto, como a intenção da presente pesquisa consiste em analisar as agremiações e as mulheres que dela faziam parte, inseridas na S.O.B 13 de Maio, em alguns momentos será necessário recuar ou avançar no recorte cronológico. Isto porque, intentamos, perscrutar algumas trajetórias dessas mulheres a partir de fragmentos de informações dispersas em diferentes documentos.

ata de reuniões da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio (1940-1972)<sup>30</sup>; o Estatuto<sup>31</sup>, o Regimento e os jornais: *A República*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde* e o *O Dia*. Para realizar o cruzamento e análise dos dados, coletados na documentação pesquisada e na bibliografia<sup>32</sup> sobre clubes sociais negros e associações femininas, produzimos 13 quadros.

Esses documentos foram produzidos por homens: os 3 primeiros pelos diretores da S.O.B. 13 de Maio e estão guardados na sede da mesma; as notícias de jornais foram produzidas por jornalistas, cujo acesso está disponível no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira, parte integrante da Biblioteca Nacional Digital<sup>33</sup>. Meu acesso às experiências das sócias tem sido possibilitado pelos registros realizados pelos homens, que problematizados permitem, nas entrelinhas, apontar indícios da atuação das mulheres negras. Nesse sentido, é necessário analisar as fontes orientada pelas seguintes questões: o que é possível acessar sobre as mulheres a partir dos registros dos homens? qual importância essas sócias tinham para a S.O.B. 13 de Maio? Que tipos de memória os diretores construíram sobre as sócias? Que tipo de olhar os jornalistas construíram sobre as sócias?<sup>34</sup> E, a partir da análise desses registros, procurar entender as estratégias de organização das agremiações de mulheres.

Através das fontes supracitadas, encontramos referências a 16 sócias e duas agremiações de mulheres: o Grêmio Flor de Maio e o Grêmio Princesa Isabel. O livro ata foi escrito pelos secretários da diretoria masculina, encarregados de transformar em texto as discussões das sessões deliberativas e solenes do período de 1940 a 1972. As atas são narrativas, com o objetivo de registrar em ordem cronológica as pautas e deliberações das sessões ordinárias, extraordinárias e solenes criando, assim, um histórico do grupo entre suas

---

<sup>30</sup> O 2º Livro ata de reuniões que registrava o período de 1897-1939 foi extraviado, estando indisponível para consultas.

<sup>31</sup> O Estatuto e o Regimento da S.O.B. 13 de Maio que analisamos foi aprovado durante a assembleia geral do dia 23 de setembro de 1928 e registrado no cartório em 9 de abril de 1929. As referências aos artigos do estatuto no livro ata, nas décadas de 1940 e 1950, coincidem com o Estatuto reformulado em 1967, indicando que o texto do estatuto sofreu poucas alterações, sendo atualizado praticamente a mudança das cifras, conforme as mudanças da moeda nacional durante o período analisado (mil réis, cruzeiro, e cruzeiro novo).

<sup>32</sup> BATISTA, 2014; ESCOBAR, 2010, 2015, 2016; FERRARINI, 1971; LONER, 1999; RIBEIRO, 2015; SILVA, 2014, 2015, 2017.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acesso em: 08 fev. 2019.

<sup>34</sup> Provavelmente, as sócias tinham um livro de registro próprio, ou outros documentos produzidos por elas sobre elas, dos quais não tivemos acesso ainda. A maior parte da documentação acessada no decorrer dessa dissertação foi produzida pelos diretores e jornalistas, quase todos estão permeados pela percepção masculina sobre a ação das mulheres, há como exceção alguns anúncios de jornal que são assinados por alguma diretora.

expectativas, planos de ações, execução ou alterações, atendimento ou reprovação das solicitações. Nas atas constam homenagens póstumas, a importância das festas, os saldos positivos, endividamentos e empréstimos feitos a outras Sociedades Co-irmãs, a cobrança de mensalidades em atraso, as negociações feitas entre a diretoria feminina e masculina sobre os aluguéis ou empréstimos dos salões para as realizações de festas. As sócias entram em pauta geralmente quando realizam solicitações de auxílio saúde, quando alguém de sua família informa seu falecimento, quando estão em débito com o caixa social ou, ainda, quando conseguem quitar suas dívidas recebendo, com toda honraria, o título de sócias remidas.<sup>35</sup> Além disso, as agremiações femininas por meio de suas diretoras encaminhavam solicitações à diretoria masculina para utilizar os salões para realização de festas ou alguma campanha beneficente a instituições de caridade, essas ações foram registradas porque precisavam receber a autorização. Já as atividades realizadas fora da sede, por não necessitar da autorização dos diretores, foram ocultadas das atas, sendo possível encontrá-las nos anúncios dos jornais.

No Estatuto e no Regimento, encontram-se as normas gerais à finalidade da Sociedade, os pré-requisitos para se tornarem sócias/os, os direitos e deveres, as funções da Diretoria, as normas para as eleições, as punições e critérios para expulsão das/os sócias/os. No Regimento Interno, é possível acessar as normas à realização das Assembléias, do funcionamento do Botequim e da Caixa de Socorro, os valores pagos nos auxílio-saúde, auxílio-velório e auxílio-viúva/herdeiros, e às penalidades. Ainda no estatuto, é possível perceber que havia critérios para associar-se condicionados ao gênero, sendo que às mulheres era imposta certas limitações: só seriam aceitas se fossem autorizadas por homens de sua família, que já fossem sócios e estivessem quites com o caixa social, seriam aceitas com uma

---

<sup>35</sup> Além desses dados sugerirem certa fragilidade financeira e de saúde, são indicativos de que as sócias não só faziam uso dos auxílios sociais mas, também se empenhavam em ajudar a mantê-los. Onze sócias foram citadas no livro ata: Catharina de Souza, Fé Mendes da Luz, Aime Freitas, Gabriella Campolin, Maria Paula Rosa de Souza, Maria Barbosa das Dores, Maria Muller, Adelaide Paula Rosa de Souza, Ana Mendes, Januária Maria da Conceição e Maria das Dores Silva. Algumas dessas sócias são referidas com certo destaque: Gabriela Campolim foi responsável pela confecção do estandarte da S.O.B. 13 de Maio, evidenciando sua profissão como costureira; Maria Paula Rosa de Souza é citada como a oradora do Grêmio Flor de Maio; Adelaide de Paula Rosa de Souza é referida como presidente do Grêmio Flor de Maio e, posteriormente, do Grêmio Princesa Isabel, cargos indicativos de habilidades discursivas e provável formação escolar. Januária Maria da Conceição é a única sócia a lograr uma aposentadoria.

faixa etária mais jovem do que a dos homens, não poderiam votar e ser eleitas aos cargos da diretoria, tinham acesso ao auxílio em caso de viuvez e na velhice, embora, não pudessem recorrer a auxílios durante a gravidez e no pós parto.

Em anúncios e matérias dos jornais *A República*, *A Tarde*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde* e o *O Dia* pude encontrar referências ao Grêmio Flor de Maio e ao Grêmio Princesa Isabel durante a década de 1920, ou seja, anterior à aprovação do Estatuto da S.O.B. 13 de Maio, da conquista do voto feminino e aos registros do 3º Livro ata. Os jornalistas registraram os anúncios de festas, excursões, concursos de beleza, subvenções recebidas, doações realizadas pelas agremiações femininas a alguma instituição, campanhas beneficentes na área da saúde e educação e casos polêmicos envolvendo as sócias das agremiações femininas filiadas a S.O.B. 13 de Maio no período de 1922-1963. Analisamos também duas fotografias uma ao ar livre retratando diversas associações negras em uma passeata cívica no centro de Curitiba em 1913 e a outra uma fotografia das/os componentes do Grêmio Flor de Maio dentro da sede da S.O.B. 13 de Maio em 1938.

Este trabalho organiza-se, assim em dois capítulos. Ao longo do primeiro procuro responder a questão: qual a importância das sócias e das agremiações de mulheres para a S.O.B. 13 de Maio? Apresento um breve histórico sobre a S.O.B. 13 de Maio e sobre a agremiações de mulheres dentro daquele Clube Social Negro, outras agremiações femininas em Curitiba e no Estado do Paraná. Investigo se haviam critérios de gênero no estatuto e em que medida as sócias se enquadravam nas determinações deste, e em quais situações transgrediram as barreiras e construíram outras possibilidades de ações e benefícios sociais para as mulheres e para o grupo. Elaboro uma síntese sobre a maneira como os diretores citam as mulheres no 3º livro ata, suas solicitações à diretoria masculina, a negociação de dívidas, a solicitação de auxílios e o encaminhamento de propostas de ações, individuais ou coletivas. Neste capítulo, também abordo as informações que os jornalistas publicaram sobre as sócias e agremiações femininas filiadas a S.O.B. 13 de Maio. No segundo apresento o significado dos nomes das associações femininas negras, a importância da organização das festas para a S.O.B. 13 de Maio e para os grêmios femininos. Os tipos de festas realizadas por ambas diretoria feminina e masculina: as Sessões Magna em comemoração a abolição e ao aniversário da S.O.B. 13 de Maio, a festa em homenagem ao centenário do aniversário da

Princesa Isabel, o baile da chita, o baile da neve, festa campestre e os bailes de carnaval. A presença de membros de diversas S.O.B.'s nas festas organizadas pela S.O.B. 13 de Maio ou agremiações de mulheres, a extensa rede de sociabilidades da qual ambas diretorias faziam parte. Como os jornais registravam as festas? Como os diretores percebiam a importância da realização das festas pelas agremiações das mulheres? Quais sentidos atribuídos à estas estratégias de sociabilidade? Qual a motivação para organizar as agremiações? Qual a importância das festas para as campanhas de beneficência?

“Nossos passos vem de longe” (Jurema Werneck)

## **2 AS MULHERES DA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO E A FORMAÇÃO DE AGREMIações FEMININAS NEGRAS**

O objetivo do presente capítulo consiste em compreender a importância das sócias para a organização da S.O.B. 13 de Maio<sup>36</sup> e entender o processo de formação das agremiações femininas (do Grêmio Flor de Maio e do Grêmio Princesa Isabel) filiadas a essa Sociedade. Para isso, analisarei os documentos da própria instituição, bem como, as notícias veiculadas nos jornais de Curitiba entre 1922 a 1963, em que é possível acessar as solicitações individuais das sócias à diretoria da S.O.B. 13 de Maio e as solicitações coletivas, por meio da diretoria das agremiações femininas. Antes de iniciar a análise, é necessário lembrar das mulheres que as antecederam, assim como compreender a importância do associativismo em Curitiba, a grande quantidade e a diversidade racial, de gênero, de classe e de geração entre as associações.

### **2.1 FRAGMENTOS DE EXISTÊNCIA**

Desde 1888, ano da fundação da S.O.B. 13 de Maio, é possível localizar no livro ata de reuniões o agenciamento de nove mulheres. Para ingressar na Sociedade era necessário que pelo menos um diretor colocasse a ficha de inscrição sob apreciação da diretoria, no período de 1888 a 1896, todas as nove propostas foram aceitas por unanimidade de votos, nenhuma sócia foi recusada. Contudo, após tornarem-se oficialmente sócias, não consta nenhum outro tipo de proposta ou solicitação feito por elas. Embora, em uma sessão de 1896<sup>37</sup> a diretoria da S.O.B. 13 de Maio anunciou que essa Sociedade deixaria de comemorar o dia 28 de Setembro

---

<sup>36</sup> Inicialmente chamada apenas de Sociedade ou Clube 13 de Maio, foi fundada em 06 de junho de 1888, por volta de 1892 incorporou o adjetivo Beneficente e por volta de 1930 acrescentou o adjetivo Operária, modificando o nome para Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio (S.O.B. 13 de Maio), este nome ainda se mantém no presente e utilizarei a sigla para me referir a essa Sociedade ao longo do texto.

<sup>37</sup> “O Srº Benedicto Candido pede p. ser suprimido dos Estatutos as festas de 28 de Setembro visto já existir uma Sociedade com este titulo.” (LIVRO ATA DE REUNIÃO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 02/02/1896, fl. 129).



por ter surgido em Curitiba uma Sociedade com esse nome, ou seja, a nova Sociedade dedicar-se-ia a comemorar a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário, mesmo após a promulgação da Lei Áurea. Em 1895 quando a S.O.B. 28 de Setembro estava sendo fundada havia passado vinte e quatro anos da promulgação da Lei do Ventre Livre (28 de Setembro de 1871), dez anos da Lei dos Sexagenários (28 de Setembro de 1885) e sete da Lei Áurea (13 de Maio de 1888), as duas primeiras leis, em tese, foram superadas pela terceira, pois promulgou a abolição da escravatura sem condicionantes. Mas, então, qual seria o sentido de comemorar o 28 de Setembro, mesmo após 1888? O que aquelas pessoas pretendiam comemorar? Por que essa data não perdeu o significado nas primeiras décadas do pós abolição? Os significados dessas comemorações seriam imperecíveis? Ou, com o passar do tempo, a Lei do Ventre Livre e dos Sexagenários correriam o risco de passar por um processo de saturação histórica<sup>38</sup> em relação a homologação da Lei Áurea?

No livro ata os diretores não dão maiores informações mas, há indícios<sup>39</sup> de que a S.O.B. 28 de Setembro era composto majoritariamente por mulheres, provavelmente mulheres que foram beneficiadas pelas leis de 28 de setembro, gestantes, ou bebês ventres livres e escravizadas/os acima dos 60 anos, que só após a abolição puderam formar associações. Antes desse período as irmandades católicas eram o espaço de sociabilidade permitida aos escravizados/as, libertos/as e negros/as livres.

As leis abolicionistas de 28 de setembro passaram a ser comemoradas de maneira “retroativa” anualmente (de 1895 até pelo menos 1961) por suas sócias e sócios, nessas comemorações estava embutida a ideia do dever de memória<sup>40</sup>, talvez, aquelas mulheres se

---

<sup>38</sup> NORA, Pierre. La era de la conmemoración. In: NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008, p.167-199.

<sup>39</sup> Em comemoração ao 58º aniversário da Sociedade 28 de Setembro foi publicada uma matéria jornalística informando como ocorreu o festejo na sede da mesma, os convidados que compareceram e proferiram discursos, entre outras informações, consta: “A Sociedade 28 de Setembro é formada apenas de senhoras e moças e foi fundada a 22 de setembro de 1895, tendo portanto 58 anos de útil existência, o que naquele dia se comemorava.” *Diário da Tarde*, 1953, fl. 1 e 6.

<sup>40</sup> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos-os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles

sentiam na obrigação de rememorar os significados das antigas condições jurídicas (escravizadas, forras e ingênuas) e da promessa de liberdade que a expectativa do cumprimento das leis suscitaram. Mesmo que essa expectativa não tenha se concretizado da maneira como elas imaginaram, para a população recém egressa da escravidão era importante relembra o histórico de negociações da condição jurídica entre a escravidão e a liberdade, para no pós-abolição, mesmo após a conquista da liberdade, pudessem continuar negociando melhores condições de vida para si e para seus familiares. Portanto, é possível supor que o significado em comemorar tais leis pode estar ligado a necessidade de lembrar as expectativas passadas e tentar organizar as demandas do presente, mirando um futuro mais próspero. As Leis do Ventre Livre e do Sexagenário não perderam o sentido de acontecimento para aquela população formada por libertos e descendentes de escravizados, pois a comemoração reavivava a memória de lutas.

O acontecimento não é, por definição, redutível a sua efetuação à proporção em que ele está sempre aberto para um devir indefinido pelo qual seu sentido se metamorfoseará ao longo do tempo. Contrariamente ao que poderíamos pensar, o acontecimento nunca está realmente classificado nos arquivos do passado; ele pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro, provocar angústia e temor ou esperança, no caso de um acontecimento feliz.<sup>41</sup>

A data 28 de Setembro tem duplo significado no processo abolicionista pois em 28 de Setembro de 1871 foi promulgada a Lei do Ventre Livre e em 28 de Setembro de 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários. Leis que traziam uma promessa de liberdade para as gerações mais jovens e mais velhas de escravizados. Essas Leis são entendidas aqui como acontecimentos fantasmas, algo que volta do passado para o presente em forma de rememoração e emite um sentido para o futuro. Nesse sentido, organização das festas do 28 de setembro são expressões do dever de rememorar aquele histórico de resistência no pós-abolição e criar através das celebrações lugares de memória para manter a simbologia das

---

não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva. NORA, Pierre. Entre a Memória e a História. a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v.10, 1993.

<sup>41</sup> DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. [tradução de Constancia Morel] São Paulo: Editora Unesp, 2013.

datas vivas.

Tal como o pássaro sankofa,<sup>42</sup> que olha para trás (passado) enquanto voa para frente (futuro), a formação de associações estava ligada a necessidade de se conectarem com o passado recente e recordar as lutas pela liberdade, assim como retornar às suas origens ancestrais anteriores ao período de escravidão para perceber que vossos passos vinham de longe e poderiam ir muito além e por caminhos menos tortuosos.

Provavelmente o status de *ingênuo*<sup>43</sup> e de “13 de maio”<sup>44</sup> estivesse ainda presente na vivência daquelas mulheres que mesmo com a conquista do status de libertas/os e livres, sentiam o estigma da memória da escravidão, que fez com que pessoas negras fossem frequentemente associadas à escravidão e a posições sociais subalternas, o que estava abaixo das expectativas e dos sonhos com uma vida em liberdade, e com as melhorias de vida que a emancipação poderia significar para aquela população formada por recém libertas/os, africanas/os livres e descendentes de africanas/os. Por outro lado, é possível que a promessa de liberdade que as leis fomentavam, mexesse com os significados de ser mãe, de gestar e ter a liberdade para amamentar e criar seus filhos, de garantir para os mais velhos a liberdade e tratamento digno; de perceber que as gerações mais jovens e mais velhas estavam sendo libertas; de perceber que seria a última geração de sua família a ser escravizada e o sentimento de fazer parte de uma sociedade formada por cidadãs e cidadãos livres. Como seria essa vida

---

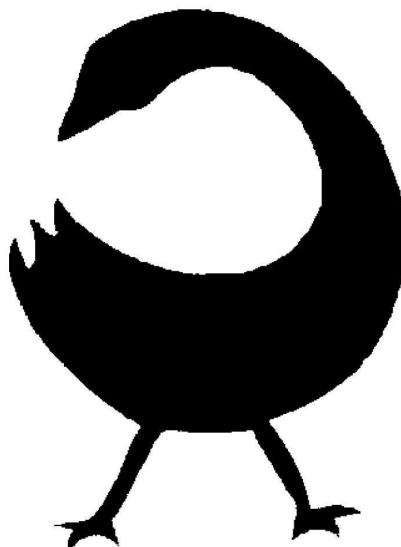
<sup>42</sup> A Sankofa é um símbolo adinkra da cultura akan. Os akan são um grupo étnico localizado na região que compreende os países de Gana, Burkina Faso, Togo Guiné e Costa do Marfim. Suas simbologias datam do século IX d.c. (...) Sankofa significa “voltar e apanhar de novo”: aprender do passado, construir sobre as fundações do passado. Em outras palavras: volte às suas raízes e construa sobre elas para o desenvolvimento, progresso e a prosperidade de sua comunidade em todos os aspectos da realização humana. CASTRO, Jacqueline Aparecida Gonçalves Fernandes de; MENEZES, Marilza dos S.. Design étnico: a identidade sociocultural dos signos. In: MENEZES, M.S.; PASCHOARELLI, L.C. (orgs). **Design e planejamento**: aspectos tecnológicos. São Paulo, 2009.

<sup>43</sup> Ingênuo é o status jurídico das crianças nascidas de mães escravizadas após 28 de setembro de 1871, data em que foi aprovada a Lei do Ventre Livre. O status de ingênuo possui certas ambiguidades pois, a criança era considerada livre mas, ao mesmo tempo era imposta uma série de condições para tornar efetiva sua liberdade. Do nascimento até o 8 anos o ingênuo vivia sob a tutela do senhor de sua mãe. Se a mãe fosse liberta poderia requerer a guarda de seu filho na justiça. Após os 8 anos o senhor tinha duas opções: entregar a criança para o Estado e receber uma indenização, ou explorar o trabalho do ingênuo até os 21 anos. GOURAUD, Clara. Uma infância que liberta? Estratégias de emancipação das mães de ingênuos nos tempos da Lei do Ventre Livre. São Paulo, 1871-1888. **Revista do Arquivo**, São Paulo, v. 2, n. 7, 2018.

<sup>44</sup> Ser um “13 de maio” converteu-se em um estigma na Primeira República, sinal de uma cidadania recente, de segunda classe. Para ridicularizar uma pessoa de cor era comum chamar-lhe de “13 de Maio” (ex-escravo), mesmo que esse tenha nascido livre. JESUS, Matheus G. de. Ninguém quer ser um treze de maio. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 37, n. 1, 2018.

em liberdade?

**Imagem 1-** Símbolo Adinkra Sankofa



*Fonte: Ocupação Abdias do Nascimento - Itaú Cultural.* <sup>45</sup>

Apenas 5 meses após a fundação da nova Sociedade os diretores da S.O.B. 13 de Maio decidiram alterar o estatuto, excluindo o artigo que afirmava o compromisso de comemorar as data 28 de setembro. O que poderia indicar que ambas as diretorias se conheciam e que os diretores abdicaram da data em favor das diretoras da S.O.B. 28 de Setembro, por considerar que o significado daquela data tinha maior ligação com o histórico de lutas por emancipação das mulheres, por confiarem na capacidade organizativa daquelas mulheres e por respeitarem a importância que a data tinha para o novo grupo que se auto-denominou 28 de Setembro, assim como, os diretores da S.O.B. 13 de Maio fizeram com a data da Lei Áurea. Certamente, os membros de ambas as Sociedades se conheciam e estavam de acordo com a importância simbólica que ambas as datas tinham para os grupos.

Logo nos primeiros anos de formação da S.O.B. 28 de Setembro é perceptível a presença de alguns sócios e sócias da S.O.B. 13 de Maio na organização da nova Sociedade, por exemplo, Eugênia Alves Araújo era sócia da S.O.B. 13 de Maio <sup>46</sup> e foi presidente da

---

<sup>45</sup> Disponível em: <[https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content\\_link=6](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content_link=6)>  
Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>46</sup> *Diário da Tarde*, 05/01/1912, fl. 02.

S.O.B. 28 de Setembro<sup>47</sup>, Paulo Marques<sup>48</sup> e Benedito Cândido<sup>49</sup> também foram associados a ambas Sociedades mas, diferentemente de Eugênia, os dois sócios também compuseram a diretoria de ambas Sociedades. Isso pode indicar que a S.O.B. 28 de Setembro é dissidente da S.O.B. 13 de Maio. É possível que as mulheres da S.O.B. 13 de Maio, preferiram montar para si uma Sociedade em que as mulheres teriam maior espaço de decisão e pudessem formular suas próprias pautas.

### Quadro 1 - Associações Femininas Negras de Curitiba

Associações femininas negras	Período de funcionamento	Filiação
1- S.O.B. 28 de Setembro	22/09/1895 a 13/05/1961	independente <sup>50</sup>
2- Grêmio das Camélias	04/06/1899 a 20/04/1927 <sup>51</sup>	S.O.B. 13 de Maio
3- Grêmio 13 de Maio	25/05/1912 a 23/04/1919	S.O.B. 13 de Maio
4- Grêmio Flor de Maio	17/11/1922 a 13/05/1946	S.O.B. 13 de Maio
5- Grêmio Princesa Isabel	12/02/1924 a 13/05/1963	S.O.B. 13 de Maio

Fonte: produzida pela a autora, 2019

Apesar de ser possível encontrar algumas gestões da diretoria da S.O.B. 28 de Setembro exclusivamente de mulheres,<sup>52</sup> em algumas festas há sócios na composição das comissões organizativas<sup>53</sup> e em outras situações aparecem homens ocupando algum cargo da diretoria, ou como representante da S.O.B. 28 de Setembro, como na reunião para a escolha da representante do Paraná no 2º Congresso Feminista realizado no Rio de Janeiro em 1931. Nessa reunião oito associações femininas de Curitiba escolheram a Sr.<sup>a</sup> Martha Silva Gomes

<sup>47</sup> *Diário da Tarde*, 02/01/1903, fl.2.

<sup>48</sup> Paulo Marques é referido como orador da S.O.B. 28 de Setembro. *Diário da Tarde*, 29/09/1903, fl. 1.

<sup>49</sup> Benedito Cândido foi socorrido por uma campanha beneficente entre diversas Sociedade, dentre elas a S.O.B. 28 de Setembro. *Diário da Tarde*, 08/10/1901, fl.2. Benedito também foi o representante da S.O.B. 28 de Setembro na reunião para a escolha da representante do Paraná no 2º Congresso Feminino realizado em 1931 no Rio de Janeiro. *O Dia*, 06/06/1931, fl.8.

<sup>50</sup> A S.O.B. 28 de Setembro era independente, não estava filiada a outra Sociedade, diferente das agremiações femininas, dessa forma dividimos em duas categorias as associações femininas (independentes) e as agremiações femininas (filiadas).

<sup>51</sup> Há indícios de que o Grêmio das Camélias foi desativado entre 1903 a 1924, quando foi reativado.

<sup>52</sup> *Diário da Tarde*, 01/09/1908, fl.2.

<sup>53</sup> Sendo recorrente o nome de alguns diretores da S.O.B. 13 de Maio como Benedito Elesbão, Paulo Marques, Norberto Garcia e Benedito Cândido. *Diário da Tarde*, 26/09/1905, fl.2; 25/09/1908, fl.2; 11/10/1911, fl.2.

para representar o Paraná, a mesma já havia representado as associações femininas do Paraná no 1º Congresso Feminista em 1922 no Rio de Janeiro.

(...) Ophelia de Menezes Piza e Fernandina Lagos Marques, pelo Gremio das Violetas; Lourencita Carnasciali, pelo Gremio Bouquet; Ivette Merhy, pelo Gremio Perolas do Oriente; Lucia Netto Kluppel, pelo Centro Civico Anita Garibaldi; Benedicto Candido, pela Sociedade B. 28 de Setembro; Lucio Freitas, pelo Gremio Estrella D'Alva; Walfrido Pilotto, pelo Gremio Nicola Petrelli; Francisca Ayres, pelo Gremio 27 de Janeiro”.<sup>54</sup>

É interessante perceber que alguns homens ocupavam cargos de destaque mesmo tratando-se de um encontro de mulheres, pelas causas do sufrágio feminino.<sup>55</sup> Por quais motivos os sócios estavam representando as diretoras? A presença de homens em tal reunião era percebida como benéfica ou maléfica para os objetivos pretendidos? Por que as diretoras da S.O.B. 28 de Setembro não compareceram a reunião? Será que estas não se identificavam com o discurso feminista? Será que as diretoras foram constrangidas pelos diretores a não participar? Embora não saibamos o tom e o conteúdo do discurso proferido por cada integrante na reunião, é perceptível que das oito agremiações presentes, três foram representadas por diretores homens, a S.O.B. 28 de Setembro, o Grêmio Estrella D'Alva e o Grêmio Nicolla Petrelli, o que indica um caráter misto dessas agremiações aparentemente exclusiva de mulheres, ou seja, os homens ali presentes foram autorizados pelas diretoras a representar as agremiações femininas. Esse três representantes, compunham a diretoria de várias Sociedades Operárias concomitantemente, ou seja, tinha uma atuação relevante no meio operário e certamente por esse motivo foram convidados a engajarem-se na causa do sufrágio feminino. Outro aspecto a se considerar é o destaque dessas oito agremiações femininas em prol da causa do sufrágio feminino, dentro de um universo associativo feminino grande como o da capital paranaense, apenas 8 associações estavam interessadas ou foram reconhecidas como parceiras da causa do direito ao voto feminino, estas associações estavam

---

<sup>54</sup> *O Dia*, op. cit., fl.8.

<sup>55</sup> A luta pelo direito ao voto feminino geralmente é tratado pela historiografia como a pauta das feministas brancas burguesas, no trecho acima é perceptível que o direito ao voto feminino interessavam as mulheres negras operárias e a seus companheiros negros operários.

previamente organizadas, conheciam umas às outras e reconheciam-se como parceiras, ou ao menos, estavam tentando estabelecer parcerias. Até o momento pudemos verificar que a S.O.B. 28 de Setembro foi a representante do associativismo feminino negro curitibano, ainda cabe investigar alguns indícios<sup>56</sup> que podem indicar que o Grêmio Estrela D'Alva fazia parte deste mesmo segmento.

Em outras associações femininas que iremos tratar no item 3.1, também ocorreram situações em que diretores homens receberam procuração das diretoras mulheres autorizando-os a representá-las, e outras situações em que a diretoria da S.O.B. 13 de Maio não reconheceu a solicitação feita por um diretor em nome do Grêmio Flor de Maio por este não estar previamente autorizado pelas diretoras do mesmo grêmio. É de se supor que essas interações entre homens e mulheres na direção das agremiações femininas foram estratégias coletiva de compartilhamento de responsabilidade e ampliação da rede de contatos de ambas associações, e não meramente uma imposição masculina sobre as mulheres. Por outro lado, nessa época nenhuma mulher havia assumido qualquer cargo na diretoria geral da S.O.B. 13 de Maio, nem mesmo como suplente.

Parece contraditório ter diretores representando as diretoras em prol do voto feminino, sendo que no âmbito associativo havia normas estatutárias que impediam as sócias assumirem cargos na diretoria. Por qual motivo os diretores defendiam o voto feminino em âmbito público e restringiam no âmbito privado? Pode ser que a questão do sufrágio feminino fosse vista por alguns diretores como uma afronta das mulheres, e uma ameaça ao poder político de votar e ser eleito em cargos da administração pública, privilégio que até aquele momento era exclusivamente masculino, sobretudo, masculino branco e burguês. Por outro lado, alguns diretores poderiam vislumbrar no direito ao voto feminino uma maneira de somar votos em candidatos sensíveis às causas operárias e raciais e até mesmo, poderiam sentirem-se encorajados em lançar candidatura, certos de que suas parceiras de associação poderiam votar neles e, eles poderiam apoiar a candidatura delas. Haja vista, os casos já conhecidos como de

---

<sup>56</sup> O Grêmio Estrela D'Alva é um dos grêmios referidos na passeata cívica em homenagem ao comandante João Gualberto, possivelmente suas agremiadas estão na fotografia 1 (p. 46 desta dissertação), onde mulheres negras estão em primeiro plano e os homens negros e brancos no plano de fundo, assunto que trataremos adiante.

Antonieta de Barros<sup>57</sup> e da Frente Negra Brasileira<sup>58</sup>. No capítulo 3. sub-item 3 trataremos do caso do sócio e diretor da S.O.B. 13 de Maio Benone Victorino da Silva que integrou de forma ativa a rede associativa da cidade, associando-se a pelo menos 12 S.O.B.'s durante a década de 1950, tendo lançado candidatura a deputado no mesmo período.

Quatro anos após a fundação da S.O.B. 28 de Setembro, surgiu em Curitiba mais uma agremiação feminina. “Formou-se no domingo dia 4 do corrente, no Club 13 de Maio o Grêmio das Camélias, composto de moças”.<sup>59</sup> A escolha do nome faz referência as camélias do Leblon ou camélias da liberdade<sup>60</sup>. A flor tornou-se símbolo do abolicionismo pois, alguns escravizados que fugiram e conseguiram se esconder no sítio do imigrante português José Seixas Magalhães localizado no Leblon, passaram a plantar e vender camélias para a própria subsistência. Aos poucos o quilombo do Leblon cresceu e passou a ser buscado por outros escravizados em fuga e abolicionistas que aderiram ao movimento e passaram a comprar as camélias como forma de financiar o movimento, mas também para utilizá-las como enfeite no traje, ou plantadas nos jardins de suas casas, fazendo dessa forma, propaganda do quilombo do Leblon e do movimento abolicionista. A camélia passou a ser um código entre quilombolas, abolicionistas e escravizados em fuga. Nesse contexto, as pessoas envolvidas com as camélias faziam parte de um movimento antiescravista que pretendia promover a emancipação do maior número de escravizados sem precisar esperar as decisões parlamentares sobre leis que visavam promover a emancipação gradual e de maneira indenizada (Lei do Ventre Livre e Lei dos Sexagenários), ou a abolição imediata (Lei Áurea).

<sup>57</sup> Antonieta de Barros foi a primeira deputada negra do país e a primeira deputada eleita no estado de Santa Catarina pelo Partido Liberal Catarinense (PLC) em 1934. Foi eleita novamente pelo Partido Social Democrático (PSD) em 1947. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/antonietaebarros>> Acesso em: 28 fev.2020. Após 86 anos do sufrágio feminino e da primeira deputada negra eleita no Brasil, o estado do Paraná ainda não elegeu nenhuma deputada negra. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/participacao-feminina-na-assembleia-legislativa-cresceu-ao-longo-da-historia-1>> Acesso em: 28 fev. 2020.

<sup>58</sup> A Frente Negra Brasileira foi a primeira e única associação negra com dimensões nacionais que conseguiu preencher os critérios legais para tornar-se um partido político formado por negros e negras, esteve em funcionamento entre 1931 a 1937. Em 1937 entre as primeiras ações do Estado Novo Getúlio Vargas dissolveu todos os partidos políticos, inclusive a Frente Negra Brasileira. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira/?gclid=Cj0KCOiAkePyBRCEARIsAMy5Scu5ZL-HiECHhoBd00lYUyU7d5zLaH4hKxU7\\_2xRg40uA0sG2CQkP44aAiDUEALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira/?gclid=Cj0KCOiAkePyBRCEARIsAMy5Scu5ZL-HiECHhoBd00lYUyU7d5zLaH4hKxU7_2xRg40uA0sG2CQkP44aAiDUEALw_wcB)> Acesso em: 28 fev. 2020.

<sup>59</sup> *Diário da Tarde*, 07/06/1889, fl. 1.

<sup>60</sup> SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura**: uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.44.



As camélias passaram a simbolizar o abolicionismo radical, foi o símbolo da Confederação Abolicionista.<sup>61</sup> Novamente as mulheres escolheram um nome para sua agremiação que remete ao passado escravista, ao processo abolicionista e sobretudo a luta pela liberdade. As expectativas com a liberdade, dessa vez, remetem a uma herança de insubordinação, em que as/os escravizadas/os e libertas/os foram atuantes no movimento de emancipação através do aquilombamento e com apoio dos abolicionistas.

Não sabemos exatamente, em qual período o Grêmio das Camélias esteve em funcionamento, embora, saibamos que sua fundação ocorreu em 04 de junho de 1899, e há indícios de que entre 1903 à 1924 (21 anos) a agremiação esteve desativada, provavelmente encerrou suas atividades após o protesto das sócias contra o comportamento desrespeitoso dos “sócios auxiliares”.

(...) consta que algumas sócias deste gremio vão fazer um officio a sra. presidente pedindo para serem desconsiderados sócios auxiliar os cidadãos que querem ser mandatários deste Gremio alegando os autores em todas as sessões entrar na mesma não deixando as sócias usarem da palavra devido os [ ]<sup>62</sup> dado pelo mesmo e que nunca se viu em parte do mundo sócios auxiliares desta forma, em [ ] disso senhores auxiliares pedem a sua demissão de sócios por enquanto essa sociedade é a única exclusivamente de moças e que é ridículo o cidadão querer ser mandatário em uma sociedade de moças, mais uma vez ficamos certo que a digna directoria dispensará esses intrusos que privam o aparecimento das sócias nas sessões e quando não é feito o que os mandarins querem, fazem carranca as sócias como se a sociedade pertencesse a elles, (...) <sup>63</sup>

As sócias utilizaram da imprensa para publicizar os atos inconveniente de alguns “sócios auxiliares”, elas não queriam mais ser interrompidas durante as sessões, não aceitavam serem coagidas, silenciadas, interpeladas durante o debate de propostas, enfim, não aguentavam mais ver os seus direitos sociais constantemente desrespeitados.

Falar em público era considerada uma tarefa masculina, as mulheres eram convidadas para serem ouvintes em espaços de debates políticos, e as que ousassem falar eram entendidas

---

<sup>61</sup> Ibidem, p.46-47.

<sup>62</sup> Adotei o código [ ] para palavras ilegíveis.

<sup>63</sup> *Diário da Tarde*, 06/11/1903, fl. 3.

como pouco femininas, não cristãs, arrogantes e estavam sujeitas ao escárnio dos homens.<sup>64</sup> Conforme Davis (2013), falar em público era algo desafiador para mulheres negras e brancas estadunidenses no final do século XIX e início do século XX, mesmo dentro de organizações de mulheres, para um público majoritariamente de mulheres, bastava ter um ou dois homens na platéia deslegitimando o discurso delas, para atrapalhar e, por vezes, roubar a fala e encerrar a discussão. No caso brasileiro supracitado, as sócias escolheram não expor o nome dos “sócios auxiliares” e, também, seus próprios nomes, preferindo utilizar os codinomes Violeta Branca, Cravo Roxo, Jasmim do Prado e Sempreviva ao denunciar os abusos. Resguardaram, assim, a identidade de quase todas/todos as/os envolvidas/os, deixando em evidência apenas o nome da presidente Ambrosina Maria de Campos de quem elas estavam cobrando um posicionamento. Depois desse incidente encontramos somente duas notícias, uma que informava a reativação da agremiação<sup>65</sup> e outra que anunciava a composição da gestão de 1927/1928 do Grêmio das Camélias.<sup>66</sup>

Essas interrupções na fala, ar de deboche parece um comportamento contemporâneo de um período de tempo não contemporâneo aqui entendido:

O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas. A distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimentação de camadas sucessivas de sentido que expandem o seu alcance graças à maior profundidade.<sup>67</sup>

Essa situação ocorreu em 1903 e ao que parece ela muito se assemelha as práticas de *maninterrupting*, *mansplaining* e *gaslighting*<sup>68</sup> tão frequentes em espaços de poder e decisão

<sup>64</sup> DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Lisboa: Plataforma Gueto, 2013.

<sup>65</sup> *O Dia*, 15/10/1924, fl. 5.

<sup>66</sup> *O Dia*, 20/04/1927, fl. 6.

<sup>67</sup> DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012.

<sup>68</sup> A palavra *maninterrupting* é uma expressão da língua inglesa que é formada da junção da palavra *man* (homem) *interrupting* (interrompendo), é quando um ou mais homens interrompem com frequência uma ou mais mulheres, dificultando que ela/s conclua/m o raciocínio de sua explanação. O termo *mansplaining* é formado pelas palavras

política ainda no século XXI. Nesse ponto, o presente das mulheres pesquisadas (nosso passado), parece fundir-se ao nosso presente, por meio da experiência das relações de gênero, onde a estrutura patriarcal que ainda se faz presente de forma dominante. “A história não é apenas singular, ela também se repete. Não em sua sequência de eventos – nesse aspecto, ela sempre permanece singular em sua complexidade e sua aleatoriedade -, mas nas estruturas que viabilizam os eventos.”<sup>69</sup>

Em Curitiba no período analisado havia outras agremiações femininas que usavam o nome de flores para se nomear.

**Quadro 2 - Agremiações femininas em Curitiba 1894-1954**

Grêmio	Fundação	Filiação	Fundação
1 - Grêmio Bouquet	14/06/1902	Cassino Curitibano	15/04/1894
2 - Grêmio das Camélias	04/06/1899	Sociedade Protetora dos Operários S.O.B. 13 de Maio	28/01/1883 06/06/1888
3 - Grêmio Corbeille de Flores	09/10/1931* <sup>70</sup>	Sociedade Handwerker	19/07/1884
4 - Grêmio Flor de Maio	17/11/1922*	S.O.B. 13 de Maio	06/06/1888
5 - Grêmio Madressilva	25/05/1935	Centro Português Sociedade Portuguesa 1º de Dezembro	05/10/1930 01/12/1878
6 - Grêmio das Margaridas	19/06/1926*	Sociedade Teuto Brasileira Sociedade 30 de Novembro Clube Atlético Ferroviário	__/_/_/1890*

man (homem) plaining (explicando), quando um homem resolve explicar algo sem necessidade a uma mulher, deixando-a entender que ela não é capaz de compreender algo por si mesma. Gaslighting é o conjunto de práticas de manipulação psicológica. Disponível em: <<https://www.engajamundo.org/2017/12/05/maninterrupting-mansplaining-gaslighting-o-que-e-onde-vivem-como-se-reproduzem/>> Acesso em: 28 fev. 2020. A deputada Manuela D'Ávila candidata a Vice Presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT) foi interrompida 62 vezes durante o programa de TV Roda Viva, ou seja, tornou-se alvo de maninterrupting. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bjiup7kdfJQ>> Acesso em: 28 fev. 2020.

<sup>69</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, p. 215.

<sup>70</sup> Utilizamos o \* para sinalizar agremiações em que não foi possível localizar a data de sua fundação, nas quais deixamos indicada as menções mais antiga feitas nos jornais.

7 - Grêmio Orquídea ao Luar	09/10/1954*	S. Beneficente R. Santa Quitéria	
8 - Grêmio das Túlipas	19/06/1926	S. Literária Recreativa do Portão	14/07/1931
9 - Grêmio das Violetas	22/12/1894	Clube Curitibano	06/01/1882
10 - Grêmio Vitória Régia	14/10/1938	Clube Libanês	31/01/1936

Fonte: produzido pela autora, 2019

No quadro acima é perceptível observar, agremiações fundadas ainda no século XIX, outras encontramos as primeiras menções nas décadas de 1920, 1930 e 1950, podendo haver a possibilidade de terem sido fundadas antes dessas datas. Em alguns casos conseguimos localizar a data de fundação a partir dos convites das festas em comemoração ao aniversário da agremiação, divulgados nos jornais.

Outro aspecto importante, é a filiação dessas agremiações a Sociedades/Clubes de procedência<sup>71</sup> diversas: africanos, alemães, portugueses, italianos, libaneses e seus descendentes. Algumas agremiações aparecem filiadas a mais de uma Sociedade mostrando que essas filiações poderiam se estabelecer de maneira fluida, poderiam estabelecer vínculos com mais de uma Sociedade simultaneamente, ou poderiam a qualquer momento mudar de filiação, buscando relações que melhor se adequassem aos objetivos do grupo de mulheres. Ainda havia a possibilidade de constituírem associações independentes como a já mencionada S.O.B. 28 de Setembro.

No decorrer da pesquisa listei 48 associações femininas em Curitiba e 10 no interior do estado do Paraná, provavelmente, havia muitas outras associações femininas, essas são as que apareceram com maior frequência nos jornais que consultei. Não conseguimos ainda precisar com exatidão o período de funcionamento de cada uma delas mas, sabemos que algumas foram efêmeras e outras duradouras, como o Centro Paranaense Feminino de Cultura fundado em 1933 e em funcionamento atualmente.<sup>72</sup> Nem todas utilizavam a denominação Grêmio, poderia-se optar por Clube, Sociedade, ou Centro e, ao que parece, as agremiações

<sup>71</sup> MORTARI, Cláudia. **Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil**: Criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788-1850. 2007. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

<sup>72</sup> O Centro Paranaense Feminino de Cultura tem uma página no facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cpfc1717/>> Acesso em: 08 nov. 2019.

geralmente estavam filiadas a alguma Sociedade/Clube, instituições legalmente reconhecidas com sede, estatuto e licença municipal e estadual próprio. As agremiações se filiavam a essas instituições já reconhecidas para utilizar dessa estrutura. O universo associativo feminino no final do século XIX e início do século XX é vasto e diverso, havia associações independentes, filiadas, ligadas a clubes de futebol,<sup>73</sup> origem étnica;<sup>74</sup> categorias profissionais;<sup>75</sup> bairros;<sup>76</sup> em homenagem a datas históricas,<sup>77</sup> ou heróis<sup>78</sup> e heroínas<sup>79</sup> nacionais; entre outros.<sup>80</sup>

Mas, e por qual motivo as flores eram uma temática recorrente na denominação das agremiações femininas? Segundo Silva (2003, p. 46) outras flores também podem simbolizar o movimento pela liberdade, mas a camélia era o símbolo máximo, usado sempre que possível. As flores são o órgão reprodutivo da planta, são ornamentos dos jardins, são símbolos da beleza, delicadeza, feminilidade, romantismo. No entanto,

Apesar de grande parte dessas associações manterem uma visão tradicional da feminilidade, em que a mulher era percebida como principal responsável pelo lar e pela família, sua atuação ia muito além de tais concepções, pois era também marcada pela ideia de que as mulheres deveriam demonstrar sua utilidade enquanto cidadãs e sua responsabilidade para com os problemas e dificuldades peculiares à existência feminina.<sup>81</sup>

Das 10 agremiações listadas no quadro 1, apenas 3 foram fundadas após a conquista do sufrágio feminino, o que indica que essas mulheres estavam desenvolvendo atividades fora do ambiente doméstico muito antes de conquistar o direito ao voto. Será que elas também

<sup>73</sup> O Grêmio Coritiba filiado ao Coritiba Futebol Clube. jornal. O Grêmio Rubro Negro filiado ao Clube Atlético Paranaense. *O Dia*, 03/01/1930, fl. 7.

<sup>74</sup> O Grêmio Pérolas do Oriente filiadas à União Syria Paranaense. *O Dia*, 29/01/1930, fl. 6. O Grêmio Regina Helena di Savóia filiado à Sociedade Giuseppe Garibaldi, para imigrantes italianos e seus descendentes. *O Dia*, 24/05/1932, fl. 5.

<sup>75</sup> O Grêmio Amizade filiado à Sociedade dos Barriqueiros do Ahú. *Diário da Tarde*, 13/05/1922, fl. 1. . O Grêmio Beneficente Nicola Petreli filiado à Sociedade dos Trabalhadores na Erva Mate. *O dia*, 11/07/1951, p.3.

<sup>76</sup> O Grêmio Bacacheri filiado ao Bacacheri Atlético Clube. *O dia*, 03/10/1959, p.2. O Grêmio Batel filiado à S.O. B. do Batel. *Diário da Tarde*, 29/01/1940, fl.10.

<sup>77</sup> O Grêmio 27 de Janeiro filiado à Sociedade 27 de Janeiro. *Diário da Tarde*, 29/10/1927, fl. 6.. O Grêmio 15 de Novembro filiado à Sociedade 15 de Novembro. *Correio do Paraná*, 12/11/1932, fl. 4.

<sup>78</sup> O Grêmio Dramático Rio Branco filiado à Sociedade Rio Branco. *Diário da Tarde*, 23/07/1938, fl. 4..

<sup>79</sup> O Centro Cívico Anita Garibaldi. O Grêmio Princesa Isabel, filiado à S.O.B. 13 de Maio. *O Dia*, 06/02/1930, fl. 6.

<sup>80</sup> O Grêmio Cruzeiro do Sul filiado à S.O.B. Cruzeiro do Sul. *Diário da Tarde*, 09/06/1921, fl. 2

. O Grêmio Esperança filiado ao Clube Curitibano. *Diário da Tarde*, 01/11/1927, fl.2.

<sup>81</sup> SEIXAS, op. cit., p.2.

estiveram envolvidas no movimento sufragista? Quais atividades essas mulheres desenvolviam? O que elas pretendiam fazer?

O próprio conceito de maternalismo é de extrema relevância para se compreender as discussões presentes nas sociedades do fim do século XIX e começo do século XX. Ele pode ser definido como uma ideologia de valorização da mulher pelo seu papel enquanto mãe, que perpassou diferentes sociedades onde houve o desenvolvimento de Estados de Bem-Estar Social, ou como no Brasil, do governo populista de Getúlio Vargas, onde foram realizadas diversas reformas de cunho social, entre elas a criação de programas públicos de assistência social. O maternalismo pressupunha que a maternidade era intrínseca à natureza feminina, por isso a defesa dos direitos das mulheres se embasava em sua função maternal, em detrimento de sua valorização enquanto cidadã ou de uma concepção universalista de direitos.<sup>82</sup>

**Quadro 3** - Associações femininas do interior do Estado do Paraná

<b>Associação</b>	<b>Fundação</b>	<b>Filiação</b>	<b>Cidade</b>
1- Grêmio Primavera			Antonina
2- Clube de Campina Grande			Campina Grande
3-		Clube Recreativo Campos Gerais	Castro
4- Grêmio das Violetas	28/09/1913	Clube Rio Branco	Guarapuava
5- Grêmio Londrinense			Londrina
6-	1939 15/11/1951	Sociedade Princesa Isabel/ Associação de Recreação Operária de Londrina (AROL)	Londrina
7- Grêmio Flor do Deserto			Palmas
8- Grêmio Brisa Marinha			Paranaguá
9- Grêmio 25 de Dezembro			Paranaguá
10- Grêmio das Chrysalidas			Ponta Grossa
11- Grêmio Princesa do Campo			Ponta Grossa

<sup>82</sup> SEIXAS, op. cit., p. 3.

12-		Clube Recreativo e Literário 13 de Maio	Ponta Grossa
13- Sociedade 28 de Setembro		Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã	Tibagi

Fonte: produzido pela autora, 2019

Por mais que tenhamos várias lacunas em aberto no quadro acima, ainda assim, é possível observar a presença de clubes por todas as regiões do Estado do Paraná, do litoral ao oeste. Ainda que não tenhamos conseguido estabelecer a relação entre a matriz e as filiadas, o perfil racial dos associados, o gênero das diretorias é perceptível observar um padrão na maneira de se auto denominarem, há uma repetição de temas: datas do calendário nacional, homenagem a heróis e heroínas da nação, a geografia local da região do estado onde está situada e as agremiações de mulheres fazem geralmente referência a flores.

Além das sociedades mutualistas e das sociedades de resistência em suas diversas variedades e instâncias, convivem nesse período uma ampla gama de formas de organização dos trabalhadores, como cooperativas recreativas, educacionais e políticas. No entanto, com frequência mais de uma dessas atividades era desempenhada por uma mesma associação, inclusive no caso das sociedades de resistência.<sup>83</sup>

O Grêmio 13 de Maio<sup>84</sup> organizava festas e assembleias geralmente no Teatro Hauer e na Sociedade Protetora dos Operários. Através das notícias de jornal é possível perceber que a administração das festas eram partilhadas entre sócias e sócios, como na Sessão Magna de 1912, na qual as sócias ficaram responsáveis pela comissão de Toilet e Buffet, enquanto os sócios cuidaram da decoração e da portaria.<sup>85</sup> As sessões magnas do Grêmio 13 de Maio poderiam ocorrer em paralelo às sessões magnas da S.O.B. 13 de Maio. Na sessão magna de 1913, por exemplo, o Grêmio comemorou no Theatro Hauer e a S.O.B. 13 de Maio na própria sede, mesmo sendo uma organização filiada as sócias preferiram realizar sua festa em outro

<sup>83</sup> BATALHA, op. cit., p.21.

<sup>84</sup> Sobre o Grêmio 13 de Maio foi possível encontrar notícias entre 1912 a 1919 não sabendo exatamente o período em que esteve em funcionamento a agremiação.

<sup>85</sup> *Diário da Tarde*, 07/05/1913, fl. 3.

espaço. Isso indica que mesmo que compartilhassem o mesmo nome, sede, e pautas, em alguns momentos poderia haver divergência e a necessidade de fazerem atividades exclusivamente femininas, organizados por e para mulheres e num espaço em que elas estivessem assumindo a direção geral.

A composição da diretoria do Grêmio 13 de Maio da gestão de 1919/1920 era mista<sup>86</sup> embora, majoritariamente composto por mulheres. Dos oito cargos, sete foram ocupados por mulheres, dentre elas a 1ª secretária Virgília Alves Marques, empregada doméstica, preta e mãe de 5 filhos, incluindo entre eles/as Enedina Alves Marques<sup>87</sup> que na época estava com 6 anos. Tanto Virgília Alves Marques como o pintor Paulo Marques, mãe e pai de Enedina Alves Marques tiveram uma atuação relevante no associativismo feminino negro, nos clubes sociais negros e nas sociedades operárias de Curitiba, especialmente na S.O.B. 13 de Maio e nas agremiações femininas negra filiadas. A trajetória dessa família nos ajuda a pensar sobre a importância das redes de sociabilidades nas estratégias da melhoria da condição de vida da população negra por meio da instrução, do trabalho e do apoio mútuo entre as S.O.B.s.

Em 1913 o Grêmio 13 de Maio foi convidado pela Sociedade dos Boleiros para um préstito, seguido de festa campestre em Almirante Tamandaré (cidade da região metropolitana, ao Norte de Curitiba), cujo objetivo era homenagear o prefeito da cidade, entre os convidados estavam a S.O.B. 28 de Setembro, o Grêmio Estrela d'Alva, a Sociedade Protetora dos Operários, a Sociedade Condutores de Veículos, o Clube 15 de Novembro, o Centro Operário Paranaense entre outras associações convidadas,<sup>88</sup> não sendo mencionado o nome da S.O.B. 13 de Maio, o que demonstra que as diretoras eram conhecidas e convidadas por suas ações, não sendo consideradas apenas como um anexo de outra Sociedade. Por outro lado, isso não invalida a possibilidade dos diretores da S.O.B. 13 de Maio terem sido reconhecidos e convidados pelos organizadores do préstito, e até mesmo deles terem comparecido e se somado à passeata. Me parece interessante o fato dos jornalistas não se

---

<sup>86</sup> *Diário da Tarde*, 23/04/1919, fl. 2.

<sup>87</sup> Enedina Alves Marques assim como a mãe foi empregada doméstica, depois de concluir o magistério tornou-se professora do primário em 1931, continuou exercendo as duas profissões enquanto cursava engenharia civil, graduou-se em 1945 pela UFPR, tornando-se a primeira engenheira do Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil. SANTANA, Jorge L.. **Rompendo Barreiras**: Enedina uma mulher singular. 2013. 73 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013, p. 26-34.

<sup>88</sup> *Diário da Tarde*, 13/05/1913, fl. 3.



referirem às mulheres em relação aos homens, sem subalternizá-las. Segundo Davis (2013, p.12-16), a escravidão alterou a forma como as populações africanas na diáspora vivenciavam a feminilidade e a masculinidade, ou seja, a construção da identidade de gênero entre negros e brancos; escravos e livres foi vivenciada de maneira diferente. A mulher negra não podia ser vista como sexo frágil, pois essa deveria trabalhar tanto quanto os homens escravizados e o homem escravizado não poderia ser visto como o chefe da família, por ser subalterno ao senhor.

Abaixo segue uma fotografia de uma outra manifestação cívica no centro de Curitiba no mesmo ano (1913).

**Fotografia 1** - Sociedades que se reuniram na Praça Tiradentes 21 de abril de 1913



*Fonte: Acervo Casa da Memória de Curitiba - Fundação Cultural de Curitiba*

Mantive como título da fotografia acima a legenda da lateral esquerda feita pelo fotógrafo Arthur Wischral. Essa fotografia foi tirada por ele na segunda-feira de feriado do dia 21 de Abril, na Praça Tiradentes, onde foi organizada às 14h uma concentração composta por

diversas escolas,<sup>89</sup> Sociedades,<sup>90</sup> autoridades civis<sup>91</sup>, militares<sup>92</sup> e população curitibana em comemoração a Tiradentes, mártir da inconfidência mineira, movimento visto como o precursor da independência e, portanto, herói da nação brasileira (conforme o discurso oficial) e ao coronel João Gualberto morto em combate na Campanha do Irani na Guerra do Contestado. Mas quem são essas pessoas na fotografia?

Em primeiro plano na imagem estão presentes diversas mulheres, homens e crianças negras e algumas brancas. Por toda extensão da praça estão erguidos pelo menos nove estandartes, dos quais apenas um é possível ler (por meio de ampliação digital da imagem), o estandarte do Club Recreativo 15 de Novembro que está no centro da fotografia, o que nos

---

<sup>89</sup> Estiveram presentes escolas públicas e particulares. Entre as escolas que se fizeram presentes na passeata, constaram os alunos da 1. Escola de Artífices, “com 10 batalhões do pelotão escolar, perfazendo um total de mais de 250 aprendizes”, o diretor Paulo Assumpção, o instrutor Leonidas Moura Loyola, além dos professores, mestres e contra-mestres, puxados pela sua banda de tambores e cornetas e uma secção de cyclists. A 2. Escola Republicana, 3. Escola Carvalho, 4. Escola Conselheiro Zacarias e 5. Escola Tiradentes (com a diretora Júlia Wanderley Petitttrich e a sta. Yayá Lopes), todas as aluna vestidas de branco e portando um estandarte auri-verde. E ainda as escolas das diretoras d. Mercedes da Rocha Pinto, Júlia Barbosa e Alexandrina Pereira. *A República*, 22/04/1913, fl. 1.

<sup>90</sup> 1. O Club Curytibano (representado por sua diretoria dr. Benjamin Pessoa, Petit Carneiro, Antônio Jorge, coronel Alfredo Aurelio de Freitas, professor Julio Theodorico Guimarães, Adalberto Nascar e grande número de sócios) 2. Club Cassino Curytibano (presidente Gregorio Garcez e demais mebrs da diretoria). E as seguintes sociedades todas ellas com seus respectivos estandartes 3. Sociedade B. dos Operários, 4. Societá Italiana Victorio Emmanuelle III (Ahú), 5. Sociedade B. 28 de Setembro, 6. Grêmio B. 13 de Maio, 7. Grêmio B. Estrella D’Alva, 8. Sociedade Italiana Dante Alighieri, 9. C.G. Paranaense, 10. Sociedade Portuguesa de Beneficência, 11. Sociedade Protetora dos Operários, 12. Sociedade B. dos Trabalhadores de Herva Matte, 13. Club B. 13 de Maio, 14. Sociedade Victorio Emmanuelle III (capital), 15. Sociedade Garibaldi, 16. Sociedade B. dos Operários Allemães, 17. Grupo Gymnastico da mesma sociedade, 18. Sociedade Thadeus Kuciusko, 19. Sociedade B. dos Operários no Batel, 20. Sociedade P. dos Bolieros, 21. Club B. 15 de Novembro, 22. Centro Estudantil Paranaense, 23. Sociedade Deustcher Sangerbunde, 24. Gymnastico Teuto-Brasileiros. E ainda os gentis grêmios composto de graciosas senhoritas da nossa sociedade: 25. Grêmio Bouquet (representado pelas senhoritas a presidente Noemia Pinto Rebello, Josephina Forbeck, Olga Cunha, Emerita Moura, Maria da Luz Freitas, Maria Elisa Guedes, Cottinha Forbeck e Elvira Davide. 26. Grêmio das Violetas (representado pelas senhoritas, a presidente Pequena Lopes, Lucilla Pereira e Carlota Graitz. 27. Grêmio Regina Margarida (por suas diretoras Deomira Galli, Maria Rosa Petrelli, Leonor Zaniccotti, Deomira e Leticia Matana. *A República*, loc. cit.

<sup>91</sup> Esteve presente o vice-presidente do Estado Affonso Camargo, o presidente do Estado Carlos Cavalcanti, o representante da Inspecção, o prefeito Cândido de Abreu e os vereadores Reynaldo Machado, Jaime Ballão e Duarte Velloso. *A República*, loc. cit.

<sup>92</sup> O coronel Fabriciano do Rego Barbosa, o fiscal major Lage e o ajudante capitão Rego Barros, todos representantes do Regimento de Segurança do Estado. o esquadrão de cavalaria (sob as ordens do capitão Veriato e do alferes Abreu) e o batalhão de infantaria (sob as ordens do capitão Gomes, do alferes Bussi e demais subalternos: na 1ª companhia tenente Miró e alferes Octavio Crespo, na 2ª companhia o tenente Heitor Guimarães, o alferes Benedicto Tertuliano e Genésio Carvalho, na 3ª companhia o capitão Chrisanto, e o tenente Joaquim Antonio da Silva. o alferes Almeida Garret foi o porta bandeira, a banda do 4º Regimento de Infantaria sob a direção do alferes Souriani. Teve destaque o 19º Batalhão de caçadores do destacamento Rio Branco sob o comando do tenente Jaime Muricy. Fez-se presente também o tenente Leonidas Marques dos Santos presidente do Club de Tiro Rio Branco. *A República*, loc. cit.

indica tratar-se de um clube social negro. E de quem seriam esses outros estandartes? Provavelmente, os que estão em volta do Clube R. 15 de Novembro, a julgar pelo fenótipo dos componentes, são membros de outras associações negras da cidade como a S.O.B. 13 de Maio, a S.O.B. 28 de Setembro, o Grêmio 13 de Maio, o Grêmio das Camélias, o Grêmio Estrela d'Alva e da Sociedade Protetora dos Operários. Através do livro ata e dos jornais é possível perceber que diretores da S.O.B. 13 de Maio, também, faziam parte da diretoria dessas outras associações. No plano de fundo da foto, há vários homens brancos, o que evidencia a segregação racial entre as Sociedades Operárias da capital paranaense. Ainda que houvesse a troca de convites para as festas entre as diretorias, e mesmo que alguns diretores assumissem cargos em diversas Sociedades, nessa imagem podemos perceber negros e brancos nitidamente separados. No canto direito da fotografia, no plano de fundo há um estandarte com uma cruz de Malta, levado por homens brancos, qual associação estavam representando? Ainda no plano de fundo, atrás dos homens brancos, há um bonde com algumas pessoas sentadas outras em pé nas extremidades, indicando que poderiam estar se preparando para descer e juntar-se a concentração, ou tinham acabado de subir, ou ainda, pessoas que estavam de passagem mais estavam curiosas para ver a grande movimentação na Praça Tiradentes. Aquele era um ponto de embarque e desembarque de passageiros, que queriam ir a Igreja Matriz, nas passeatas cívicas, ou nas lojas de comércio da praça. No plano de fundo da fotografia, também, é possível ler o letreiro de três lojas, da esquerda para direita, Café Globo: Fábrica a vapor de torrar e moer café (Praça Tiradentes nº 26),<sup>93</sup> ao lado e na parte central Typographia Internacional (Praça Tiradentes nº 27)<sup>94</sup> e no canto direito encontrava-se a Casa Eudorico Rocha (Loja de tecido e vestuário feminino e infantil, Praça Tiradentes nº 29),<sup>95</sup> nota-se que algumas pessoas preferiram assistir a manifestação das janelas dessas lojas.

O dia 21 de Abril de 1792 marca o assassinato de Tiradentes, desde 1889 essa data tornou-se feriado. A praça mais antiga da cidade já teve o nome de Largo da Matriz, em 1880 passou a chamar-se Largo D. Pedro II devido a visita da família real a cidade e somente em

<sup>93</sup> *Diário da Tarde*, 10/04/1912, fl. 3.

<sup>94</sup> *Diário da Tarde*, 16/02/1912, fl. 3.

<sup>95</sup> *Diário da Tarde*, 05/01/1910, fl. 4.

1889, com a República, passou a chamar-se Praça Tiradentes. Esse hábito de marcar datas no calendário nacional e nomear praça e ruas são estratégias de poder e nesse caso, estratégias de poder republicanas, de marcar no tempo e espaço uma memória hegemônica sobre a nação.

O tempo, por consequência, vive-se, vê-se e lê-se na paisagem. Antes da recordação, existe a visão. Recordar é ver, literalmente, o vestígio deixado fisicamente no corpo de um lugar pelos acontecimentos do passado. Não existe, no entanto, corpo de um lugar que não se relacione, de certa maneira, com o corpo humano.<sup>96</sup>

Os dois líderes (Tiradentes e João Gualberto) estavam sendo lembrados, homenageados e passariam a ser presentificados por nomearem lugares públicos da cidade. É possível que as pessoas mais velhas, presentes na concentração tenham conhecido a praça por seus três nomes. São vários significados contidos na data (21 de Abril), na ideia de Tiradentes como herói da nação e a estratégia de nomear a praça com o nome do herói. Afinal, nesta praça encontra-se o marco zero da cidade, lá foi realizada a cerimônia de elevação da Vila de Nossa Senhora dos Pinhais (em 29 de março de 1693), ou seja, a história dessa praça confunde-se com a fundação da cidade de Curitiba.

Também nessa data (21 de abril de 1913) a população curitibana se concentrou na Praça Tiradentes, com a finalidade de prestar homenagem fúnebre a João Gualberto,<sup>97</sup> ex-prefeito de Curitiba, coronel comandante na Campanha do Irani na Guerra do Contestado, morto em combate. As pessoas ali reunidas estavam prestando dupla homenagem e se preparavam para realizar uma passeata cívica até a Praça Dezenove de Dezembro, onde foi colocada uma placa em homenagem ao referido coronel pela inauguração da avenida que levaria o seu nome, a concentração de pessoas se posicionou em frente a fundição Seegmueller<sup>98</sup>. A banda do 4º Regimento da Infantaria tocou o Hino Nacional, depois da

<sup>96</sup> MBEMBE, Achille. **A Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014, p. 213.

<sup>97</sup> João Gualberto Gomes de Sá Filho foi um militar do exército, Prefeito de Curitiba em 1912, abdicou do cargo para assumir o comando do Regimento de Segurança do Estado do Paraná na Batalha do Irani na Guerra do Contestado, sendo morto em combate no dia 22 de outubro de 1912. Seis meses após seu falecimento recebeu como homenagem póstuma uma placa na Praça Dezenove de Dezembro e a avenida entre essa praça e o Passeio Público recebeu o seu nome. *A República*, loc. cit.

<sup>98</sup> Atual Shopping Mueller cuja porta principal está na Avenida Cândido de Abreu n.127, ocupando todo o quarteirão delimitado pelas ruas Inácio Lustosa (que faz intersecção com a Praça Dezenove de Dezembro e a Avenida João Gualberto), Mateus Lemes e a Barão de Antonina, localizadas no centro de Curitiba. A preservação do prédio nos permite pensar no tamanho da fábrica, a quantidade de funcionários e o tamanho da produção e a importância econômica desse espaço naquela época.

solenidade as alunas das escolas presentes cantaram o hino nacional. A passeata seguiu pela Rua Riachuelo, virando à direita na Rua Quinze de Novembro encerrando em frente a sede da Associação Cívica 7 de Setembro.<sup>99</sup> Tanto as festas cívicas, quanto às reuniões deliberativas ou comemorativas dos aniversários das associações eram momentos oportunos para conhecer outros grupos e tentar estabelecer parcerias com eles.

A S.O.B. 13 de Maio e as agremiações femininas filiadas a ela, participaram de outras manifestações cívicas da cidade, por fazerem parte da rede de Sociedades Operárias, Beneficentes e de Clubes Sociais Negros. Apesar de se intitular Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio, o estatuto afirma constituir-se de uma Sociedade “puramente beneficente”. Inicialmente a instituição não utilizava os adjetivos operária e beneficente. Por volta de 1892 passa a se intitular Sociedade/Clube Beneficente 13 de Maio sendo que o adjetivo Operária só começou a ser utilizado em 1930. A função beneficente era a tônica das Sociedades mutualistas, que tinham por objetivo conceder benefícios na área de assistência social aos sócios e a instituições de caridade. Já o adjetivo operária/o poderia ser lido como a formação de um grupo a fim de contestar condições de trabalho, em prol do fortalecimento da classe trabalhadora, reivindicações por direitos sociais e trabalhistas, grupos com alinhamento ideológico e político ligado ao comunismo, questões em pauta no contexto brasileiro no período. Beneficente tem um tom mais brando, não transmitia a ideia de contestação da ordem, trás uma função assistencialista e, portanto, é de se supor que não despertaria repressões políticas.

#### **IMMEDIATO PROTESTO DA CLASSE OPERARIA DO PARANÁ CONTRA A MISTIFICAÇÃO DO SR. ALCIDES DE ANDRADE**

As Sociedades Operárias do Paraná, abaixo firmadas pelos seus respectivos presidentes, protestam contra a mistificação do Sr. Alcides Antunes de Andrade, que segundo informações do Rio, compareceu no último dia do Congresso Trabalhista, intitulado-se representante do Operariado Paranaense:

As Sociedades Operárias do Paraná reafirmam que o único delegado que levou representação das Sociedades Operárias para o Congresso Trabalhista foi o deputado Elbe Pospissil, legítimo leader do Operariado Paranaense. Também protestam contra as aleivosias assaccadas pelo sr. Alcides Antunes de Andrade, contra o deputado Elbe Pospissil que sempre lutou com despreendimento em prol da classe operaria e tem trilhado no caminho do justo e do honesto.

Os presidentes:

José J. Bertolini, presidente da Sociedade Protectora dos Operários e Herva Matte;  
José Beazetto, presidente da Sociedade Dr. Santos Andrade;

---

<sup>99</sup> *A República*, loc. cit.

Octácilio de Souza Ferreira, presidente do Club R. B. 14 de Janeiro;  
 Affonso de Almeida, presidente da Sociedade Beneficente 30 de Novembro;  
 Bernardo Ribeiro, presidente da União Beneficente dos Barbeiros;  
 Felisbino Passos, presidente da Sociedade Beneficente dos Operários do Batel;  
 Amaro Santa Rita, presidente da Sociedade B. R. União Villa Morgenau;  
 Marlinho Ayres, presidente da Sociedade 27 de Janeiro;  
 José Olintho dos Santos, presidente da Sociedade B. 13 de Maio.<sup>100</sup>

Apesar de no trecho acima a S.O.B. 13 de Maio ser referida apenas com o adjetivo B. (Beneficente) é citada entre as Sociedade Operárias do Paraná que estavam protestando contra um falso representante da classe operária. Os adjetivos Operárias, Beneficentes e Recreativa mostram como as/os sócias/os percebiam as mudanças em relação às posições assumidas coletivamente para o fortalecimento do grupo, e expressam a maneira como gostariam de serem reconhecidas/os por membros de outras S.O.B.'s dentro da cidade de Curitiba. As/os sócias/os não eram pessoas que trabalhavam numa mesma função ou empresa, suas profissões eram diversas, mesmo assim, elas/es se identificavam enquanto operárias/os, no sentido de serem trabalhadoras/es.

Inicialmente a experiência comum de serem descendentes de africanos libertos ou descendentes de africanos escravizados deu um sentido de unidade ao grupo, com o passar dos anos, e a medida que a geração das pessoas mais velhas que vivenciaram a escravidão estarem morrendo, os últimos sócios fundadores vivos, as últimas testemunhas oculares da escravidão estavam entrando em óbito na década de 40, a morte dos sócios fundadores leva consigo o sentido inicial, a memória da escravidão vai se tornando mais distante no tempo, e as novas gerações não tem identificação direta com aquela experiência que dava unidade ao grupo. Há uma mudança no perfil das novas gerações de associados e também uma necessidade de recorrer a outras características comuns aos novos integrantes, como a experiência do trabalho, a consciência de classe, racial, de gênero.

As agremiações femininas (Grêmio Flor de Maio e Grêmio Princesa Isabel) são referenciadas pelos diretores e jornalistas de diversas maneiras, às vezes pelo adjetivo recreativo, beneficente ou operário; ou ainda, com dois desse adjetivos combinados. Isso indica que as mulheres estavam inseridas na rede de apoio mútuo e interessadas em construir uma pauta ampla atendendo as necessidades de lazer e beneficência das operárias.

---

<sup>100</sup> *Diário da Tarde*, 21/08/1930, fl. 3.

Em outros momentos as agremiações femininas negras foram citadas de maneira genérica pela imprensa:

#### ALGUMAS

O pessoal bamba de Curityba, que frequenta a Sociedade 13 de Maio, isto é, a zona das mulatas, morenas, creoulas e etc... ficou grandemente alarmado hontem pela manhã com o desusado movimento feminino da zona.

- É que o clube dos portugueses de S. Paulo, annunciou uma próxima visita a esta Capital.<sup>101</sup>

Nota-se na notícia acima, um exemplo de olhar que torna a presença de mulheres negras na rua um acontecimento exótico, digno de noticiar. A grande quantidade, e a cor das mulheres causa mais impacto do que as ações delas, o jornalista não explicita o que essas mulheres faziam na rua, não atribui a ação a alguma agremiação feminina mas, indica que aquelas mulheres negras eram sócias da S.O.B. 13 de Maio e estavam recebendo em sua sede membros do Clube dos Portugueses de São Paulo, demonstrando que aquelas mulheres negras tinham poder de articulação política interestadual.

Quanto ao termo *mulata*<sup>102</sup>, atrelava um conjunto de significados ligados a escravidão como promiscuidade e miscigenação, dos quais as agremiações de mulheres negras e clubes sociais negros estavam querendo se dissociar. Para isso, “os concursos de beleza tinham a função de criar para as mulheres negras uma possibilidade de valorizar sua estética, recuperar a auto estima, desconstruir estereótipos ligados a mulher negra, criar uma imagem de beleza e comportamento relacionado a honra, família e casamento”.<sup>103</sup>

O termo *bamba*<sup>104</sup> foi utilizado para se referir aos frequentadores da S.O.B. 13 de Maio indicando que quem se dirigisse a aquela Sociedade esperava encontrar samba, ainda

<sup>101</sup> *O Dia*, 20/03/1935, fl.6.

<sup>102</sup> Segundo Gonzalez (2011, p.19) O termo mulata foi criado para desumanizar e super explorar o corpo da mulher negra. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Círculo Palmarino**, v.1 n.1, 2011. Mulata é relativo a mula, tal qual o animal designa uma mistura de raças, nesse caso a miscigenação entre o homem branco e a mulher preta, daria origem a mulata, uma mulher da qual se poderia explorar a força de trabalho e o prazer sexual. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 4, n. 1, 1984, p. 228.

<sup>103</sup> BRAGA, op. cit.

<sup>104</sup> Bamba é uma palavra de origem quimbundu mbamba que significa mestre. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bamba/>> Acesso em: 11 jun. 2020. O termo bamba passou a ser associado ao samba a malandragem, a coragem e valentia mas, em sua origem a palavra remete a pessoas mestres em alguma arte.

mais, no mês do carnaval,<sup>105</sup> mesmo que nas festas da S.O.B. 13 de Maio tocassem outros ritmos musicais, o jornalista preferiu associá-los ao samba. E afinal as sócias e sócios eram bambas?

No concurso de beleza da Rainha do Carnaval de 1938, organizada pela redação do jornal *Correio do Paraná*, Ivete Guimarães é referida como a Rainha do Grêmio Flor de Maio, representante daquela agremiação e, indiretamente, da S.O.B. 13 de Maio, concorrendo com outras 36 candidatas de outras S.O.B.'s da cidade. Participar deste concurso demonstra a importância da estética para o fortalecimento e visibilidade política do grupo na cidade de Curitiba. Segundo Escobar e Coiro-Moraes (2016), os concursos de beleza poderiam ser uma estratégia de fortalecimento negro frente ao racismo, que auxiliaria na construção de uma auto-imagem positiva para as/os sócias/os e na desconstrução de estereótipos atribuídos ao povo negro. Embora, o carnaval, e os concursos relacionados a essa festividade, fossem um momento propício para reforçar o estereótipo da mulata do samba, era esperado que as mulheres negras concordassem em representar essa personagem. Segundo Gonzalez (1984, p.228-230) O mito da democracia racial é atualizado com todas as suas forças no carnaval, através da exaltação da inversão de classes, mesmo que de maneira temporária à empregada doméstica (no cotidiano) pode ser a rainha da bateria (durante o carnaval).

Apoiar instituições de caridade ou religiosas, também, se configurava dentro da estratégia de moralidade e eliminação dos estereótipos associados a mulher negra e a população negra em geral, prática já realizada desde as irmandades negras no século XIX.

#### AGRADECIMENTO

A comissão encarregada da construção da Igreja do Portão, agradece sinceramente, o acto louvavel do gentil Gremio Flor de Maio, pela sua dadiva a esta Igreja da importância de rs. 82\$000. O thesoureiro Attilio Brunetti.<sup>106</sup>

A diretoria da S.O.B. 13 de Maio além de organizar ações que propunham melhorias na vida de seus associados, também organizava algumas festas e campanhas em benefício de outras associações de beneficência/instituições de caridade, como a doação feita para a

<sup>105</sup> A notícia sobre “o pessoal bamba de Curitiba” foi publicada duas semanas após o carnaval, no ano de 1935, a terça-feira de carnaval foi no dia 5 de março. Disponível em: <<https://www.webcid.com.br/calendario/1935>> Acesso em: 05 dez. 2019.

<sup>106</sup> *Diário da Tarde*, 17/11/1922, fl.4.



construção da escola de enfermeiras do Hospital da Cruz Vermelha; e campanhas de arrecadação a Sociedade de Socorro aos Necessitados, a Sociedade de Assistência aos Lázaros e ao Instituto de Cegos, ou seja, organizavam ações que visavam beneficiar a população de baixa renda de Curitiba e não somente às/aos associadas/os. De acordo com Martins (2016), “a historiografia pouco se ocupou do estudo de atividades de beneficência, filantropia e caridade por serem práticas geralmente associadas às mulheres conservadoras da elite”. As agremiações femininas negras tinham práticas similares às mulheres conservadoras da elite, no que tange a organização de festas para suas associadas, às articulações em rede com outras agremiações e Sociedades e a doação de dinheiro ou serviços as instituições de caridade e religiosas. Mas, a motivação para organizar-se em grupo e os objetivos das mulheres brancas de elite era diferente das mulheres negras operárias e das mulheres brancas operárias, enquanto as mulheres brancas burguesas realizavam as campanhas beneficentes em prol de uma população pobre a qual elas não pertenciam, as operárias negras e brancas se mobilizavam em prol do fortalecimento econômico da classe a qual elas pertenciam e em momentos favoráveis também auxiliavam outros grupos. As mulheres brancas de elite não precisavam pensar em formas organizativas que visavam a assistência social na área da saúde e educação para si e seus filhos, como as mulheres operárias necessitavam. A ideia de caridade de maternalismo justificou a presença de mulheres branca burguesas fora do âmbito doméstico, a característica conservadora e moderada desse tipo de organização permitiu as associações femininas brancas burguesas conquistarem alguma expressão e aceitabilidade no Brasil, numa época em que supunham que o valor social da mulher branca burguesa deveria estar relacionada ao âmbito doméstico. Esse tipo de organização em algumas vezes permitiu o acesso dessas mulheres ao trabalho e ao espaço público, a construção da autonomia feminina e contestação da estrutura patriarcal.

Já as operárias negras e branca tinham que trabalhar para manter seu sustento e de sua família, mesmo assim, as atividades profissionais femininas deveriam estar relacionadas aos trabalhos voltados aos cuidados da casa, das crianças, enfermos e velhos, tal como a esposa, a mãe, a “dona de casa” deveria cuidar de todos de sua família, acreditava-se que essas funções, eram características inatas à todas as mulheres, as portadoras da bondade e caridades. Por isso, tornar-se empregada doméstica, cozinheira, professora, babá, parteira e enfermeiras eram

(e continuam sendo<sup>107</sup>) as profissões mais comuns entre as mulheres negras da classe trabalhadora. De acordo com Gonzalez (1984) a mulher negra é naturalmente encaixada em profissões subalternizadas pois, há uma continuidade da dominação racial e patriarcal, o valor social atribuído a mulher negra e os serviços destinados a ela são similares ao período escravista. Os atributos de educação e boa aparência são relacionados às mulheres brancas.

Ser operária e participante das agremiações femininas da S.O.B. 13 de Maio certamente, significava enfrentar tripla jornada de trabalho, exercer sua atividade profissional, executar as atividades domésticas dentro de sua própria casa e estabelecer articulações com as organizações de mulheres operária. Ser operária e negra, além do supracitado, significava ter de negociar a condição feminina dentro dos clubes sociais negros enquanto sócia e agremiada.

Já verificamos anteriormente que o nome escolhido para nomear uma organização está intimamente ligado a identidade do grupo, seja ele um Clube Social Negro C.S.N., Associação Feminina Negra A.F.N. Sociedade Operária Beneficente S.O.B. Agremiação Feminina A.F., ou Associação Feminina A.F.. Ainda que não tenhamos identificado a raça, classe e o gênero das agremiações e Sociedade, a julgar pela repetição dos nomes e a tendência de época identificado anteriormente, julgamos que entre as organizações no quadro acima é possível estarem A.F., A.F.N., C.S.N. e S.O.. Os nomes ligados ao histórico de conquistas em prol da liberdade da população negra, nos indica que o Grêmio das Violetas pode ser uma agremiação feminina operária negra filiada ao C.S.N. Clube Rio Branco, assim como as denominações Sociedade 28 de Setembro, Sociedade Princesa Isabel, Clube Recreativo Literário 13 de Maio e o Clube Recreativo Cultural Estrela da Manhã, nos indicam um padrão de nomes para os C.S.N. e A.F.N..

#### Quadro 4 - Nomes frequentes entre Clubes Sociais Negros no Brasil 1888-2019

Associação	Data de fundação/funcionamento	Cidade
1- Clube 13 de Maio	12/02/1893 - ___/___/___	Castro - PR

<sup>107</sup> Disponível em:

<

2- Clube/Sociedade 13 de Maio Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio	06/06/1888- em funcionamento	Curitiba - PR
3- Sociedade Cívica 13 de Maio	___/___/___ 1905	Palmeira - PR
4- Clube Recreativo e Literário 13 de Maio	___/___/1889	Ponta Grossa - PR
5- Sociedade Beneficente Princesa Isabel Associação de Recreação Operária de Londrina (AROL)		Londrina - PR
6- Grêmio Flor de Maio	___/___/1934	Florianópolis -SC
7- Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio Museu Treze de Maio	13/05/1903 2003 - em funcionamento	Santa Maria - RS.
8- Sociedade Recreativa Flores do Paraíso	1898-1909	Pelotas - RS
9- Grêmio Recreativo Operário	1888-1911	Pelotas - RS
10- Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiaiense 28 de Setembro	02/04/1897 - em funcionamento até 2014	Jundiaí - SP.
11- Sociedade Beneficente 13 de Maio antiga Sociedade B. Antônio Bento	13/05/1901	Piracicaba - SP.
12- Clube 13 de Maio dos Homens Pretos Centro Literário dos Homens de Cor	20/07/1902 1903	São Paulo - SP
13- Sociedade Beneficente “Grupo 13 de Maio”	13/05/1915	São Paulo - SP
14- Sociedade Propugnadora 13 de Maio	1906	São Paulo - SP.
15- Clube Recreativo e Beneficente 13 de Maio	___/___/1934	Bragança Paulista - SP.

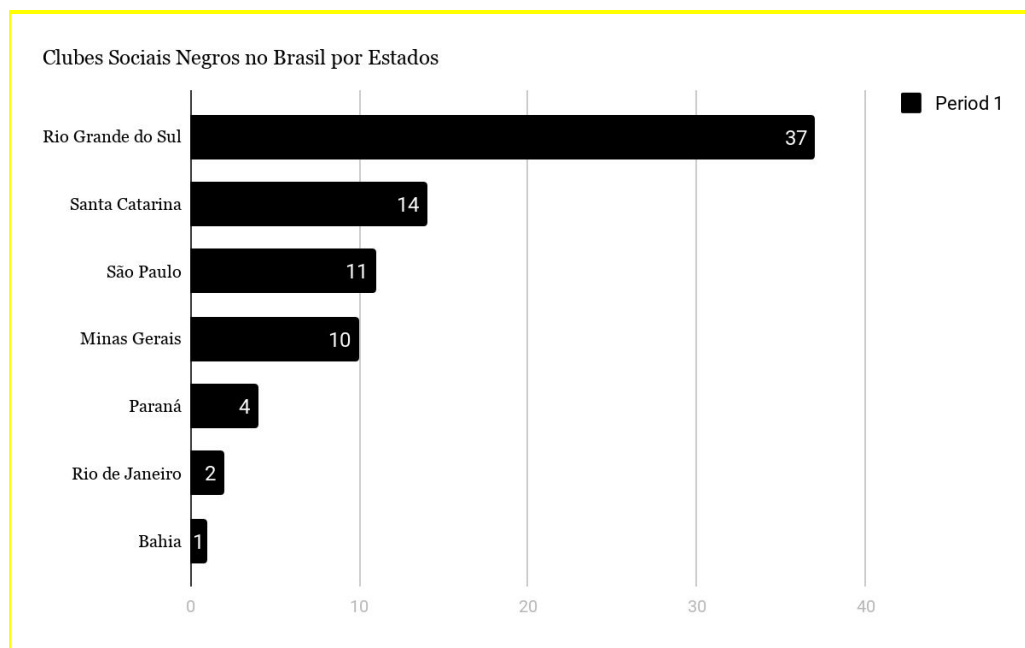
Fonte: produzida pela autora, 2019.

Dos 15 C.S.N. acima listado 10 se auto denominaram 13 de Maio (em cidades da região sul e São Paulo). Dessas dez, destaco três Sociedades que mudaram o nome ou sua natureza, a antiga Sociedade Beneficente Antônio Bento (Piracicaba SP) mudou o nome para Sociedade Beneficente 13 de Maio. O Clube 13 de Maio dos Homens Pretos (São Paulo SP) mudou o nome para Centro Literário dos Homens de Cor. E a Sociedade Cultural Ferroviária 13 de Maio, foi transformada em Museu Treze de Maio (Santa Maria RS). A primeira incluiu o nome 13 de Maio, a segunda excluiu e a terceira manteve mas, transformou-se em museu.

Além do nome 13 de Maio, listamos outros nomes como a Sociedade Beneficente Princesa Isabel, que posteriormente mudou seu nome para Associação de Recreação Operária de Londrina (AROL), o Clube Beneficente Cultural e Recreativo Jundiaense 28 de Setembro (Jundiaí SP), o Grêmio Flor de Maio (Florianópolis SC), a Sociedade Recreativa Flor do Paraíso (Pelotas RS), e o Grêmio Recreativo Operário (Pelotas RS).

No quadro acima é perceptível a repetição dos nomes e o predomínio de C.S.N. denominados 13 de Maio, sendo que os nomes utilizados nas Associações Negras (A.N.) em Curitiba (13 de Maio, 28 de Setembro, Princesa Isabel e Flor de Maio) também foram encontrados em outras cidades do Brasil, demonstrando ser uma tendência nacional, que conferia uma identidade aos associados ligado a origem dos C.S.N. intimamente ligados a um histórico de emancipações. Em alguns casos ocorre a mudança nos nomes, o que pode indicar a perda de significado das datas e dos símbolos do discurso oficial sobre a abolição em detrimento de outros, como a afirmação da identidade racial, ou a vontade de se desvincular do passado da escravidão, ou contestar o discurso oficial. Por outro lado, os C.S.N. que mantiveram o nome passaram por processos de atualização da importância das datas e dos símbolos da abolição, havendo pelo menos duas possibilidades, mostrar-se condescendente ao discurso oficial e utilizá-lo para fortalecer o grupo, sobrepondo as datas e símbolos com significados relativos à experiência das/os sócias/os, ou ajudando deliberadamente a fortalecer o discurso oficial, por acreditar e concordar com ele.

#### **Gráfico 1 - Clubes Sociais Negros do Brasil por Estado**



Fonte: IPHAN, 2019.

No gráfico acima fica evidente a concentração de CSN na região sul, seguida pelo sudeste e nordeste. As regiões norte e centro-oeste não constam como regiões em que houve a formação e a permanência de CSN. Salta aos olhos que a região sul, onde há a menor população negra é também onde concentrou-se, e ainda concentra o maior número de CSN. O mito do sul branco contrasta com a história dos CSN.

No item 2. 1 da pesquisa em questão, evidenciamos as formas de (re) existência de mulheres negras no associativismo feminino no âmbito da S.O.B. 13 de Maio e de outras A.F.N. de Curitiba. Entre elas a S.O.B. 28 de Setembro, organização feminina independente, sem filiação a alguma Sociedade sob direção masculina. Discutimos a importância do significado das datas 13 de Maio e 28 de Setembro para o histórico de lutas em prol da emancipação e o significado das mesmas no pós abolição. Essas datas eram capazes de acionar a expectativa por melhorias na condição de vida da população liberta e para seus descendentes. Nesse ponto nomear associações com as datas se constituíam em estratégias de re (existência), em que refletir sobre o passado, analisar o presente, motivava o grupo a construir projetos futuros. A metáfora da sankofa foi utilizada para evidenciar que esses grupos tinham uma percepção própria sobre o processo abolicionista, que nem sempre

convergia com o discurso oficial sobre os heróis da abolição. No quadro 3 reunimos alguns C.S.N. da região sul e sudeste em que ficou evidente a recorrência de alguns nomes como 13 de Maio, Princesa Isabel, Flor de Maio e 28 de Setembro.

Observamos a extensa rede de beneficência que havia entre as A.F.N, A.F, S.O.B., e C.S.N. em Curitiba. Ao todo, foram encontradas nos jornais 48 A.F. em Curitiba e 10 no interior do Estado. No quadro 1 preferimos agrupar as AFN de Curitiba, no quadro 2 preferimos evidenciar as 10 A.F. que se auto denominaram utilizando nomes de flores e os respectivos Clubes ou Sociedades aos quais elas estavam associadas. Sendo observada uma tendência sexista em manter a diretoria feminina separada da masculina, sendo raro os casos em que as mulheres conseguiram criar e manter uma A.F. independente de uma diretoria masculina, como a S.O.B. 28 de Setembro e o Centro Paranaense Feminino de Cultura. Verificamos que o Código Civil de 1916 colocava a mulher sob a tutela dos homens de sua família, então, formar A.F. separada da diretoria masculina também deve ser lida como uma estratégia feminina de negociar sua autonomia. Ainda sobre o quadro 2, constatamos uma tendência segregacionista dos diversos grupos étnicos (descendentes de africanos, alemães, italianos, libaneses, portugueses, etc) em formar Sociedades entre seus semelhantes, evitando relacionar-se com membros de outros grupos, ficando as relações entre grupos muito restrita a membros das diretorias. É importante frisar que para além de querer encontrar-se com seus pares, sobre a população descendente de africanos pesava o estigma da escravidão e do racismo, problemas dos quais os descendentes de imigrantes europeus não eram alvo. No gráfico 1 observamos a predominância de C.S.N. na região sul, em relação às outras regiões do Brasil. Na região sul, onde a população negra é menor, há inversamente a maior concentração de C.S.N., assim como, uma maior concentração de imigrantes europeus e maior segregação racial.

Apesar de haver uma tendência segregacionista entre as S.O.B.'s de origem étnica, havia em Curitiba uma grande quantidade e variedade de associações como S.O.B.'s de bairro, de categorias profissionais, clubes de futebol, entre outras. Era comum que sócios/as, diretoras/es fizessem parte de mais de uma organização. Nesse item nos concentramos nas relações entre as sócias e sócios da S.O.B. 13 de Maio e da S.O.B. 28 de Setembro e sua atuação nos movimentos associativos da cidade e na formação de novas associações.

Foi observada que desde a fundação da S.O.B. 28 de Setembro a participação de sócios e diretores da S.O.B. 13 de Maio na composição daquela A.F.N., além da participação de sócios e diretores da S.O.B. 13 de Maio na S.O.B. 28 de Setembro, houve a participação de diretores da S.O.B. 13 de Maio em outras A.F.N.'s como o Grêmio das Camélias e Grêmio 13 de Maio, constituindo uma tendência entre as A.F.N. a composição de diretoria mista, as diretoras permitiam que homens assumissem cargos na diretoria ou representassem momentaneamente as agremiações femininas. Como no caso da reunião para escolher a representante do Paraná no 2º Congresso Feminista em 1931 no RJ, das 8 A.F. 3 foram representadas por homens, o diretor da S.O.B. 13 de Maio Benedito Candido foi o representante da S.O.B. 28 de Setembro, Lucio Freitas também diretor da S.O.B. 13 de Maio representou o Grêmio Estrela D'Alva e Walfrido Piloto o Grêmio Nicolla Petrelli. Aqui entendemos esse caso como uma estratégia de ampliação da rede de contatos entre homens e mulheres. Uma das pautas do 2º Congresso Feminista era a defesa do sufrágio feminino, isso nos indica que não somente as feminista brancas e burguesas eram favoráveis ao voto feminino, outros segmentos da sociedade como operárias/os, negras/os, brancas/os estavam atentos e articulados em prol desse direito. As relações de gênero no âmbito dos C.S.N.'s e das A.F.N.'s. foram marcadas por parcerias e tensões, podemos destacar o caso em que as sócias do Grêmio das Camélias recorreram a presidente Ambrosina Maria de Campos para exigir o desligamento dos “sócios auxiliares” devido ao comportamento invasivo de interromper frequentemente a fala das sócias.

## 2.2 O QUE PODEM AS MULHERES NEGRAS? AS ATRIBUIÇÕES DOS COMPORTAMENTOS DE GÊNERO NO ESTATUTO DA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO

O Estatuto<sup>108</sup> e o Regimento da S.O.B. 13 de Maio foram aprovados em assembleia

---

<sup>108</sup> Apesar do Estatuto ter sido registrado em 9 de abril de 1929, época em que vigorava os Mil Réis (Rs), o documento ao qual referencio foi datilografado com as cifras em Cruzeiro Novo (NCr\$) moeda que vigorou entre 1967 à 1986. Mesmo passado três tipos de moeda: Mil réis (Rs), Cruzeiro (Cr\$) e Cruzeiro Novo (NCr\$), a maneira como os artigos e parágrafos do estatuto são citados no livro ata durante as décadas de 1940-1960, em sua maioria conferem com a versão a qual referencio, o que indica que o texto do Estatuto e Regimento foram pouco modificados nesse período. Além da mudança das moedas no período analisado, nem sempre os sócios

geral no dia 23 de setembro de 1928 e registrado em cartório em 9 de abril de 1929, sendo posteriormente reformados em 1967. Ambos os documentos somam 32 páginas, sendo que o Estatuto possui 25 páginas dividido em cinco capítulos e 66 artigos, e o Regimento é um documento com apenas 6 páginas dividido em quatro capítulos e 15 artigos. No Estatuto encontra-se o endereço da sede social, a data de fundação da S.O.B. 13 de Maio, a finalidade do clube, os objetivos gerais (capítulo I); os pré-requisitos para serem admitidas/os, as regras de comportamentos para as/os sócias/os, os direitos e deveres permanentes para continuar fazendo parte da Sociedade e desfrutar dos benefícios sociais, a diferenciação entre sócios contribuintes, beneméritos e honorários e as situações em que as/os sócias/os perdem direitos (capítulo II); o acesso a cargos da diretoria, direitos e deveres de cada um dos 15 cargos, o período de gestão (capítulo III); os tipos de sessões, as regras para proceder a eleição da nova diretoria e os deveres do clube para com as/os sócias/os (capítulo IV); as penalidades previstas a quem tivesse mau comportamento, atraso nas mensalidades ou alguma outra falta de cumprimento das normas estatutárias, os auxílios sociais e quem teria direito a eles, os tipos de advertências desde as mais leves como a repreensão, suspensão, até a eliminação e os casos em que a remissão seria concedida (capítulo V). O regimento interno reforça e complementa os temas previsto no Estatuto: o capítulo I é sobre a manutenção da ordem nas sessões e as atribuições da diretoria; o capítulo II é sobre a parte penal; o capítulo III sobre a utilização do botequim, edital para a concessão da utilização do mesmo, as funções do zelador e do botequineiro e o capítulo IV estabelece normas para a formação, manutenção e finalidades do caixa de socorro, os tipos de auxílios concedidos, os valores e a formas de pagamento.

---

registravam em ata o valor da mensalidade em relação aos auxílios a cada mudança de moeda, o que dificulta realizar uma análise econômica sobre a relação entre os auxílios ofertados e a mensalidade cobrada.



Em seu primeiro e único artigo, o capítulo I do Estatuto revela que a diretoria pretendia receber sócias/os com características identitárias diversas:

Art.1 O Clube Beneficente 13 de Maio, fundado nesta cidade de Curitiba, Capital do Estado do Paraná a 6 de Junho de 1888, com sede à rua Colombo n. 50,<sup>109</sup> é uma sociedade puramente beneficente composta de ilimitado número de sócios, sem distinção de sexo, nacionalidade, crença religiosa ou política, socorrendo os seus associados em caso de enfermidade ou morte de acordo com os estatutos.<sup>110</sup>

No trecho acima é possível perceber que os diretores gostariam de acolher um grande número de sócios, “ilimitado número” e, para isso, estariam disposto a aceitar homens e mulheres, brasileiros e imigrantes, pessoas de diversas religiões e posicionamentos políticos. Mas, afinal o que significa “sem distinção”? Será que houve efetivamente a inserção de pessoas tão diversas? O que está por trás dessa proposta tão abrangente de Sociedade?

Em outras cidades do sul do Brasil foi observada uma característica segregacionista, as Sociedades mutualistas ou operárias, fundadas por imigrantes ou nacionais, leia-se: pessoas brancas não aceitavam pessoas negras como sócios, assim como, os clubes sociais negros também não aceitavam pessoas brancas como membros.<sup>111</sup>

Os diretores que elaboraram o estatuto de 1896 descrevem no Capítulo I nos artigos 1º e 3º a quem se destinava a S.O.B. 13 de Maio:

Art. 1º – O Club Beneficente << Treze de Maio>>, estabelecido na Capital do Estado do Paraná, tem por fins: realizar a união dos descendentes da raça Africana, residentes nesta Capital e relacionar-os com os seus companheiros residentes em outras localidade do Estado.

Promover festejos commemorativos às leis de 28 de setembro de 1871, que libertou os filhos da mulher escrava, nascidos depois dessa data, e de 13 de Maio de 1888, que decretou a abolição da escravidão no Brasil.

Art. 3º – O Club <<Treze de Maio>> defenderá sempre em todos os terrenos, perante a sociedade brasileira e perante o Governo do Paiz os sagrados direitos dos descendentes da raça africana, afirmando assim que actualmente na Republica

<sup>109</sup> A Rua Colombo n. 50 é o endereço antigo, em 1929 quando o estatuto foi escrito, a Rua Colombo passou a chamar-se Rua Desembargador Clotário Portugal em 1947. Os diretores mantiveram no art. 1 o endereço antigo embora, na capa tenham preferido registrar o endereço atual da S.O.B. 13 de Maio, Rua Desembargador Clotário Portugal, 274.

<sup>110</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.1.

<sup>111</sup> SILVA, op. cit.; MARIA, op. cit.

No primeiro estatuto (1896) fica evidenciado que a S.O.B. 13 de Maio se dedicava a promover a união e a defesa dos direitos dos descendentes da raça africana em Curitiba e em outras localidades do estado do Paraná. Já no estatuto de 1929 os diretores retiram o fator raça do texto e utilizaram o termo “sem distinção de nacionalidade”. O que mobilizou essa mudança?

É sabido pela historiografia que a política nacionalista da 1ª República investiu na criação de uma identidade nacional, forçando todos os imigrantes e seus descendentes a se reconhecerem como brasileiros, criando uma ideia de brasilidade, nesse ideal deveria prevalecer apenas uma raça a brasileira. E o que significava ser brasileira/o naquele contexto? O termo “sem distinção de nacionalidade” poderia referir-se a descendentes de africanos, brasileiras/os e até mesmo imigrantes de outras partes do mundo. É um termo vago, que transmite a ideia de acolhida, harmonia e fraternidade nas relações entre pessoas diversas. O estatuto de 1929 trata de maneira mais moderada as questões raciais, se adequa a proposta de harmonia racial, tem ressonância com o discursos de democracia racial da 1ª República.

Quanto a religião em algumas situações as sócias/os mandam rezar missas em memória de algum/a sócio/a falecido/a. O Grêmio Flor de Maio fez doação para a construção da Igreja Católica do Portão. Apenas práticas católicas foram registradas mas, isso não impede de pensarmos que poderia haver sócias/os de diversas religiões. Segundo Fabris; Hoshino (2018, p.52-53) alguns sócios fundadores da S.O.B. 13 de Maio como João Batista Gomes de Sá, eram membros da Irmandade do Rosário dos Pretos de São Benedito e da Irmandade do Bom Jesus dos Perdões.

Quanto a política é possível identificar nas sessões magnas a presença de diversas autoridades locais convidadas a discursar, como o Secretário de Segurança Pública o major Fernando Flores, o deputado estadual Júlio Xavier da Rocha, o Interventor Federal Brasil Pinheiro Machado, entre outros. É possível que a não menção aos nomes dos partidos tenha sido uma estratégia adotada pelos sócios para não comprometer possíveis parcerias com as

---

<sup>112</sup> *A República*, 01/09/1896, fl.3.

autoridade civis eleitas. A S.O.B. 13 de Maio (re) existe há 131 anos, é uma organização anterior a República, sobreviveu a todas as instabilidades, as crises, ditaduras e golpes.

E quanto ao gênero, havia alguma diferença? Ou, a adesão era “sem distinção”? Para ser aceita/o como sócia/o, e ter acesso aos benefícios sociais ligados a saúde e a educação, a/o interessada/o deveria cumprir os critérios estipulados pela diretoria da S.O.B 13 de Maio descrita em seu Estatuto: “Art. 4 § 1. – (...) ter reconhecida moralidade, contanto que seja operário, artista ou de ocupação honesta notoriamente reconhecida,”<sup>113</sup> além da proposta conter a assinatura de 3 sócios quites com o caixa social, pagar um valor de garantia e a mensalidade, não ter vícios, ter comportamento exemplar e estar gozando de “perfeita saúde.”

O pré-requisito referente à faixa etária era diferenciado para homens e mulheres: a idade mínima de 18 anos e máxima de 50 anos era uma exigência para os homens. Estes, deveriam ter completado a maioridade, estarem aptos, portanto, para responder por seus atos, se comprometendo a seguir e respeitar o estatuto e o regimento social sem causar danos a moralidade do ambiente. A expectativa de vida do brasileiro na década de 1950 era de 43,3 anos de idade, sendo na região sul 52,7 anos.<sup>114</sup> Pessoas acima dos 50 anos eram consideradas idosas e, portanto, sua idade elevada poderia significar um risco para o caixa social, pois estas pessoas, estariam supostamente mais propensas a ficar doentes e portanto, solicitariam os auxílios saúde com mais frequência que outros sócios, e estariam mais propensos a requererem o auxílio velório, viúva e aposentadoria, do que sócios mais jovens. O problema não era oferecer auxílio para as/os sócias/os que envelheceram, o problema era oferecer auxílio a pessoas que durante a juventude não quiseram ou por algum motivo não se associaram, não contribuíram com as mensalidades e com a organização da Sociedade, e somente na velhice procuraram o apoio coletivo. Dentro da lógica capitalista é preferível admitir pessoas jovens e economicamente ativas e saudáveis.

Às mulheres, era determinada uma faixa etária mais jovem do que a dos homens, tanto na idade mínima quanto na máxima:

---

<sup>113</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.2.

<sup>114</sup> IBGE, Censo Demográfico, 1950/2000, p.2.; p.116. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv47603\\_cap5\\_pt1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv47603_cap5_pt1.pdf)> Acesso em: 10 abr. 2019.

Art. 4 § 2. - As mulheres e filhos dos associados, ou parentes poderão fazer parte do Club, e gozarão de todos os favores, aqui estabelecidos, menos no que diz a respeito a parte activa dos trabalhos sociais e terem mais de 14 anos e menos de 45 podendo frequentar os recreios e sessões magnas promovidos pelo Club.

§ 3. - As propostas para sócias do Club, só poderão vir assignadas pelos seus maridos, paes, parentes, e irmãos, que façam parte do Club.<sup>115</sup>

As mulheres deveriam ser mais jovens, não precisavam sequer completar a maioridade, afinal, elas só seriam aceitas se algum homem (pai, irmão, marido etc) de sua família autorizasse e se responsabilizasse pelo seu ingresso à Sociedade. Ou seja, para as mulheres, não bastava encaminhar sua proposta de inscrição a diretoria e aguardar a aprovação de 3 sócios quites com o caixa social, antes disso era necessário que algum homem de sua família já estivesse associado, quite com o caixa da Sociedade e que estivesse disposto a tutela-lá.

Mas, por que 14 anos? Se a idade dos 15 anos é conhecida como a idade das debutantes, não é forçoso imaginar que aceitar moças a partir dos 14 anos estava ligada a intenção de marcar um rito de passagem da infância para a idade adulta, apresentar as moças no baile de debutantes na intenção de encontrar pretendentes ao casamento. Os bailes de debutante, festas para os vestibulandos e concursos de beleza eram momentos oportunos para tentar modelar a vestimenta e o comportamento dos jovens.<sup>116</sup> Segundo Mortari (2007) a idade dos 14 anos era comum entre as africanas escravizadas, forras e livres tornarem-se madrinhas de batizado de crianças, essa era uma estratégia para forjar laços familiares mesmo que fictícios utilizada por membros de uma mesma irmandade nos anos finais da escravidão e que poderiam continuar sendo utilizados pelas/os sócias/os da S.O.B. 13 de Maio. Essa determinação, que por um lado limitava a presença das mulheres, por outro, assegurava a permanência de laços de parentesco entre as/os associadas/os. Tal aspecto é emblemático no sentido de pensarmos acerca do papel das mulheres no estabelecimento de vínculos

---

<sup>115</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 de MAIO, 1929, fl.2.

<sup>116</sup> ESCOBAR, Giane V.; COIRO-MORAES, Ana L.. A mulher negra no interior de um clube social negro: A festa como um lugar de sociabilidade, rigidez, moralidade e relações de poder. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 5, 2016, Aveiro. **Anais eletrônicos**, Aveiro, Universidade de Aveiro, Portugal, 2016.

familiares.<sup>117</sup> De acordo com Marçal (2011), por mais que os postos de liderança não fossem ocupados por mulheres, em sociedades africanas como Gana, era por meio delas que o poder era legitimado. A autora propõem que a importância da linhagem familiar possa ter uma continuidade nas sociedades afro diaspóricas.

Além desses critérios de gênero havia restrições quanto ao estado civil das sócias. Em alguns C.S.N.'s não era aceito no quadro social mulheres solteiras ou viúvas e, de acordo com Escobar (2013), essas não eram bem vistas, consideradas “moças que se perderam” e não poderiam frequentar ou receber o acolhimento dos clubes.

o espaço doméstico, a vida conjugal, a maternidade e a educação das crianças, sobretudo das meninas, eram vistos como os lugares a serem ocupados pelas mulheres. Porém, nem todas se mostravam interessadas em manter-se no espaço doméstico.<sup>118</sup>

Essas relações complexas podem ser entendidas a partir do conceito de “sistema patriarcal racista” proposto por Lélia Gonzalez (2011, p. 14) que se relaciona ao conceito de “sistema moderno-colonial de gênero”, proposto por Maria Lugones (2008, p. 76) ambos permitem analisar as relações de poder entre homens e mulheres vítimas da exploração colonial e a falta de solidariedade do homem de cor para com a mulher de cor, pois estes demonstrariam uma cumplicidade com os homens brancos, privilegiando e o fortalecendo o patriarcado em detrimento da cumplicidade com a mulher de cor na luta contra a dominação colonial racista.

No caso da diretoria feminina e masculina da S.O.B. 13 de Maio, não é possível afirmar uma absoluta falta de solidariedade, mas uma certa subordinação, pois, a diretoria geral era composta apenas por homens que preferiram restringir o acesso das sócias a parte ativa das decisões da Sociedade, colocando no estatuto critérios de gênero que impediam as mulheres de votar, ou se candidatar a cargos da diretoria, por esse motivo as mulheres resolveram criar agremiações femininas e compor sua própria diretoria.

As construções de gênero reforçavam ainda mais as desigualdades que, no espaço dessas sociedades recreativas, se configuravam principalmente nas atribuições de cada grupo sexual. Os homens negros exerciam as práticas sexistas tais quais os

<sup>117</sup> Vínculos familiares entendidos aqui, para além do consanguíneo ou ao formato nuclear.

<sup>118</sup> SILVA, op. cit., p.74.

homens brancos. Se os homens e mulheres de ascendência africana, juntos, eram alvos de preconceito racial, nas relações sociais cotidianas, esses sujeitos não diferiam dos modelos de dominação masculina branca.<sup>119</sup>

Deste modo, os diretores da S.O.B. 13 de Maio acompanharam uma tendência patriarcal da época ao permitir a presença das mulheres mas, não admitindo disputar com elas os cargos de chefia, permitiram o ingresso delas ainda que circunscritas a um espaço ou funções delimitadas. Por outro lado, no estatuto não havia qualquer restrição as agremiações de mulheres, não há nem mesmo menção a (re) existência delas.

Depois de aceitas, as sócias não poderiam participar da parte ativa dos trabalhos administrativos, ou seja, não poderiam comparecer às sessões deliberativas, nem votar ou ser eleita aos cargos da diretoria. “Art.34. § Único - Todo o sócio tem direito de votar e ser votado exibindo o respectivo recibo pelo qual prove estar quite com o Club, menos as senhoras de acordo com o disposto no § 2 do artigo 3.”<sup>120</sup> Não consta no estatuto um art. 3 § 2, provavelmente esse artigo foi eliminado entre 1929 ano da aprovação do estatuto e 1967 ano em que foi reformulado. Há outros indícios de que esse artigo e parágrafo tenham sido eliminados, por exemplo, no encerramento da sessão eleitoral de 1942 o presidente da S.O.B. 13 de Maio Benedito Candido “(...) agradece o comprometimento de todos os socios presentes bem como as diretoras do Gremio Operario Flor de Maio.”<sup>121</sup> Esse trecho indica que as sócias passaram a participar das eleições e, provavelmente, puderam votar nos candidatos à diretoria da S.O.B. 13 de Maio afinal, que compromisso tinham as mulheres de comparecer na Sociedade em dia de eleição se elas não poderiam votar? Nos estatutos de 1896 e de 1929 não há qualquer referência às agremiações de mulheres, e portanto, não havia um regulamento específico sobre o funcionamento das agremiações femininas, ou seja, não havia formalmente um documento que limitasse a atuação das agremiações de mulheres, ou que colocasse as agremiações de mulheres como subordinada. Teoricamente as diretorias feminina e masculina estavam submetidas ao mesmo estatuto e regimento, porém, os critérios de gênero aplicados as sócias no âmbito individual e o status de filiada no âmbito coletivo, tirava das diretoras a prerrogativa de decisão e em casos omissos ao estatuto elas deveriam negociar sua condição

---

<sup>119</sup> MARIA, op. cit., p.9.

<sup>120</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl 17.

<sup>121</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 28/04/1942, fl. 37-38.

com os diretores.

Em 1929, o estatuto entrou em vigor, e nesse ano as mulheres não haviam conquistado o direito ao voto no âmbito nacional e não poderiam candidatar-se a cargos políticos, o que só ocorreu em 1932 (com o novo Código eleitoral) e a formalização na Constituição de 1934. É provável que essa conquista feminina tenha sido capaz de alterar os costumes no âmbito das associações. Embora, não saibamos quais restrições de gênero estavam contidas no art. 3 § 2, porque ele foi excluído do texto do estatuto, mas ao que tudo indica o art. 34 se manteve, pois nas décadas de 1940, 1950 e início da década de 1960 não houve nenhuma mulher que se candidatou a cargos da diretoria geral da Sociedade, todas as gestões da diretoria geral desse período foram constituída por homens mas, talvez às mulheres tenham conquistado no âmbito interno à Sociedade o direito a escolher os seus representantes, posteriormente ao direito constitucional do sufrágio feminino.

De acordo com o Estatuto da S.O.B. 13 de Maio, mesmo alfabetizadas, as mulheres não poderiam votar ou ser eleitas para cargos da diretoria, enquanto homens analfabetos poderiam votar, mas sem o direito de lançar candidatura, tampouco ser eleitos: “Art. 9 § Único - Todo sócio que não souber ler nem escrever poderá votar, porém não ser votado”.<sup>122</sup> Para assumir cargos na diretoria, era necessário que o sócio pudesse ler as propostas das/os sócias/os para decidir em assembleia, além de, entre outras atribuições, escrever a ata de reunião, ler a ata anterior e aprová-la realizando eventuais alterações necessárias, reformular o estatuto quando houvesse necessidade, escrever e datilografar, anotar o movimento do caixa social, averiguar a cobrança de mensalidade, verificar o atestado médico, anotar os auxílios (saúde, velório, viúva, aposentadoria), elaborar as fichas de inscrição das/os sócias/os, enviar requerimentos às autoridades locais, enviar convites para festas às diretorias de outras Sociedades Co-irmãs, noticiar pela imprensa os convites para as sessões solenes, bailes e assembleias. Essa restrição, ao mesmo tempo que limitava o acesso a cargos da diretoria, poderia instigar os sócios a aprender a ler e escrever para tornarem-se aptos a assumir cargos de responsabilidade e prestígio no âmbito do clube, além de mudar de profissão ou almejar uma promoção profissional e acessar o direito ao voto no âmbito municipal, estadual e nacional, afinal o Código eleitoral de 1932 determinava que só seriam considerados cidadãos

---

<sup>122</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 6.

plenos de direitos quem estivesse alfabetizado/a. A alfabetização poderia ser vista como um modo de romper barreiras de informação, social e econômica.

Essa condição de subordinação, não era uma imposição exclusiva dos diretores às diretoras, o Código Civil de 1916 também colocavam as mulheres sob a tutela dos homens em âmbito nacional e, por esta razão, é possível interpretar que os artigos com restrições às mulheres são ressonâncias da mentalidade da época, de forma a ser plausível supor que os diretores se basearam no Código Civil de 1916 para escrever o texto do estatuto da S.O.B. 13 de Maio publicado 13 anos após em 1929.

O Código Civil Brasileiro de 1916 trata o homem e a mulher de uma forma diferenciada a partir do momento que realizam seu contrato de núpcias. No segundo capítulo, intitulado dos direitos e deveres do marido, em seu primeiro artigo, o 233, está escrito que o marido é o chefe da sociedade conjugal, explicitando no início de uma vida a dois, onde o amor e a felicidade eram esperados pelo casal, e o homem recebe plenos poderes para mandar e decidir sobre a vida da esposa.<sup>123</sup>

Se por um lado os critérios de gênero demonstram assegurar aos homens o controle sobre as ações das mulheres, por outro, os critérios de admissão podem ser visto como uma forma de fazer uma pré seleção dos frequentadores, e criar um ambiente onde a conduta moral de trabalho e honra fossem indispensáveis as/os frequentadoras/es, lugar ideal para o lazer das “moças de família” e para o fortalecimento dos laços entre as famílias dentro do grupo. “O discurso médico aconselhava a retirada das mulheres da fábrica e das outras atividades, já que eram consideradas mais propensas a cair na prostituição: operárias, costureiras, criadas de servir e empregadas no teatro”.<sup>124</sup> É perceptível que o discurso médico estava guiado por um pensamento classistas e misógino visto que relacionava as profissões mais comuns as mulheres operária negras e brancas a imoralidade.

#### **Quadro 5 - Sócias, profissões e designação racial 1940-1956**

<b>Nomes</b>	<b>Profissões</b>	<b>Cor/Raça</b>	<b>Agremiação/Sociedade</b>
1- Catharina de Souza	empregada doméstica	preta	sócia da S.O.B. 13 de Maio

<sup>123</sup> COELHO, César C.; PUGA, Vera L.. Direitos dos homens e deveres das mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 22, n. 2, 2009, p. 12.

<sup>124</sup>Ibidem, p.22.



2- Aime Freitas	empregada doméstica	branca	sócia da S.O.B. 13 de Maio
3- Eugênia Araújo	empregada doméstica, cozinheira e doceira	preta	sócia da S.O.B. 13 de Maio e presidente da S.O.B. 28 de Setembro
4- Gabriella Campolin	costureira		sócia da S.O.B. 13 de Maio
5- Maria Paula Roza de Souza	servente na delegacia		sócia da S.O.B. 13 de Maio oradora do Grêmio Flor de Maio
6- Anna Mendes	funcionária pública na Secretaria de Obras Públicas		sócia da S.O.B. 13 de Maio
7- Januária Maria da Conceição	aposentada pela S.O.B. 13 de Maio		sócia da S.O.B. 13 de Maio
8- Joanina Maria de Souza	enfermeira-chefe no Sanatório Bom Jesus	preta	sócia da S.O.B. 13 de Maio

Fonte: produzida pela autora, 2019

Apesar do discurso médico desaconselhar a inserção de mulheres no mercado de trabalho, a condição econômica das mulheres negras e brancas das classes menos favorecidas, tornava inviável a essas mulheres manterem-se afastadas do mercado de trabalho. Foi possível localizar a profissão de 8 sócias, dentre elas é confirmada a tendência das mulheres pobres exercerem serviços ligados ao cuidado, encontramos 3 empregadas domésticas, uma servente, uma costureira e uma enfermeira. As outras duas trabalhadoras que encontramos uma designação vaga sobre sua profissão, como a funcionária pública Ana, não sabemos qual função ela exercia e o mesmo acontece com a aposentada Januária. Dentre as profissões listadas no quadro acima é possível estabelecer uma subclassificação entre os empregos formais e informais, sendo possível afirmar que apenas a enfermeira Joanina, a servente Maria Paula e a funcionária pública Ana eram trabalhadoras empregadas no sistema formal, com direitos trabalhistas garantidos pela CLT. Somente em 2015<sup>125</sup> o trabalho doméstico foi regulamentado e estendido os direitos trabalhistas previstos na CLT a essa categoria. Não

125

Disponível

em:

<

<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2019/06/regulamentacao-do-trabalho-domestico-faz-4-anos-mas-precisa-de-fiscalizacao#:~:text=Regulamenta%C3%A7%C3%A3o%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20faz%204%20anos%2C%20mas%20precisa%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,-04%2F06%2F2019&text=A%20Lei%20Complementar%20150%2C%20de,para%20trabalhadores%2C%20especialistas%20e%20senadores.>> Acesso em: 11 jun. 2020.

sabemos se a costureira Gabriela Campolim tinha seu próprio ateliê, se costurava para fora, ou se estava empregada em alguma empresa. Já a dona Januária, certamente exercia alguma atividade informal e não tinha direitos previdenciários e por isso solicitou o auxílio saúde a S.O.B. 13 de Maio e devido sua idade, a diretoria resolveu pagar-lhe uma pensão vitalícia, entendida aqui como aposentadoria.

Sobre a designação racial, 3 sócias foram identificadas como pretas e uma branca, a enfermeira preta Joanina, foi identificada assim por um escritor<sup>126</sup>, a empregada doméstica preta Eugenia foi assim descrita no periódico<sup>127</sup>, as empregadas domésticas Catharina preta e Eny branca foram identificadas dessa maneira no registro de óbito<sup>128</sup>, sendo dessa forma uma percepção externa, um olhar do outro sobre a cor delas e não uma auto-declaração, portanto, não sabemos se elas se identificariam racialmente dessa maneira. Mesmo assim, a heteroidentificação racial nos indica, que havia a associação de mulheres e homens brancos na S.O.B. 13 de Maio mesmo que houvesse uma tendência segregacionista entre as S.O.B. curitibanas.

No item 2.2 analisamos os critérios de admissão e os objetivos da S.O.B. 13 de Maio expressos no texto do estatuto e do regimento. No estatuto de 1896 estava explícito o objetivo de promover a união dos descendentes da raça africana em Curitiba e demais localidades do Estado do Paraná. No estatuto de 1929 esse objetivo de união racial é suprimido e substituído pela expressão “sem distinção de sexo, nacionalidade, crença, religiosa e política”, indicando um tom mais generalista, com uma suposta disposição a acolher pessoas com características diversas. O estatuto de 1929 manteve o compromisso de oferecer auxílio saúde e velório a seus associados.

Apesar de estar escrito que não haveria distinção de sexo entre as/os sócias/os, havia

<sup>126</sup> FERRARINI, Sebastião. **A escravidão negra na província do Paraná**. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 197, p.189.

<sup>127</sup> *O Dia*, 10/04/1943, fl. 3.

<sup>128</sup> Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996, Curitiba, Livro de Óbitos 1940, jul-nov. Registro Civil do Óbito de Catharina de Souza. 07/09/1940, nº 1153, fl. 134. Disponível em:

<<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71PL-Y?i=134&wc=MHNF-VZ9%3A337687101%2C341400801%2C341440801&cc=2016194>> Acesso em: 09 out. 2019.

Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996, Curitiba, Livro de Óbitos 1940, nov-1941, abr. Registro Civil do Óbito de Aime Freitas. 17/02/1941, nº 262, fl. 189. Disponível em:

<<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71J1-5?i=194&wc=MHNF-KP8%3A337687101%2C341400801%2C341444201&cc=2016194>> Acesso em: 09 out. 2019.

critérios de admissão condicionados ao gênero. As mulheres não precisavam tornarem-se sócias para acessarem aos auxílios de saúde e velório e participar das festas bastava serem parentes de um sócio quite com as mensalidades. Mas, caso quisessem tornar-se sócias precisavam da autorização de algum homem de sua família com as mensalidades pagas. Enquanto, para os homens, era necessário ser aprovado por outros três diretores. Ou seja, os direitos sociais só seriam concedidos às mulheres por meio dos homens. Esse critério de acesso também pode ser visto como uma forma de fortalecer os laços entre as famílias. Nesse sentido, as mulheres deveriam ter uma faixa etária mais jovem do que a dos homens, o que pode indicar a preferência por moças que poderiam casar e gerar filhos. Outra condicionante estatutária, era a impossibilidade de eleger e serem eleitas a cargos da diretoria geral, nesse contexto é que se inserem as agremiações de mulheres, como alternativas de constituir sua própria diretoria em paralelo a organização dos homens. Por meio dessas agremiações as mulheres passaram a negociar com os diretores o direito a organizar e administrar atividades de lazer e campanhas beneficentes.

### 2.3 AS MULHERES FILIADAS A SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO

Nesse item irei analisar as referências feitas as sócias da S.O.B. 13 de Maio, tentando identificar quando elas foram citadas de maneira individual, sendo referidas por seus nomes próprios, ou quando foram identificadas como integrante do Grêmio Flor de Maio ou do Grêmio Princesa Isabel, com o objetivo de discutir a importância das mulheres para a S.O.B. 13 de Maio, e verificar os limites das relações gênero no âmbito Sociedade. Afinal, tornar-se sócia da S.O.B. 13 de Maio significava estar filiada a alguma agremiação feminina?

Através do terceiro livro ata de reuniões da S.O.B. 13 de Maio e dos jornais *A República*, *Correio do Paraná*, *Diário da Tarde* e *O Dia*, é possível localizar referências às sócias de maneira individual e coletiva. Nos documentos da S.O.B. 13 de Maio às sócias, geralmente, aparecem descritas pelo secretário negociando o atraso nas mensalidades, solicitando auxílio-saúde, ou alguém de sua família informa seu falecimento. No entanto, por se tratar de um momento de perda para a família e para a Sociedade, não há registros das

famílias solicitando o auxílio velório, pois os diretores se prontificavam em oferecê-lo, afinal os auxílios saúde, velório e homenagens fúnebres eram considerados deveres estatutários da Sociedade para com os sócios e familiares.<sup>129</sup>

Art. 36. - É dever do club, socorrer os seus associados que caírem enfermos e impossibilitados ao trabalho; auxiliar nos funerais, em caso de morte, acompanhando-os com seu estandarte até sua ultima moradia.

§ 1. - Só gozarão deste direito os sócios em dia com as suas mensalidades e que fizerem parte do Club, a mais de 6 meses.

§ 2. - No caso de enfermidade, o sócio, ou sócia, o Club auxiliará com diária de NCr\$ 5,00 para seu tratamento sendo o seu pagamento feito semanalmente.”

§ 3. - Nos treis primeiros meses o enfermo receberá o auxílio por inteiro. No segundo, treis meses, pela metade; findo os seis meses, será observado o artigo 37 e paragrafos 1. e 2.

Art. 37. - O Club, cumprirá com o dispositivo e mediante atestado ou receita médica o qual o presidente de posse deste documento nomeará uma comissão, para visitar o enfermo e a comissão dará seu parecer necessario.

§ 1. - Todo o sócio que tenha sido auxiliado durante 6 meses consecutivos o Club, fornecerá um auxilio de 15\$000, mensal desde que seja provado que o enfermo se ache impossibilitado de qualquer outro meio.

§ 2. - Não terão direito a este auxílio os sócios que tenham moléstia incurável, e que seja reconhecido apto para exercer outra profissão estranha à sua.

§ Único - No caso de falecimento do sócio o Club, auxiliará o funeral com a importância de NCr\$ 10,00.

Art. 38 - No caso do sócio falecido não ter parente algum, o presidente nomeará uma comissão para tratar a realização do enterro.<sup>130</sup>

Além da caixa geral disponível a todas/os sócias/os quites com as mensalidades, havia a possibilidade das/os sócias/os contribuírem para a caixa de socorro, que funcionava como um seguro de vida aos associados e familiares mais próximos.

<sup>129</sup> Esse compromisso com auxílios financeiro e homenagens fúnebres eram práticas comuns entre as Irmandades católicas composta por africanos e afro-descendentes no século XIX. MORTARI, Cláudia. **Os homens pretos do Desterro**: Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

<sup>130</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 18.

Art. 11 - A caixa de socorro será para socorrer as viúvas, filhos, ou herdeiros, de seus associados em caso de falecimentos.

Art. 12 - Todos os sócios farão parte da Caixa de Socorro; para isso pagarão a importância de NCr\$ 1.50 mensais, sendo NCr\$ 1,00, para a Caixa Beneficencia e 0,50, para fazer os fundos da Caixa de Socorro ao qual em caso de falecimento os herdeiros receberão imediatamente o que lhe couber de direito.

§ 1. - Sendo esta caixa independente do movimento do Club, não poderá ser retirado dos cofres qualquer importância para satisfazer outras despesas por pertencer exclusivamente, aos herdeiros dos associados.

§ Único – Este caixa ficará sobre a administração direta do Club.

Art. 15. - Por falecimento do sócio pertencente a Caixa de Socorro será pago a quantia de NCr\$ 100,00 de uma só vez.<sup>131</sup>

A caixa de Socorro era algo levado muito a sério, afinal a morte muitas vezes acomete de surpresa e os familiares mais próximos da/o falecida/o, não poderiam ficar desamparados. Desde o século XIX, a S.O.B. 13 de Maio incluiu uma pensão às viúvas em seu regimento, o benefício continuou sendo concedido as sócias até, pelo menos, meados do século XX. Nota-se que o artigo 11 frisa a importância de assegurar esse direito a viúva e herdeiros. Será que esse benefício se estendia aos viúvos? Será que a imagem de provedor impedia os sócios se perceberem numa condição de fragilidade diante da morte da esposa? O texto do estatuto e do regimento são escritos todo no masculino, só a menção às mulheres quando trata-se de restrições ou benefícios específicos à elas, essa forma de escrita pode ter gerado ambiguidades quanto aos limites dos direitos e deveres de cada sócia/o, ambos os gêneros poderiam se valer dessa ambiguidade para negociar as condições dentro de seus interesses.

Essa proteção às viúvas pode ser reflexo da estrutura patriarcal,<sup>132</sup> onde os homens se projetam como o “chefe da família” e o responsável pelo sustento dela, mesmo que a esposa trabalhasse: a renda da mãe/esposa seria considerado apenas um adicional para a família; mesmo que a morte da esposa significasse um adulto a menos trabalhando. Quando o sócio falecia, a S.O.B.13 de Maio pagava a viúva e aos herdeiros o valor de NCr\$ 100,00 (cem

<sup>131</sup> REGIMENTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 31-32.

<sup>132</sup> Segundo Delphi (2009) “o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens.” DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/teorias-do-patriarcado-7314938c59b>> Acesso em 16 jun. 2020.

Cruzeiros Novos), demonstrando uma preocupação com a vulnerabilidade das famílias após a morte do sócio. A Caixa de Socorro aos herdeiros era mantida através do pagamento de NCr\$ 1.50 mensais, sendo NCr\$ 1,00 à Caixa Beneficência e NCr\$ 0,50, para fazer os fundos da Caixa de Socorro. Através das reuniões deliberativas, é possível acessar o valor das mensalidades em relação ao valor dos auxílios prestados e o salário mínimo, conforme na tabela a seguir:

**Quadro 6 - Valor da Mensalidade em relação aos auxílio saúde e velório e salário mínimo (1946-1967)<sup>133</sup>**

Período	Mensalidade	Aux saúde	Aux velório	Salário mínimo <sup>134</sup>
1º período agosto de 1946 a fevereiro de 1950	Cr\$ 2,00	Cr\$ 2,00	Cr\$ 200,00 <sup>135</sup>	Cr\$ 380,00 a Cr\$1.200,00 <sup>136</sup>
2º período março de 1950 a agosto de 1956	Cr\$ 3,00	Cr\$ 3,00	Cr\$ 300,00 <sup>137</sup>	Cr\$1.200,00 a Cr\$3.800,00 <sup>138</sup>
3º período agosto de 1956 a 1967	Cr\$ 5,00 - NCr\$ [ ]	Cr\$ 3,00 - NCr\$ 5,00	Cr\$ 300,00 - NCr\$ 100,00	Cr\$ 3.800,00 a NCr\$ 105,00 <sup>139</sup>

Fonte: produzido pela autora, 2019

<sup>133</sup> A diretoria da S.O.B. 13 de Maio informou no livro ata que deixaria registrado no livro de receitas a alteração dos valores da mensalidade e dos auxílios saúde, funeral, viúva e aposentadoria pagos pela diretoria da Sociedade. Mesmo que o livro de receitas encontra-se indisponível para consultas, conseguimos elaborar a tabela 5, cruzando informações entre o livro ata, o estatuto e o regimento.

<sup>134</sup> O primeiro salário mínimo foi instituído em julho de 1940 através do Decreto-Lei 2.162/1940 no valor de 240 mil réis, as datas de mudança do salário mínimo não são as mesmas utilizadas para a mudança nos valores dos auxílios, criamos a tabela acima com as data mais próximas as modificações dos auxílios em relação ao salário mínimo, não irei considerar todas as flutuações do salário mínimo no período. A criação dessa tabela cumpri o objetivo de dar uma base de comparação sobre o que esse valores poderiam representar na época.

<sup>135</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.OB. 13 DE MAIO, 11/08/1946, fl.95.

<sup>136</sup> O período de correspondência aos valores do salário mínimo é 1943 a 1952. O Decreto-Lei 5977, de 1943 mudou o salário mínimo para Cr\$ 380,00. Modificando-o novamente através do Decreto nº 30342, de 1951 para o valor de Cr\$ 1.200,00.

<sup>137</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.OB. 13 DE MAIO, 09/02/1950, fl.136.

<sup>138</sup> O período de correspondência aos valores do salário mínimo é 1952 a 1956. O Decreto nº 30342, de 1951 mudou o salário mínimo para Cr\$ 1.200,00. Modificando-o novamente através do Decreto nº 39604, de 1956 para o valor de Cr\$ 3.800,00.

<sup>139</sup> O período de correspondência aos valores do salário mínimo é 1956 a 1967. O Decreto nº 39604, de 1956 mudou o salário mínimo para Cr\$ 3.800,00. Modificando-o novamente através do Decreto nº 60231, de 1967 para o valor de NCr\$ 105,00.

Mesmo não havendo a correspondência exata entre a data das flutuações do salário mínimo com os auxílios prestados é perceptível a tentativa da diretoria em manter o valor da mensalidade o mais acessível possível e também oferecer auxílios com valores significativos. O valor da mensalidade no primeiro e segundo período é equivalente ao do auxílio saúde, sendo que esse valor seria multiplicado pelos dias em que a/o requerente estivesse necessitando, sendo pago semanalmente.<sup>140</sup>

O valor da mensalidade no primeiro e segundo período é 100 vezes menor que o valor do auxílio velório. O auxílio velório no primeiro período (Cr\$ 200,00) correspondia mais que a metade do valor do salário mínimo do início do período (Cr\$ 380,00), ou seja, 52,63%. Mas o salário mínimo subiu para Cr\$ 1.200,00 e o auxílio velório se manteve em Cr\$ 200,00, correspondendo a 16,6%. O aumento do salário mínimo, também, indica o aumento no custo de vida da população, inflação, desvalorização da moeda, mesmo assim os sócios mantiveram o valor da mensalidade e dos demais auxílios mesmo que ele representasse pouco.

Do primeiro para o segundo período a mensalidade subiu 50% (Cr\$ 1,00/ um cruzeiro), o auxílio saúde e o auxílio velório acompanhou esse reajuste de 50%, sendo um aumento de Cr\$ 1,00/ um cruzeiro e Cr\$ 100,00/ cem cruzeiros, respectivamente. O auxílio velório no segundo período subiu para Cr\$ 300,00 correspondendo a 25% do valor do salário mínimo do início do período Cr\$ 1.200,00. Mas o salário mínimo subiu para Cr\$ 3.800,00 no final do 2º período, e o auxílio velório se manteve em Cr\$ 300,00, correspondendo a 7,89%.

Do segundo para o terceiro período a mensalidade subiu de Cr\$ 2,00 para Cr\$ 5,00 (de dois para cinco cruzeiros) representando 60% (Cr\$ 3,00/ três cruzeiros), os auxílios saúde e velório se mantiveram os mesmos no início do período.<sup>141</sup>

Os auxílios fornecidos pela S.O.B. 13 de Maio eram fundamentais aos sócios e sócias, especialmente aqueles que trabalhavam com atividades informais.<sup>142</sup> Os valores do auxílio

---

<sup>140</sup> Mais adiante tratarei de alguns casos de sócias que solicitaram o auxílio saúde.

<sup>141</sup> No final do terceiro período a moeda mudou, o que dificulta a análise comparativa dos valores dos auxílios em relação ao salário mínimo. O auxílio velório alterou de Cr\$ 300,00 para NCr\$ 100,00. E o salário mínimo alterou de Cr\$ 3.800,00 para NCr\$ 105,00. Sendo que no final do período o valor do auxílio velório é quase equivalente ao salário mínimo.

<sup>142</sup> Entre as atividades informais desenvolvida pelas sócias destacam-se o serviço doméstico (cozinheiras, babá, faxineira), exercido pelas sócias Aime Freitas, Catharina de Souza, Eugênia de Araujo. O serviço de costureira exercido por Gabriela Campolin, provavelmente tratava-se de “costura para fora”, trabalhava vendendo o próprio

saúde eram pagos semanalmente mediante comprovação de atestado médico. O auxílio velório era pago em parcela única. O auxílio-saúde e o auxílio-velório eram disponibilizados a todas/os sócias/os quites com o caixa social. As/os sócias/os que tinham um trabalho formal possuíam maior estabilidade financeira e maior segurança pois, a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT)<sup>143</sup> formalizou direitos trabalhistas e ampliou o número de categorias profissionais que seriam beneficiados por estas. Tais direitos beneficiaram apenas quem trabalhava em profissões regulamentadas em regime formal. Antes da aprovação da CLT e, mesmo após a sua aprovação, os auxílios ofertados pela S.O.B. 13 de Maio poderia significar uma segurança aos trabalhadores e trabalhadoras associadas/os.

Na sua origem, os Clubes Sociais Negros faziam aquilo que o Estado brasileiro deixava de fazer. Sendo assim, cumpriam o papel que hoje, por exemplo, cabe à Previdência Social, que é de levar renda quando os trabalhadores estiverem incapazes para o trabalho pela velhice, pela doença, e, em caso de morte, assistir os dependentes.<sup>144</sup>

No período analisado duas sócias foram referidas devido ao seu falecimento: Catharina de Souza<sup>145</sup> e Aime Freitas.<sup>146</sup> A primeira, foi expulsa da Sociedade por atrasar o pagamento das mensalidades e após seu falecimento foi remida e sepultada no jazigo da S.O.B. 13 de Maio no cemitério Municipal de Curitiba, forma que a diretoria encontrou de prestar-lhe homenagens póstumas. Elamar Correia Rispoli o funcionário da Sociedade de Socorro aos Necessitados<sup>147</sup> o asilo onde Catharina residia, não soube informar sua origem, filiação, o nome de seu falecido marido, ou se ela tinha filhos, informou apenas sua cor e profissão, preta e doméstica. Catharina faleceu aos 81 anos vitimada por hemorragia cerebral.

---

serviço de costuras para além do âmbito doméstico. Profissões consideradas honestas para as sócias e sócios mas, que não eram regulamentadas e não tinham a mesma estabilidade do trabalho formal, com a proteção da CLT. Tendo em vista que a PEC 72 conhecida como PEC das domésticas só estendeu os direitos trabalhistas contidos na CLT para a categoria das empregadas domésticas em 2015. Disponível em: <<https://www.nolar.com.br/direitos-da-empregada-domestica/>> Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>143</sup> Consolidou os direitos trabalhistas como o salário mínimo, direito às férias remuneradas, aposentadoria, licença saúde e licença maternidade.

<sup>144</sup> ESCOBAR, op. cit., p.59.

<sup>145</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 08/09/1940, fl. 3-4.

<sup>146</sup> No livro ata ela aparece Eny Freitas e no registro de óbito Aime Freitas. LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/03/1941, fl. 9-10.

<sup>147</sup> Rua João Negrão nº571.



<sup>148</sup> Foi sepultada no Cemitério Municipal no jazigo da S.O.B. 13 de Maio, por mais que no momento estivesse afastada do quadro social por atraso no pagamento das mensalidades. A S.O.B. 13 de Maio interviu no seu caso, como determinava o art.38 que era um dever da diretoria preparar o enterro de sócios que não tinham parentes. A julgar por sua idade, Catharina poderia estar associada há décadas e, provavelmente, tenha sido uma das sócias fundadoras que contribuiu com a organização da Sociedade, de várias maneiras e por um longo período.

A senhorita Aime Freitas era filha de Lúcio Freitas, o 1º orador da S.O.B. 13 de Maio, responsável por fazer discursos em solenidades e, devido ao falecimento da filha, recebeu dos sócios e diretores diversos votos de pêsames. Aime era paranaense, (provavelmente de Curitiba) branca, doméstica, solteira, residia na Praça Senador Correia nº 147 (provavelmente junto com os pais), faleceu aos 33 anos de idade de tuberculose, não deixou testamento ou bens. Também foi sepultada no Cemitério Municipal,<sup>149</sup> no jazigo da S.O.B. 13 de Maio.

Ainda que as sócias tivessem direito ao auxílio enfermidade e auxílio viúva, o estatuto não previa qualquer tipo de auxílio durante a gestação ou parto. Provavelmente, algumas sócias tentaram recorrer a auxílios nestes dois períodos pois, a diretoria resolveu registrar nos estatuto que esse tipo de benefício não seria concedido. “Art. 39. - Para as sócias os partos não é considerado doença caso sobrevenha algum incidente.”<sup>150</sup>

Por mais que a S.O.B. 13 de Maio tivesse o intuito de oferecer apoio as/os associadas/os, existiam algumas limitações quanto ao entendimento das necessidades das mulheres no período da gestação e, essa falta, pode ter contribuído, também, para a criação das agremiações de mulheres. O art.37 do Estatuto previa que as/os sócias deveriam apresentar atestado médico para justificar o recebimento de auxílio-saúde. Contudo, as parteiras não emitiam atestados, somente os médicos estavam autorizados a fazê-lo. Segundo Martins (2005), a obstetrícia estava se firmando no século XIX, na Europa, como campo de

---

<sup>148</sup> Registro de óbito de Catharina de Souza, Livro de Óbitos, 1940, jul-nov. nº 1153. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71PL-Y?i=134&wc=MHNF-VZ9%3A337687101%2C341400801%2C341440801&cc=2016194>> Acesso em: 11 dez. 2019.

<sup>149</sup> Registro de óbito de Aime Freitas, Livro de Óbito, 1940, nov-1941, abri. nº 262. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71J1-5?i=194&wc=MHNF-KP8%3A337687101%2C341400801%2C341444201&cc=2016194>> Acesso em: 11 dez. 2019.

<sup>150</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 19.

estudo do conhecimento científico. Mesmo assim, levou décadas para a medicina obstetrícia ser reconhecida e popularizada tanto na Europa quanto no Brasil, na prática ainda era difícil às mulheres optarem por um parto hospitalar com médicos, por uma questão moral: estariam aos cuidados de um homem em vez de uma parteira mulher. Mesmo entre os médicos, não havia consenso de que a gravidez e o parto necessitavam de acompanhamento médico específico, a gestação naquele contexto era considerado algo simples para ser resolvido entre mulheres (gestante/parturiente e parteira). Nesse período também estava sendo criado o salário maternidade e, possivelmente, os índices de mortalidade infantil e da parturiente deveriam preocupar as mulheres. Desta forma, é possível supor que a motivação para criar agremiações pode estar está relacionada ao fato dessas mulheres serem trabalhadoras e mães que queriam assegurar de forma coletiva, uma melhor condição para suas (re) existências.

Para além de serem beneficiadas com os auxílios saúde e velório, as sócias ajudavam a manter esses auxílios por meio do pagamento de mensalidade, organização de festas, excursões e outras ações. Parte do lucro das festas organizadas pelas diretoras permanecia sob administração das mesmas, ao que podemos supor que esse dinheiro era utilizado para socorrer demandas femininas, entre elas a gestação e o parto.

Formalmente as sócias, como as demais mulheres, só conquistaram o salário maternidade por meio da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), para quem tinha emprego formal com carteira assinada, ao que devo considerar, como variável de investigação, que havia sócias trabalhando no mercado informal.

Dentre outros pontos, os arts. 392, 393 e 395 da CLT aprovada pelo Decreto-Lei nº. 5.452, de 1º de maio de 1943, estabeleceram, respectivamente, que a licença gestante era de quatro semanas antes e oito semanas depois do parto; que neste período a mulher tinha direito ao salário integral e que, em caso de aborto não criminoso, comprovado por atestado médico oficial, a mulher tinha direito a um repouso remunerado de duas semanas, assegurado o direito de retornar à função que ocupava antes de seu afastamento.<sup>151</sup>

A garantia do salário maternidade às mulheres fazia parte do incentivo do governo do Estado Novo ao crescimento populacional, de uma política paternalista que considerava que a

---

<sup>151</sup>ANSILIERO, Graziela; RODRIGUES, Eva B. de O.. Histórico e Evolução Recente da Concessão de Salários-Maternidade no Brasil. **Ministério da Previdência Social, Secretaria de Previdência Social**. v.19, n.2, 2007, p.2.

mãe e as crianças necessitavam cuidados especiais quanto a saúde e educação.<sup>152</sup> As organizações de mulheres da cidade de Curitiba estabeleciam redes de contatos para a promoção de ações filantrópicas de benemerência em favor da maternidade e das crianças pobres.

Saliento que a condição das/os sócias/os que trabalhavam em atividades informais era mais instável, pois não tinham acesso ao direitos trabalhistas como outras/os trabalhadoras/res, mas ainda assim, é possível supor que encontravam-se em condições melhores que outras/os trabalhadores/ras informais que não estavam filiados a alguma S.O.B.

No caso de doença, invalidez ou desemprego, o trabalhador que não contasse com um fundo beneficente da empresa, ou que não contribuísse por sua própria iniciativa para alguma forma de sociedade que fornecesse auxílios, via-se inteiramente desassistido e tinha sua sobrevivência ameaçada em virtude da completa ausência de políticas sociais.<sup>153</sup>

Os auxílios-saúde eram autorizados após avaliação médica que, em alguns casos, realizava-se na presença de uma comissão composta por membros da diretoria masculina, responsáveis por verificar o estado de saúde da pessoa solicitante do auxílio. Dependendo da gravidade, a comissão deveria acompanhar o caso até o restabelecimento da/o solicitante, com a finalidade de evitar que as/os sócias/os fizessem uso indevido do auxílio. Assim, o trabalho de verificação poderia garantir que o auxílio fosse destinado a quem realmente estivesse necessitando. Quatro sócias foram citadas requisitando o auxílio saúde. A sócia Maria Mueller é apontada como possível fraudadora do auxílio saúde pois, aparentemente utilizou-o por 3 meses, mesmo após ter se recuperado.

Em seguida foi tratado do caso da sócia Maria Muller, o snr. Presidente declarou que essa sócia já recebeu auxílio durante 3 meses e continua a pedir auxílio estando já restabelecida, como ele Presidente tomou conhecimento sendo que esta sócia fez uma viagem para fora desta capital sem estar para isto autorizada pelos seus médicos e não deu conhecimento a esta Sociedade, pondo em discussão este caso foi de parecer do conselho que suspendesse o seu auxílio, visto a sócia estar restabelecida e ter contrariado os estatutos da Sociedade de acordo com o Artigo 52- parágrafo 2º dos mesmos estatutos, sendo aprovado.<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> MARTINS, op. cit.

<sup>153</sup> BATALHA, op. cit., p. 11.

<sup>154</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/08/1942, fl.43-44.

O referido artigo 52 § 2 determinava que a/o sócia/o que estivesse recebendo auxílio e fosse encontrada/o “no trabalho, na rua ou na taberna”, teria o auxílio suspenso; ainda segundo o art. 51, caso a/o sócia/o tivesse permissão médica para sair à rua, não poderia ultrapassar o horário das 18 horas e o presidente da Sociedade deveria ser informado. Nessa época, o auxílio diário era de 2 mil réis; a título de comparação, o salário mínimo era 240 mil réis, Maria Muller recebeu 60 mil réis por mês, somando os 3 meses recebeu no total o valor de 180 mil réis. Nesse mesmo período, as/os trabalhadoras/res ainda não haviam conquistado o direito trabalhista de afastamento por motivos de saúde com remuneração salarial, o que ocorreria meses após, quando Getúlio Vargas aprovou a CLT. O que nos faz pensar, que a estratégia de organizações beneficentes em rede não era banal, especialmente diante da ausência de políticas públicas na área da saúde e de direitos trabalhistas.

Pelo exposto, é possível perceber que através do estatuto, a Sociedade buscava estabelecer normas rígidas para atender o maior número possível de sócias/os, eliminando o risco do caixa da Sociedade sofrer danos, além de selecionar pessoas de confiança dispostas a respeitar os princípios do estatuto, punindo qualquer ato de desobediência, que colocassem em risco a reputação da S.O.B. 13 de Maio. Em tais casos, cabia punições conformes à gravidade do delito, desde a suspensão “por 15 dias a um mês sendo privado de todos os direitos sociais”<sup>155</sup>, até a expulsão da Sociedade, situação que seria decidida em assembleia pelos diretores.

Outras três sócias solicitaram o auxílio-doença. Maria das Dores Silva<sup>156</sup> utilizou o auxílio saúde por 15 dias, Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros) por dia, recebeu a quantia de Cr\$ 30,00 (trinta cruzeiros). Adelaide de Paula Rosa<sup>157</sup> também foi citada ao dar baixa no pedido de auxílio após utilizá-lo por uma semana, Cr\$ 3,00 por dia, totalizando Cr\$ 21,00 (vinte e um cruzeiros). Januária Maria da Conceição pediu renovação do auxílio mesmo após ter utilizado por 6 meses.

Expediente: Constou da leitura de (...) um requerimento da Sra. Januaria Maria da Conceição – socia remida desta Sociedade e diversos officios. (...) O requerimento da

---

<sup>155</sup> REGIMENTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.28.

<sup>156</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/03/1949, fl. 123.

<sup>157</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/06/1953, fl. 169.

socia Januaria Maria da Conceição, no qual ella pede auxilio a esta sociedade, por não poder trabalhar em vista da sua idade avançada posta em discussão, a Assembléa concedeu lhe uma pensão mensal de trinta cruzeiros mensaes, (30,00) enquanto tiver vida, por se tratar do seu estado de velhice, a referida Assoicada, já foi socorrida por esta Sociedade, durante seis meses de conformidade com os nossos Estatutos em vigor.<sup>158</sup>

De conformidade com o estatuto, se recebia nos 3 primeiros meses o valor integral, Cr\$2,00 nos primeiros 90 dias, correspondendo o valor de Cr\$ 180,00 (cento e oitenta cruzeiros) e nos 3 últimos meses a metade do auxílio Cr\$ 1,00 por 90 dias, correspondendo a Cr\$ 90,00 (noventa cruzeiros), totalizando a quantia de Cr\$ 270,00 (duzentos e setenta cruzeiros) no período de 6 meses. Como a situação da sócia não estava apenas ligada a uma situação de doença que poderia ser revertida com tratamento médico adequado, a diretoria concedeu uma “aposentadoria” à mesma, por considerar importante garantir um amparo a quem não tinha mais condições de prover seu próprio sustento por questão de velhice. Embora, não saibamos a idade e profissão de Januária, foi consenso conceder-lhe tal auxílio superando as limitações estatutárias. A sócia idosa Januária acionou o artigo 37 § 1 e 2 para dar continuidade ao auxílio mesmo após passado os 6 meses. Neste caso, o artigo 37 § 1 e 2 considerava o valor de Cr\$ 15,00 para enfermos. Como a condição de Januária era velhice, ela conseguiu receber o dobro do valor e de maneira vitalícia. Em 1929, quando o estatuto foi aprovado somente algumas categorias de trabalhadores tinha direito a aposentadoria, desde 1923 a Lei Eloy Chaves instituiu as Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAP's), essa lei beneficiou os ferroviários, sem contemplar outras categorias de trabalhadores.<sup>159</sup> Mas, em 1948 quando Dona Januária solicitou o auxílio, a CLT já tinha regulamentado a aposentadoria dos trabalhadores em regime formal, o que nos leva a pensar que a sócia fazia parte de uma categoria de trabalhadores informal, que não tinha direito a aposentadoria remunerada e, por isso, recorreu a beneficência social.

Essa foi a única sócia que solicitou e conquistou esse beneficio junto à diretoria da S.O.B. 13 de Maio, o que pode indicar a importância e respeitabilidade que ela possuía naquele grupo e que a diretoria fazia questão de amparar as mulheres mais velhas que

<sup>158</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/01/1948, fl. 108-109.

<sup>159</sup> DE LUCA, op. cit., p. 61.

contribuíram com a Sociedade ao longo da vida e, durante a velhice não poderiam ficar desamparadas.

Ao menos sete sócias são referidas devido aos problemas financeiros, por estarem com dificuldades em pagar as mensalidades em dia. A Dona Fé Mendes da Luz<sup>160</sup> correu o risco de ser expulsa da Sociedade, por estar com sete mensalidades em atraso, felizmente conseguiu negociar seu débito e quitou a dívida antes de ser expulsa. As outras seis sócias (Gabriela Campolin,<sup>161</sup> Maria Barbosa das Dores,<sup>162</sup> Jovelina Ferreira Rosa,<sup>163</sup> Ana Mendes,<sup>164</sup> Adelaide de Paula Rosa,<sup>165</sup> Januária Maria da Conceição e a já citada Catharina de Souza) não tiveram o mesmo êxito e foram expulsas e remidas à S.O.B. 13 de Maio após o débito quitado. Além dos problemas financeiros e de saúde a sócia Gabriella Campolin foi referida como a costureira responsável por confeccionar o estandarte da S.O.B. 13 de Maio em 1941.<sup>166</sup>

O Snr. Ramom declarou isto é, leva ao conhecimento dos presentes a situação da sócia Snr.<sup>a</sup> D<sup>a</sup> Fé Mendes da Luz, dizendo que esta senhora recebeu de sua mão a quantia de 100,000 proveniente do auxílio a que teve direito quando enferma, e deixou de pagar sete meses de sua mensalidade, apesar do mesmo ter solicitado da mesma esta importância posta em discussão e aprovação esta parte foi ela aprovada, ficando ainda resolvido que o snr. Ramom Granha, solicitasse mais uma vez da Snr.<sup>a</sup> Fé, o pagamento de suas mensalidades e se caso não fosse satisfeito este pagamento a Sociedade poderá eliminá-la do quadro social de conformidade com o parágrafo 5º do artigo 10 dos nossos Estatutos em vigor.<sup>167</sup>

Segundo o art. 10 § 5, as/os sócias/os com mais de 3 meses de inadimplência seriam expulsas/os, perdendo seus direitos sociais mas, podendo ser remidas/os após 90 dias da quitação do débito. Já havia passado 4 meses (120 dias) do prazo final e a diretoria ainda estava considerando a condição da sócia Fé M. da Luz. Não se evidencia, em consulta ao livro-ata, se a sócia recebera o auxílio enquanto estava com as mensalidades em atraso mas, segundo o estatuto, nenhum/a sócio/a com mensalidades em atraso poderia receber qualquer

<sup>160</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/03/1941, fl. 8-9.

<sup>161</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1957, fl. 174.

<sup>162</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/11/1941, fl. 30; 13/05/1942, fl.40.

<sup>163</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO 13/05/1961, fl. 193.

<sup>164</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/03/1946, fl. 85-86; 13/05/1946, fl. 88-89.

<sup>165</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1946, fl. 88-89.

<sup>166</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/03/1941, fl. 10.

<sup>167</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1940, fl.8-9.

auxílio. “Art. 52. – Para ter direito ao auxílio é necessário que o sócio esteja quite com as suas mensalidades, as que se acharem em atraso e depois de enfermo quiser se quitar não perceberão auxílio.”<sup>168</sup> Neste caso, observa-se que as sócias negociavam seus débitos com a diretoria que, às vezes flexibilizava a cobrança. Porém, ao mesmo tempo, a diretoria não poderia abrir precedentes para que outras/os sócias/os recebessem benefícios sem estar com os débitos quites, em alguns casos era vantajoso tanto para a sócia quanto para a diretoria negociar a condição financeira, do que ser expulsa/o e perder os direitos sociais, ainda mais num momento de fragilidade financeira e de saúde. E do ponto de vista da diretoria expulsar um/a sócio/a não significava reaver o débito, poderia ser que aquela pessoa levasse muito tempo para quitar a dívida, ou simplesmente desistisse de pagar, além da Sociedade sofrer esse desfalque no caixa, expulsar um/a sócio/a significava uma mensalidade à menos e uma pessoa à menos para ajudar a organizar e fortalecer o grupo. As ações de beneficência eram custeadas através do pagamento das mensalidades e da organização de festas. O atraso no pagamento das mensalidades punha em risco o caixa social, implicando um posicionamento de cobrança da diretoria; em caso negativo, a/o sócia/o era excluída/o do quadro associativo e perdia seus direitos sociais.

Das 16 sócias citadas na documentação pesquisada, durante o período analisado, cinco tiveram seu nome destacado nas páginas dos jornais. Ivete Guimarães<sup>169</sup> foi a Rainha do Carnaval de 1938 pelo Grêmio Flor de Maio, representou essa agremiação no Concurso organizado pelo jornal *Correio do Paraná*.<sup>170</sup> E as outras quatro fizeram parte de alguma gestão das agremiações femininas negras: Idalina Costa Pedrosa<sup>171</sup> foi Secretária do Grêmio Princesa Isabel na gestão 1923/1924; Ignez Odette Santos foi a 1ª Secretária do Grêmio Flor

<sup>168</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 21.

<sup>169</sup> *Correio do Paraná*, 10/02/1938, fl. 7.

<sup>170</sup> Ivete disputou com outras 36 mulheres representantes de Sociedades ou agremiações femininas de Curitiba : Círculo Militar, Graciosa Country Clube, Sociedade União Síria, Coritiba Futebol Clube, Grêmio Bouquet, Clube Curitibano, Casino Curitibano, Grêmio Rubro Negro, Grêmio das Violetas, Grêmio Madressilva, Clube Atlético Ferroviário, Grêmio Britânico, Sociedade Giuseppe Garibaldi, Grêmio Esperança, Sociedade Thalia, Sociedade Handwerker, Grêmio Cassino Curitibano, Clube Atlético Paranaense, Savóia Futebol Clube, Grêmio Recreativo Ferroviário, Grêmio Universal, Grêmio Coritiba. Ivete Guimarães iniciou o concurso na 37ª posição com 9 votos e terminou o concurso na 22ª posição com 148 votos, para o Grêmio Flôr de Maio, a 1ª colocada Selma Serrato representante da Sociedade Giuseppe Garibaldi iniciou o concurso na 17ª posição com 198 votos e encerrou vitoriosa com 7.166 votos. Tratarei desse assunto no próximo capítulo, no item 3.2.

<sup>171</sup> *O Dia*, 12/02/1924, fl. 5.

de Maio na gestão 1936/1937<sup>172</sup>; a Senhorita Maria Paula Roza de Souza foi a oradora do Grêmio Flor de Maio<sup>173</sup> por 5 gestões 1941, 1942, 1945, 1946 e 1948, e responsável por proferir discursos nas Sessões Magnas em comemoração a abolição e aniversário da Sociedade 13 de Maio; e Dona Adelaide de Paula Rosa, citada em diversas situações, foi secretária da S.O.B. 28 de Setembro na gestão 1944-1945,<sup>174</sup> presidente do Grêmio Flor de Maio na gestão 1945-1946<sup>175</sup> e do Grêmio Princesa Isabel nas gestões 1948-49,<sup>176</sup> 1953-1955<sup>177</sup> e 1957-1959.<sup>178</sup> O livro ata não deixa explícito se tornar-se sócia da S.O.B. 13 de Maio significava, automaticamente, ser filiada a alguma das agremiações de mulheres.

**Quadro 7 - A forma como as sócias são referidas no livro ata e nos jornais (1923-1961)**

Sócias	Auxílio saúde	Voto de louvor por falecimento	Título de sócia remida	Outras ocorrências
1 - Idalina Costa Pedrosa				Secretária do Grêmio Princesa Isabel. <sup>179</sup> 12/02/1924
2 - Ignez Odette Santos				1ª Secretária do Grêmio Flor de Maio. <sup>180</sup> 14/01/1937
3 - Ivete Guimarães				Rainha do Carnaval de 1938 pelo Grêmio Flor de Maio. <sup>181</sup> 10-25/02/1938
4 - Catharina de Souza		Sócia falecida em 06/09/1940.	Sócia remida em 08/09/1940.	
5 - Fé Mendes da Luz				Sócia com risco de ser eliminada por

<sup>172</sup> *Diário da Tarde*, 14/01/1937, fl.04.

<sup>173</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1941;1945;1948, fl. 21-22; 27; 75-76; 119.

<sup>174</sup> *Diário da Tarde*, 26/09/1944, fl. 4.

<sup>175</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/03/1946, fl. 85.

<sup>176</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 31/10/1948, fl. 122.

<sup>177</sup> *Diário da Tarde*, 22/07/1954, fl. 6.

<sup>178</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1957, fl. 174.

<sup>179</sup> *O Dia*, 12/02/1924, fl. 5.

<sup>180</sup> *Diário de Tarde*, 14/01/1937, fl. 4.

<sup>181</sup> *Correio do Paraná*, 10/02/1938, fl 7.



				estar com 7 mensalidades em atraso. 09/03/1941
6 - Aime Freitas		Sócia falecida em 17/02/1941.		Filha do sócio Lúcio Freitas. 09/03/1941
7 - Gabriella Campolin			Sócia remida em 13/05/1957.	Sócia responsável por costurar o estandarte. 09/03/1941 Parente de Olegário Campolin o porta estandarte. 06/04/1941
8 - Maria Paula Roza de Souza				Representante e Oradora do Grêmio Flor de Maio, nas gestões de 1941, 1945, 1946 e 1948.
9 - Maria Barbosa das Dolores			Sócia expulsa em 1935, remida em 13/05/1942.	Mãe de Zeferino Manoel de Carvalho. 03/05/1942
10 - Maria Mueller	Sócia suspeita de fraudar o auxílio doença. 09/08/1942			
11 - Eugenia Araújo				Sócia da S.O.B. 13 de Maio e presidente da S.O.B. 28 de Setembro. 10/04/1943. <sup>182</sup>
12 - Adelaide Paula Roza de Souza	Sócia enferma em 01/06/1953.		Sócia remida em 13/05/1946.	Presidente do Grêmio Flor de Maio. 24/03/1946 Presidente do Grêmio Princesa Isabel. 31/10/1948 Secretária da S.O.B. 28 de Setembro. 26/09/1944 26/09/1953
13 - Anna Mendes			Sócia remida em	Esposa de Arcelino

<sup>182</sup> *O Dia*, 10/04/1943, fl. 3.

			13/05/1946.	Mendes. 24/03/1946
14 - Januária Maria da Conceição			Sócia remida em 13/05/1948.	A diretoria da S.O.B. 13 de Maio forneceu a sócia uma aposentadoria mensal vitalícia de 30,00 cruzeiros. 24/01/1948
15 - Maria das Dores Silva	Sócia enferma em 13/03/1949.			
16 - Joanina Maria de Souza				A sócia proferiu discurso na solenidade de inauguração do prédio social em 13/05/1956. <sup>183</sup>
17 - Jovelina Ferreira Rosa			Sócia remida em 13/05/1961.	

Fonte: produzida pela autora, 2019

As 17 sócias encontradas na documentação pesquisada, correspondem apenas uma parte do total de sócias e variedades de experiências. Essas foram citadas por estarem solicitando auxílios da Sociedade, ou por tentarem negociar suas mensalidades pendentes, ou por representarem alguma das associações femininas. Provavelmente havia muitas outras sócias que permaneceram anônimas por não terem demandado à diretoria, nem se destacado publicamente. As diretoras são relacionadas às associações, o que não ocorre com as demais integrantes, por isso torna-se difícil perceber a quantidade de sócias e quais delas faziam parte de alguma associação feminina. Por mais que tenhamos lacunas em aberto, é perceptível que essas sócias tinham conhecimento de seus direitos sociais e os requisitavam sempre que necessário.

No item 2.3 procuramos analisar a maneira como as sócias da S.O.B. 13 de Maio foram referidas no livro ata e nos jornais, encontramos ao todo 17 sócias da S.O.B. 13 de

<sup>183</sup> FERRARINI, op. cit., p. 189-190.

Maio. Porém, não podemos afirmar que todas elas faziam parte de alguma A.F.N., entre as 17 analisadas, 6 são descritas compondo a diretoria ou como representante de alguma A.F.N. (S.O.B. 28 de Setembro, ou Grêmio Flor de Maio e/ou Grêmio Princesa Isabel) mas, isso não exclui a possibilidade de as outras sócias terem se filiado às A.F.N..

Geralmente as sócias são referidas quando solicitavam o auxílio saúde, o auxílio velório, e ou negociando suas dívidas com a Sociedade. Ao analisar o quadro 7, percebemos que 3 sócias foram referidas solicitando o auxílio saúde, 3 sócias foram referidas em virtude de seu falecimento, 8 sócias foram citadas por estarem com problemas financeiros e mensalidades atrasada. Houve ainda um caso em que a sócia conseguiu angariar uma aposentadoria, mesmo que esse auxílio não estivesse listado entre os direitos sociais garantidos pelo estatuto, do clube, a sócia conquistou esse benefício, isso demonstra que a diretoria sentia-se responsável por oferecer amparo as sócias mais velhas que não conseguiam mais trabalhar e necessitavam ter alguma forma de sustento.

O predomínio de referências as sócias relacionadas a solicitação de auxílios nos indica, a importância da rede de beneficência num período em que não havia políticas públicas na área da saúde, dos direitos trabalhistas e previdenciários. A conquista da CLT em 1943 beneficiou os trabalhadores formais mas, outras categorias trabalhistas como as empregadas domésticas não tinham essa proteção do Estado, necessitando recorrer a organizações populares, como as associações e sindicatos. Mesmo que a S.O.B. 13 de Maio oferecesse benefícios exclusivos às mulheres como o auxílio viúva, não previa auxílios específicos para as sócias no período da gestação ou no pós parto, provavelmente essas foram demandas acolhidas pelas A.F.N. e A.F..

No quadro 5, tentamos estabelecer as relações entre o valor da mensalidade, os auxílios ofertados pela Sociedade e o salário mínimo, percebemos que no período de quase 20 anos (1946-1967) houve um esforço da diretoria e das/os sócias/os manterem o valor das mensalidades e dos auxílios compatíveis com as necessidades do coletivo, mesmo num período marcado por inflações, desvalorização e mudanças de moeda. Tanto os pedidos de auxílio como as negociações do débito das mensalidades afetavam o equilíbrio econômico do

grupo. Distribuir auxílios implicava estar com saldo positivo no caixa, nesse sentido as mulheres não só foram auxiliadas pela Sociedade mas, também ajudaram a manter os auxílios sociais fazendo o pagamento de suas mensalidades e mesmo quando estas estavam em atraso assumiram o compromisso de quitar o débito, seja em dinheiro, ou prestando serviços úteis à Sociedade, como auxiliar na organização de festas.

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Angela Davis)

### **3 SOCIABILIDADES: AS FESTAS DA SOCIEDADE OPERÁRIA BENEFICENTE 13 DE MAIO E DAS AGREMIações FEMININAS**

Neste capítulo analisaremos a importância das festas para a S.O.B. 13 de Maio e para as agremiações femininas, os tipos de festas realizadas na S.O.B. 13 de Maio e a diferença entre as festas organizadas pela diretoria masculina e pelas diretorias femininas. A importância da organização de atividade de lazer, por parte das agremiações femininas, para a manutenção das ações de beneficência. A relação entre as comemorações e os significados dos nomes do Grêmio Flor de Maio e do Grêmio Princesa Isabel para suas agremiadas.

Realizar festas era um direito social, reservado a diretoria conforme o estatuto: “Art. 14 § 3. - Compete à Diretoria designar dias de festejos, ou recreios sociais.”<sup>184</sup> Para garantir o direito a festa, era necessário deixar todas/os sócias/os cientes dos deveres estatutário referentes à conduta moral durante as reuniões e festas, as/os frequentadoras/es deveriam “portar-se com todo respeito e acatamento para não ser censurado pelos sócios, ou pessoas estranhas, presente na festividade.”<sup>185</sup> As festas ocupavam uma parte tão significativa na organização que tornou-se necessário estabelecer normas, determinando quem poderia organizar e, ou frequentar as festas.

No estatuto também constava a diferenciação entre as sessões ordinária, extraordinárias e magnas, a frequência com que essas sessões seriam realizadas e a necessidade de divulgá-las na imprensa.

Art. 31. - O Club, fará sessões; ordinárias, extraordinárias e magnas.

§ 1. - As sessões ordinárias, terão lugar de 2 em 2 meses, sendo realizadas no segundo Domingo do mês não podendo funcionar sem estarem presentes 15 sócios quites.

§ 2. - Sessões extraordinárias terão lugar quando o Presidente ou a Diretoria em caso urgente exigir para deliberar sobre qualquer necessidade que precise dar andamento só podendo, funcionar com a presença de 20 socios quites caso não compareça

<sup>184</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.8.

<sup>185</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.4.

numero legal poderá funcionar uma hora depois de marcada a sessão com o numero presente.

§ 3. - Será concedida uma assembleias extraordinária quando 20 sócios em petição bem fundamentada dirigida ao presidente do Club, e esclarecendo o motivo solicitarem a respectiva convocação.

Art. 32. - As assembleias gerais serão publicadas pela imprensa com 3 dias de antecedência e aviso no recinto social.

Art. 33. - As sessões magnas, terão lugar no dia 13 de Maio para comemorar o grandioso dia da lei Áurea de 13 de Maio, e 6 de Junho aniversário do Club, que poderá ser festejado, com baile e outras manifestações como sejam, passeatas, iluminação do edifício, etc.<sup>186</sup>

No trecho acima, fica nítido a importância de estabelecer uma frequência para as reuniões deliberativas e para as sessões magnas, e fazer a divulgação das sessões ordinárias, extraordinárias e magnas,<sup>187</sup> por meio da imprensa local. Entre as sessões ordinária, havia a convocação de assembleia geral para realizar a eleição da nova diretoria<sup>188</sup> que seria empossada na sessão magna subsequente. Ou, “para tratar de assuntos de interesses sociais”,<sup>189</sup> maneira de avisar os sócios que a reunião trataria de assuntos importantes mas, sem expor a pauta e ao mesmo tempo, convocando todas/os sócias/os para que houvesse número suficiente de sócias/os para que ocorresse a reunião (15 sócias/os quites com o caixa social). A assembléia geral extraordinária,<sup>190</sup> era convocada para tratar de assuntos urgentes como a reforma do prédio<sup>191</sup> em 1955 e reforma do estatuto em 1967. A intenção de divulgar na imprensa as atividades sociais: festas e assembleias, está relacionada a tentativa de atrair novas/os associadas/os, convocar as/os antigas/os associadas/os a participar da programação da Sociedade, manter, ou criar novas parcerias, com membros das S.O.B.<sup>192</sup> e as autoridades

<sup>186</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 16-17.

<sup>187</sup> *Diário da Tarde*, 12/05/1953, fl. 4.; 11/05/1956, fl.6. ;10/05/1957, fl. 4.;10/05/1958, fl. 4.; 13/05/ 1958, fl 6.; 08/05/1959, fl. 4.;11/05/1960, fl.5.

<sup>188</sup> *Diário da Tarde*, 08/04/1949, fl. 2. *Diário da Tarde*, 15/04/1950, fl.4.

<sup>189</sup> *Diário da Tarde*, 1940, fl. 10. *Diário da Tarde*, 10/05/1943, fl.6. *Diário da Tarde*, 09/05/1945, fl.7. *Diário da Tarde*,10/08/1949, fl.4. *Diário da Tarde*, 21/12/1951, fl.6. *Diário da Tarde*, 30/05/1952, fl.4. *Diário da Tarde*, 13/05/1953, fl. 4. (*Diário da Tarde*, 15/04/1955, fl.4). *Diário da Tarde*, 12/05/1956, fl. 4.

<sup>190</sup> *Diário da Tarde*, 08/10/1954, fl. 4.

<sup>191</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 20/03/1955, fl. 172.

<sup>192</sup> A diretoria da S.O.B. 13 de Maio chamava as S.O.B. (dos Trabalhadores na Erva Mate, 27 de Janeiro, dos Padeiros, Santa Cecília, Cruzeiro do Sul, Órion, 14 de Janeiro, Estrela da Manhã, do Batel, do Paço, Três Corações, 28 de Setembro, Vila Izabel e Sociedade Protetora dos Operários, entre outras) de co-irmãs, com

locais.

As festas realizadas na sede da S.O.B. 13 de Maio tinham diversas temáticas, que podem ser divididas em cinco categorias:

1. As sessões magnas: compunham um conjunto de comemorações em uma só festa, sessão solene em comemoração da abolição e do aniversário de fundação da Sociedade, posse da nova diretoria, coquetel e baile para sócias/os famílias e convidados.
2. Os bailes de Carnaval para adultos e matinês infantis.
3. As festas católicas: Festa de São Pedro, baile de São Silvestre, baile de Natal.
4. As festas das agremiações femininas: Festa da Chita, baile da Primavera, baile da Neve, festival campestre, sarau dançante.
5. E festas com temáticas variadas que não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores. Festas beneficentes e festa em comemoração a inauguração do prédio social após a reforma em 1956.

Embora, o registro das reuniões e a divulgação delas na imprensa, fossem preocupações de ordem administrativa presente aos diretores, atualmente tem a potencialidade de fonte documental, onde é possível acompanhar o processo de organização dos eventos em três momentos distintos: as reuniões organizativas, a divulgação do evento na imprensa (pré-festa), o registro em ata sobre o transcurso do evento (durante a festa), e o balanço positivo ou negativo do evento conforme a observação dos jornalistas e dos diretores (pós-festa). Quando é possível encontrar documentação sobre esses três momentos é possível cruzar informações que ajudam perceber as etapas que envolviam o grupo na organização das festas, a relação entre as expectativas e a realização, a relação de convidados e as pessoas que efetivamente compareceram à festa, às motivações para a realização das festas e os discursos realizados durante a festa.

A publicidade sobre as festas eram assinadas em nome da Diretoria, ou da/o presidente, ou ainda da/o 1º Secretária/o. Em algumas festas, a diretoria fazia questão de

---

quem estabeleciam parcerias.

divulgar quem eram os membros responsáveis por cada comissão. Em outros casos, fazem menção a diretoria da S.O.B. 13 de Maio de maneira genérica, o que dificulta perceber quem organizava as festas. As sócias ajudavam a organizar as festas da S.O.B. 13 de Maio? Ou participavam apenas da organização das festas das agremiações femininas?

Tiveram Sessões Magnas com direito a buffet para as/os sócias/os, famílias e convidados, para entrar no recinto social as/os sócias/os deveriam apresentar o último talão de mensalidade<sup>193</sup> (nº 4 referente ao mês de abril) e as/os convidadas/os deveriam apresentar seu convite de ingresso. Por vezes, nas sessões ordinárias, as/os sócias/os e diretorias decidiam qual seria o formato da festa, exclusiva aos sócios ou aberta, “seca ou molhada”, geralmente as festas molhadas (com bebida alcoólica) eram restritas aos sócios, famílias e convidados, as festas secas poderiam ser abertas a um público maior, essa era uma forma de controlar o comportamento e a moralidade no recinto social, diminuindo o risco de brigas ou escândalos provocados por embriaguez. As/Os sócias/os já estavam familiarizadas/os com as determinações do estatuto mas, pessoas externas, provavelmente, não teriam o mesmo respeito as normas estatutárias da S.O.B. 13 de Maio que pretendiam manter um ambiente seguro e tranquilo.

O snr Presidente, aproveitando de se acharmos reunidos, consulta a Assembléa, o programma da nossa festa no dia 13 de Maio se faz se a seca ou molhada, tendo a Assembléa opinado para ser molhado de acordo com as posses da Sociedade e que a mesma devera ser exclusivamente para seus associados e Exma Familias. Nada mais havendo a tratar, o snr. Presidente agradece a todos os seus comparecimentos e convida os Snrs. Directores, a virem tomar posse do seu cargo no proximo dia 13 de Maio, as 21 horas em sessão solene, e convida ainda a todos os presentes para tomarem um copo d’agua, por este grande acontecimento. Passando para a segunda parte, foi servido aos associados presentes, uma farta meza de cervejas e frios que prolongou-se até o cahir da noite, correndo tudo na mais perfeita ordem e harmonia, tendo se feito ouvir a palavra de diversos oradores, sendo todos elles bastante aplaudido, ao terminar suas orações.<sup>194</sup>

Nesse sentido, as regras estatutárias sobre a conduta moral buscavam prevenir

<sup>193</sup> *Diário da Tarde*, 10/05/1958, fl. 4. Por vezes, quando a sessão solene era realizada no mês de junho era requisitada a apresentação do talão n.º 5 referente ao mês de maio. *Diário da Tarde*, 10/05/1943, fl. 6.

<sup>194</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/04/1947, fl. 101-102.



condutas desviantes do almejado pelos diretores, sendo uma vitória registrar em ata que determinada reunião ou festa ocorreu “na mais perfeita ordem e harmonia”.

Foi agredido hontem às 17 horas, pelo individuo de nome Antonio de tal o syrio Abrahão Teris que naquella occasião sahia da séde da Sociedade 13 de Maio, em companhia de vários amigos seus. Abrahão ficou ferido a punhal no ventre, sendo hoje submettido a exame de corpo de delito pelo dr. Mario Gomes, medico legista.<sup>195</sup>

Certamente, as/os sócias/os não queriam ler notícias como essas nos jornais, não queriam ter sua Sociedade relacionada a espaço de criminalidade e violência.

O Snr. Presidente, apresentou a Assembléa, uma queixa dos Associados: João Maria Borges, João de Almeida e Grilo Falador, que se portaram de modo inconveniente e desrespeitoso no recinto desta sociedade, por ocasião de um baile promovido por esta Sociedade, sendo que o primeiro já é reincidente na falta desta natureza...Posta em discussão, a assemblea resolveu o eliminar do quadro social desta Sociedade, o Snr. João Maria Borges, e suspendeu por trinta dias, dos direitos sociaes os socios João de Almeida e Grilo Falador, devendo o Snr. Secretario dar conhecimento aos mesmos, por meios de officios.<sup>196</sup>

João Maria Borges foi expulso por ser reincidente na prática de atos inconvenientes no espaço do clube, aos outros dois sócios, João Almeida e Grilo Falador a expulsão de João Maria deveria servir de exemplo e preveni-los de que a reincidência não seria tolerada. Mas, que atos inconvenientes eram esses? Nos artigos 10, 59 e 60 encontramos quais comportamentos eram passíveis a suspensão e até mesmo expulsão.

Perdem os direitos de sócios

Art. 10. § 1. - Todo sócio que praticar ações desonestas ou vícios que comprometam o decoro do Club.

§ 2. Os que promovam escandalos dentro ou fora do Club acompanhado de prejuizos material.

§ 3. - Os que desacatarem a Diretoria e Membros do Conselho Fiscal em exercício de suas funções.

<sup>195</sup> *Diário da Tarde*, 27/04/1920, fl. 6.

<sup>196</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/01/1948, fl. 110-111.

§ 4. - Os que forem condenados pelo Tribunal de Juri por crimes de homicídio, roubo ou qualquer outro.

§ 5. - Os que deixarem de pagar suas mensalidades por mais de três meses, estes poderão ser readmitidos a juízo da Diretoria se pagarem os atrasados perdendo no entanto o direito de auxílio o qual será somente readquiridos depois de decorridos noventa dias a contar da data de sua quitação.<sup>197</sup>

Sabemos que as mensalidades em atraso eram passíveis à negociações, então provavelmente estas penalidades não estavam relacionadas com o atraso das mensalidade. Provavelmente os atos inconvenientes tem relação com os parágrafos 1, 2, e 3 do 10º artigo. Os artigos 59 e 60 reforçam essa possibilidade.

(Parte Penal)

Art. 59. - Constituem delitos perante o Clube:

§ 1 – Comportamentos contra a honra, crédito e moralidade do Clube.

§ 2 – Revelar a estranhos segredos do Clube.

§ 3 – Desacatar um sócio dentro ou fora do recinto social.

§ 4 – Não zelar corretamente ao cargo em que lhe for confiado.

§ 5– O sócio que desobedecer membros da Diretoria, tiver mau procedimento e proferir palavras obscenas.

(ainda são faltas)

Art. 60. § 1 - Não portar-se convenientemente nas reuniões.

§ 2 – Não pagar as mensalidade em dia.

§ 3 – Receber dinheiro por meio de fraude.

§ Único - As sócias e sócios que comparecerem em dias de festas em estado de embriaguez perturbando tais diversões.<sup>198</sup>

Não há indícios de que aqueles três sócios faziam parte da diretoria, ou tivessem

<sup>197</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 6-7.

<sup>198</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl. 23-24.

acesso a parte financeira do clube. Sabemos que os atos inconvenientes foram praticados dentro do recinto social, não sabemos se foi em sessão deliberativa ou em festa mas, provavelmente os delitos cometidos estão relacionados a desonestidade, desrespeito a outros sócios, ou a membros da diretoria, provavelmente relacionado a utilização de palavras obscenas e embriaguez. Através do estatuto percebemos que “a moralidade” pretendida está relacionado ao bom trato nas relações interpessoais, a agir com honestidade com relação ao patrimônio do clube e não possuir vícios.

Outros comportamentos como utilizar chapéus dentro do recinto social também preocupou os diretores que providenciaram cartazes de avisos aos senhores para lembrá-los de retirar os chapéus assim que adentrassem no prédio.<sup>199</sup> Havia comissões responsáveis pelo comportamento dos sócios em dias de baile e o guarda de mestre-sala era o responsável pela moral do salão, nessa função estava autorizado a chamar a atenção de qualquer pessoas que estivesse cometendo atos desrespeitosos e se seus avisos não fossem atendido deveria encaminhar a diretoria.<sup>200</sup> Segundo Escobar (2010) as mulheres (principalmente as esposas dos diretores) eram responsáveis por manter a moralidade no recinto social, fiscalizando o vestuário e o comportamento das/os sócias/os se estava de acordo com o ambiente familiar que se pretendia zelar. Entre as sócias da S.O.B. 13 de Maio e das agremiações femininas essa tendência de cuidar do comportamento moral não estava diretamente ligada ao fato da mulher ser esposa de um diretor mas, ao fato dela fazer parte da diretoria de alguma agremiação ou compor a comissão de toilette<sup>201</sup> da festa, sua autoridade era respeitada, a partir do cargo que estava exercendo e não do grau de parentesco com algum diretor, embora esse fator pudesse estar interligado.

As festas, geralmente eram animadas por alguma Jazz Band.

Em seguida conçocios Julio Pinto apresentou a meza uma proposta para a Sociedade dos preços do Jazz Band para os bailes, o Snr Presidente submeteu a discussão e aprovação, ficando aprovado o seguinte: ‘O Snr, Antonio Julio Pinto

---

<sup>199</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/08/1949, fl. 132.

<sup>200</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/12/1944, fl.68.

<sup>201</sup> Como em algumas festas do Grêmio das Camélias em que a comissão de toilette era composto exclusivamente por mulheres, enquanto as demais comissões recepção, salão, ornamentação e buffet eram composta por homens. *Diário da Tarde*, 04/06/1903, fl.2

comprometeu-se de tocar nos bailes desta Sociedade, das 8 e ½ horas as 3 da manhã pela importancia de (80. 000) oitenta mil reis (seus) com 4 figuras até ulterior a liberação desta diretoria.<sup>202</sup>

Assim como no trecho acima, em outros momentos a Jazz-Band contratada para tocar na festa da S.O.B. 13 de Maio ou das agremiações femininas é referida de maneira genérica: afinadíssimo Jazz-Band<sup>203</sup>, animadíssimo Jazz-Band, dois ótimos jazzes<sup>204</sup>, sendo difícil identificar o nome do grupo, o número de componentes, os instrumentos tocados e os ritmos executados. Provavelmente era preferível contratar o grupo musical que algum sócio fosse componente, facilitando a negociação do valor justo para a contratação do serviço e na manutenção da moralidade do ambiente. O surgimento das *jazz-bands* e a inauguração da Rádio Clube Paranaense na década de 1920 permitiu a popularização do Jazz e de outros ritmos como o Mambo, Bolero, Samba, Tango e o Fox-Trot, ou seja, as jazz-bands não tocavam apenas jazz.<sup>205</sup> Segundo Marília Giller (2007, apud BAHLS; SILVA, 2016. p. 35), as *jazz-bands* se disseminaram pelo Brasil para substituir as orquestras de baile. Em Curitiba havia diversas *jazz-bands* entre elas: *Curitiba Jazz Band*, *Ideal Jazz-Band*,<sup>206</sup> *Jazz Guaíra*,<sup>207</sup> *Jazz Manon*, *Jazz Trianon*, *Jazz Luz*, *Jazz Continental*, *Jazz Copacabana*, etc.

A utilização do botequim da Sociedade também era regulada por critérios estatutários.

Art. 8 – O Club terá botequim cuja exploração será consedida ao sócio que mais vantagem oferecer.

§ 1. - Esta conseqüência para a qual serão chamado concorrentes por meio de edital fixado no recinto social e publicado pela imprensa por espaço de um ano a contar de 13 de junho de cada ano podendo ser prolongado por qualquer circunstância ou conveniências de acordo com a Diretoria.

§ 2. - As propostas deverão ser apresentadas fechadas e serão abertas pela Diretoria no dia marcado em edital e na presença dos concorrentes.

<sup>202</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 08/09/1940, fl.3-4.

<sup>203</sup> Chá-dançante do Grêmio Princesa Isabel. *O Dia*, 06/08/1929, fl. 6.

<sup>204</sup> *O Dia*, 07/05/1930, fl. 6.

<sup>205</sup> BAHLS, Aparecida V. da S.; SILVA, Lília M. da. **Curitiba & Música: nos acordes da Fundação Cultural**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2016, p. 35.

<sup>206</sup> Ibidem. p. 35-37.

<sup>207</sup> Diário da Tarde, 18/12/1948, fl. 4; 17/07/1940, fl. 8.; 14/08/1941, fl. 4.; 26/10/1945, fl. 4.; 07/11/1940, fl. 5.; 01/02/1940, fl. 3.

§ 3 – No caso de ter duas propostas ou mais iguais, será aceita aquela que obtiver mais votos e der mais vantagem.

Art. 9 – o Zelador do Club, será o mesmo boquetineiro.<sup>208</sup>

A existência de um edital nos mostra que havia concorrência, ou seja, muitas pessoas estavam interessadas em utilizar a estrutura do botequim e por isso a diretoria estabeleceu regras para a seleção das/os interessadas/os. Apesar dos diretores informarem que haveria um processo seletivo para a escolha dos responsáveis pelo botequim não encontramos as publicações dos editais nos jornais mas, encontramos no livro ata uma solicitação do Grêmio Princesa Isabel para utilizar o botequim durante uma festa na sede social, na ocasião, as agremiadas ganharam a autorização para utilizar os salões internos, o botequim, o quintal e a churrasqueira,<sup>209</sup> o que demonstra que essa agremiação foi o grupo que apresentou a melhor proposta de administração do botequim para a diretoria da S.O.B. 13 de Maio naquele momento.

### 3.1 AÇÕES COLETIVAS: AS FESTAS DO GRÊMIO FLOR DE MAIO E DO GRÊMIO PRINCESA ISABEL

Neste item analisaremos as referências feitas as agremiações femininas, as diretoras ou as suas representantes. O Grêmio Flor de Maio esteve em funcionamento entre 1922 a 1946<sup>210</sup> e o Grêmio Princesa Isabel esteve em funcionamento entre 1924 a 1963.<sup>211</sup> As agremiações são referidas quando as diretoras tentam negociar as condições de aluguel do salão da sede da S.O.B. 13 de Maio para a realização de festas, ou quando alguma representante realizava um discurso durante a festa, ou, ainda, na realização de campanhas de beneficência. No período

---

<sup>208</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.29-30.

<sup>209</sup> LIVRO DE ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 31/10/1948, fl. 122. Trataremos desse assunto no item 3.1 onde falaremos da organização das festas por parte das agremiações de mulheres.

<sup>210</sup> Essas datas referem-se ao primeiro e último registro encontrado sobre a agremiação, não foi encontrado ainda o período exato de funcionamento, podendo ser a data de fundação anterior à indicada e há possibilidades do ano de encerramento ser posterior, ou seja, esse é o período aproximado, há possibilidade dele ser maior.

<sup>211</sup> Idem.

de 1924 e 1946 essas duas agremiações coexistiram. Qual a necessidade de montar duas agremiações femininas num mesmo clube social negro? Será que é possível identificar diferença de propostas de organização? A partir de 1946 não encontramos mais referências sobre o Grêmio Flor de Maio e só encontramos referências ao Grêmio Princesa Isabel, é possível que o G.F.M tenha deixado de existir em 1946, ou tenha se fundido ao G.P.I.

**Fotografia 2** - Grêmio Flor de Maio em 1938



*Fonte: PACHECO; FIGUEIRA; HOSHINO. 2012. p. 68.*

Na fotografia acima, é possível verificar que o Grêmio Flor de Maio era composto por um grande grupo, são 49 pessoas em pose. Este Grêmio não é formado por um bloco homogêneo, há diversidade de gerações, gênero e raça. Não temos a legenda com o nome

das/os integrantes, irei realizar uma análise interseccional da fotografia. Na fileira da frente há 10 crianças sentadas no chão, sendo 6 meninos e 4 meninas, a identificação do gênero das crianças é facilitado pelos trajes, as meninas estão trajadas com vestidos ou saias e estão com um penteado mais elaborado, duas com um laço de fita enfeitando o cabelo, 3 delas são negras e a outra branca. Os meninos são identificados por estarem de bermuda e cabelo curto, com penteado simples, sendo quatro negros e dois brancos. Por ser uma fotografia em preto e branco, torna-se arriscado atribuir cor aos componentes das fileiras subsequentes, considerando que a fotografia foi realizada no salão da sede da S.O.B. 13 Maio, num ambiente fechado o contraste de luz e sombras dificulta percebermos tons intermediários, podendo erroneamente considerar uma pessoa negra de pele clara como branca, ou ao contrário, enxergar melanina onde a incidência de luz no ambiente é menor, dessa maneira, podemos cometer colorismo<sup>212</sup> considerando negras apenas as pessoas retintas, com o tom de pele mais escuro. Para além da tonalidade de pele o fenótipo é composto também pela textura dos cabelos e traços do rosto, o que a qualidade da imagem também dificulta perceber, mesmo assim, darei continuidade a análise. Nas três fileiras de trás há 39 adultos. Há 36 mulheres (22 mulheres negras e 14 mulheres brancas) e 3 homens (dois negros e um branco) que provavelmente ocupavam cargos na diretoria da S.O.B. 13 de Maio, ou em ambas as diretorias. Mesmo após feita as ressalvas com relação a qualidade da imagem e a atribuição racial, me arrisco em afirmar que o protagonismo era das pessoas negras, sendo 31 negras/os e 18 branca/os.

Como vimos no item 2.1 sobre os critérios de admissão com condicionantes de gênero, provavelmente os três homens adultos são esposos, irmãos, filhos, tios ou primos de algumas dessas mulheres, afinal as mulheres só seriam aceitas na S.O.B. 13 de Maio se fossem autorizadas por algum homem de sua família que já fosse sócio e que estivesse quite com o caixa social, ou seja, além de ser uma fotografia de membros do Grêmio Flor de Maio é também uma fotografia das famílias que compunham a S.O.B. 13 de Maio. Esse critério nos indica a formação de famílias interracialais. Diferente da primeira fotografia apresentada sobre

---

<sup>212</sup> O colorismo ou pigmentocracia é quando uma pessoa só é considerada negra por ter o tom de pele escura, outras características fenotípicas são desconsideradas. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>> Acesso em: 27 nov. 2019.

a passeata cívica em homenagem a João Gualberto onde negros e brancos aparecem separados, nessa segunda imagem nos indica o contrário.

Ainda observando a fotografia acima, no plano de fundo, está fixados nas paredes quatro retratos, cada retrato trás a foto de um homem branco, provavelmente são autoridades locais ou diretores da S.O.B. 13 de Maio, exceto o segundo retrato da esquerda para direita que visivelmente é uma homenagem ao então presidente Getúlio Vargas. Há também um retrato de uma mulher branca na segunda fileira do nosso lado direito, o retrato está em cima de uma mesa com arranjos de flores, como se a mulher ali representada também estivesse posando para a fotografia mas, quem será essa mulher? Provavelmente é uma homenagem póstuma a alguma sócia ou diretora. Será alguma mulher já mencionada aqui nessa pesquisa? De acordo com Pacheco; Figueira; Hoshino (2012) a fotografia poderia ser uma homenagem à princesa Isabel. E as outras componentes? Será que já mencionamos os seus nomes sem saber? Será que Ivete Guimarães a Rainha do Carnaval de 1938 pelo Grêmio Flor de Maio também está posando nessa fotografia? Qual dessas moças seria Ivete?

A única composição da diretoria completa do Grêmio Flor de Maio pode nos indicar os nomes de algumas mulheres que poderiam estar na foto acima:

#### **GRÊMIO RECREATIVO FLOR DE MAIO**

A 14 do corrente mez, foi inaugurado nesta capital o Gremio Recreativo Flor de Maio e empossada sua Directoria que ficou assim constituída:

Presidente: Isaura de Oliveira Barros.

Vice presidente: Maria Sanches

1ª Secretária: Julia de Oliveira Santos

2ª Secretaria: Thereza de Oliveira Santos.

1ª Thesoureira: Francisca Gomes Pereira.

2ª Thesoureira: Eunice Sanches.

Oradora: Maria Gomes da Rosa.

#### **Conselho Fiscal:**

Presidente: Adelaide Scott da Rosa.



Secretaria: Nair Vila.

Membros: Flora Santos Teixeira; Rosa da Costa Oliveira e Gabriela Santos Cruz.<sup>213</sup>

A repetição de alguns sobrenomes como Santos, Oliveira, Sanches e da Rosa, são mais um indício desses laços de família. Apesar desse trecho acima indicar que a fundação do Grêmio Flor de Maio ocorreu em 14 de setembro de 1935, encontramos uma menção mais antiga sobre uma doação de Rs. 82\$000 (oitenta e dois mil réis) para a construção da Igreja do Portão.<sup>214</sup> Talvez, em 1922 o Grêmio Flor de Maio ainda não estivesse filiado a S.O.B. 13 de Maio, ou o Grêmio ficou inativo por algum período de tempo e re-inaugurou em 1935. Ao menos sabemos que desde 1935 o Grêmio Flor de Maio estava filiado a S.O.B. 13 de Maio.

#### **Quadro 8 - Diretoria do Grêmio Flor de Maio 1935-1946**

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Cargo na diretoria</b>
1- Isaura de Oliveira Barros	20/09/1935	Presidente do G.R.F.M.
2- Maria Sanches	20/09/1935	Vice Presidente do G.R.F.M.
3- Júlia de Oliveira Santos	20/09/1935	1ª Secretária do G.R.F.M.
4- Thereza de Oliveira Santos	20/09/1935	2ª Secretária do G.R.F.M.
5- Francisca Gomes Pereira	20/09/1935	1ª Tesoureira do G.R.F.M.
6- Eunice Sanches	20/09/1935	2ª Tesoureira do G.R.F.M.
7- Maria Gomes da Rosa	20/09/1935	Oradora do G.R.F.M.
8- Adelaide Scott da Rosa (solteira) Adelaide de Paula Rosa (casada)	20/09/1935 14/01/1937 24/03/1946	Presidente do Conselho Pleno do G.R.F.M. Presidente do G.F.M.
9- Nair Vila	20/09/1935	Secretária do Conselho Pleno do G.R.F.M.
10- Flora Santos Teixeira	20/09/1935	Membro do Conselho Pleno do G.R.F.M.
11- Rosa da Costa Oliveira	20/09/1935	Membro do Conselho Pleno do G.R.F.M.

<sup>213</sup> *O Dia*, 20/09/1935, fl. 2.

<sup>214</sup> *Diário da Tarde*, 17/11/1922, fl. 4.

12- Gabriela Santos Cruz	20/09/1935	Membro do Conselho Pleno do G.R.F.M.
13- Ignez Odette Santos	14/01/1937	Secretária do G.F.M.
14- Izidório Tenório	08/03/1942	1º Tesoureiro da S.O.B. 13 de Maio e do G.O.F.M
15- Maria Souza Rosa	09/10/1944 13/05/1945 13/05/1946	Representante do G.F.M.
16- Therezio Pacheco Barbosa Lima	03/03/1945	2º Secretário da S.O.B. 13 de Maio e Diretor Fiscal do G.O.F.M.

Fonte: produzida pela autora, 2019

Outro aspecto a se analisar é a formação de diretorias mista, no quadro 7, consta 16 sócias/os membros da diretoria do Grêmio Flor de Maio sendo 14 mulheres e 2 homens, dois deles assumem cargos em ambas diretorias, Izidoro Tenório foi eleito para assumir o cargo de 1º Tesoureiro da S.O.B. 13 de Maio na gestão 1941/1942 e indicado pelo presidente Benedito Amaral para assumir o mesmo cargo no Grêmio Flor de Maio, Therezio Pacheco Barbosa foi eleito para assumir o cargo de 2º Secretário da S.O.B. 13 de Maio na gestão 1944/1945 e foi indicado a assumir o cargo de Diretor Fiscal do Grêmio Flor de Maio e representante da presidente. Os cargos de 1º Tesoureiro e Diretor Fiscal, eram funções responsáveis pelas questões financeiras, o que pode indicar a vontade de manter as mulheres distantes do caixa social, ou apenas uma forma mais prática de manter as finanças centralizadas sob a responsabilidade dos mesmos representantes, entre aqueles que já estavam respondendo pelas finanças do clube. Será que esse padrão seguiu em todas as gestões? Ou essas foram exceções? Será que havia apenas um caixa social? Somente os diretores eram responsáveis por cobrar as mensalidades e disponibilizar os auxílios? Será que as diretoras poderiam ficar com alguma porcentagem das mensalidades? Não sabemos ao certo como funcionava a distribuição de funções e do dinheiro, no entanto, o caso do sócio João Evangelista de Camargo na época membro do Conselho Fiscal nos mostra que não era permitido mesmo a um diretor falar em sessão deliberativa em nome das diretoras, sem para isso estar autorizado pelas mesmas.

Ainda falou o Snr. João Evangelista de Camargo em nome da Presidente do Gremio Operario Flor de Maio fazendo umas propostas sobre bailes que o Gremio pretende realizar nos salões dessa Sociedade – Posto em discussão o caso ficou deliberado que o Gremio Flor de Maio nas pessoas de suas dirigentes devem officiar a directoria da Sociedade 13 de Maio, fazendo suas propostas.<sup>215</sup>

Esse caso demonstra que a diretoria feminina era reconhecida e respeitada, mesmo que houve tensões nas relações de gênero. Estar filiada a S.O.B. 13 de Maio não tornava as agremiações de mulheres organizações de hierarquia inferior a diretoria masculina, estava assegurado às mulheres certa autonomia em relação a diretoria masculina.

Enquanto o Grêmio Flor de Maio era filiado a S.O.B. 13 de Maio desde 1935, o Grêmio Princesa Isabel entre 1924 a 1930 realizava a maioria de suas atividades na Sociedade Protetora dos Operários, o que indica que essa agremiação podia estar filiada a aquela Sociedade. Somente a partir de 1946 é possível encontrar a filiação à S.O.B. 13 de Maio. Entre 1930 à 1946 (16 anos), não sabemos a qual Sociedade a agremiação se filiou, ou se encerrou suas atividades e reabriu posteriormente, ou ainda se tornou-se uma organização independente e posteriormente decidiu filiar-se novamente a S.O.B. 13 de Maio. Essa característica ambígua parece ter sido uma marca das agremiações femininas negras. Já mencionamos no item 2.1 o Grêmio das Camélias, e o Grêmio 13 de Maio e agora os Grêmios Flor de Maio e o Grêmio Princesa Isabel, todos possuíam tanto características que podem indicar autonomia como subordinação.

#### **Quadro 9 - Diretoria do Grêmio Princesa Isabel 1924-1961**

<b>Nome</b>	<b>Data</b>	<b>Cargo na diretoria</b>
1- Idalina Costa Pedrosa	12/02/1924	Secretária do Grêmio Princesa Isabel
2- Zeferino Manoel de Carvalho	13/05/1947 13/05/1961	representante do G.O. Princesa I. representante da S.O.B.P.I.
3- Maria Paula Rosa Souza	13/05/1948	representante do G.O. Princesa I.
4- Adelaide de Paula Rosa	31/10/1948 22/07/1954 13/05/1957	Presidente do G.P.I. Presidente da S.O.B. Princesa Isabel Presidente da S.O.B.P.I.

<sup>215</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 16/12/1942, fl. 46.

5- Benone Victorino da Silva	13/05/1956 13/05/1957 08/11/1959 13/05/1961 13/05/1963	Representante da S.O.B.P.I.
6- João Messias de Paula	13/05/1949	Representante do G.P.I.
7- Norberto Farracha	13/05/1961	Representante da S.O.B.P.I.

Fonte: produzido pela autora, 2019

No quadro 8, listamos 7 sócias/os, sendo 3 mulheres e 4 homens, sendo que as mulheres são referidas como diretoras e o homens apenas representantes, alguém que as diretoras confiavam a tarefa de representar sua organização, seja em sessões deliberativas em que seria negociado o valor e as condições do aluguel do salão social e botequim, ou nas sessões magnas proferindo discursos. O período analisado para formular esse quadro são de 37 anos (1924 a 1961), lembrando que o período de 1924 a 1946 (18 anos) não foi encontrado qualquer registro sobre a agremiação e no período de 1947 a 1961 (19 anos) há um predomínio por registrar os representantes homens e não as diretoras mulheres, não foi encontrada uma única gestão de diretoria completa com todos os membros, os dados levantados para formular esse quadro são lacunares e não condizem com a totalidade das experiências, o que dificulta perceber se ao longo do período aumentou, diminuiu ou se manteve a proporção de representantes homens em relação ao número das diretoras.

O status da associação mudou de Grêmio, para Sociedade, ou seja, de organização feminina filiada S.O.B. 13 de Maio tornou-se uma S.O.B., e Co-irmã a S.O.B. 13 de Maio, integrando a rede associativismo operário, feminino e negro da cidade, de maneira independente, com seu próprio estatuto e licença para funcionamento mas, ainda sem sede própria, mesmo após tornar-se S.O.B. Princesa Isabel, continuou utilizando o espaço da S.O.B. 13 de Maio.

Os adjetivos que acompanhavam o nome das agremiações variavam bastante, sendo mais comum a adição dos adjetivos Beneficente, Recreativo e Operário, às vezes combinava-se dois adjetivos B.R., e O.B. por exemplo. O adjetivo Operário está ligado ao fato dessas mulheres serem trabalhadoras, mulheres que eram responsáveis pelo sustento da

família, ou ao menos ajudavam a sustentá-la por meio do seu próprio trabalho. O adjetivo Beneficente refere-se aos esforços empreendido pelas sócias para manutenção dos benefícios disponibilizados as sócias e sócios, como o auxílio saúde, auxílio viúva e auxílio velório, esses auxílio eram mantidos através do pagamento de mensalidades e do lucro obtido com as festas. Tanto as agremiações como a S.O.B. 13 de Maio auxiliaram instituições de caridade e outras S.O.B.'s da cidade. O adjetivo Recreativo está ligado a organização de atividades voltadas para o lazer das/os sócias/os, família e convidados, no estatuto de 1929 há artigos regulando a utilização dos espaços de lazer da sede da S.O.B. 13 de Maio.

As festas organizadas pelas diretoras também foram divulgadas na imprensa e através do livro ata é possível acompanhar o processo de negociação entre a diretoria feminina e a diretoria masculina, para determinar as pré-condições do aluguel dos salões, a porcentagem sobre o lucro das festas e os responsáveis por sua administração, por mais que as agremiações femininas dividissem o espaço da sede da S.O.B. 13 de Maio e fossem filiadas a ela, tinham que negociar constantemente o uso desse espaço, a presença ativa dessas mulheres negras implicou em reformulações nas atividades de lazer, de beneficência e nas normas estatutárias.

As agremiações femininas necessitavam pagar os aluguéis, mesmo que no estatuto estava previsto a possibilidade de emprestar os salões.

Art. 45. - Nenhum divertimento ou iniciativa particular dos sócios, poderá ter lugar nos salões do club, sem conhecimento da Diretoria correndo as despesas por conta de quem a promover.

Art. 46. - É permitido o Club ceder os seus salões a outras associações, pagando esta um aluguel módico estabelecido pelo presidente e de acordo com a Diretoria e Conselho Fiscal não podendo ser prolongado a mais 12 horas.

Art. 47. - Os salões do Club, serão cedido gratuitamente para todas as festas literárias, cívicas, beneficentes, ou outra qualquer reunião útil a juízo da Diretoria ou a requerimento de 6 sócios quites ficando as despesas sobre suas responsabilidades.

§ Único – Os sócios requerentes dos salões de que trata os artigos 46 e 47, deverão declarar no requerimento a que fim vai realizar a festa etc. Declarando ainda se é formação de grupos e o nome que vai receber, cedido os salões será fiscalizado pela Diretoria durante os festejos que terá de ser familiar dando uma porcentagem para os cofres do Club.<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.20.

Através dos critérios acima podemos supor que as agremiações femininas poderiam ser percebidas como uma associação separada da S.O.B. 13 de Maio, “outras associações”. Através das atas é possível acompanhar o histórico das solicitações e negociações em torno do aluguel dos salões, das condições de administração das festas, o destino do lucro das festas e até mesmo, na composição da diretoria das agremiações femininas. Só lhes foi concedido o direito de realizar festas gratuitamente quando fizeram em benefícios aos cofres da S.O.B. 13 de Maio<sup>217</sup> e de outras instituições, atendendo o critério de beneficência do art. 47. Em meio a uma crise financeira o Grêmio Flor de Maio propôs organizar dois bailes, em benefício da S.O.B. 13 de Maio sem requerer para si qualquer lucro, sendo rejeitada apenas a proposta de realizar uma lista de arrecadação entre as S.O.B.’s para confeccionar o estandarte, por recearem que tal atitude poderia trazer má reputação à Sociedade, que poderia ser comparada a uma instituição de caridade.<sup>218</sup>

As “Flores de Maio” realizavam diversos tipos de festas em comemoração as estações do ano como: o baile da primavera,<sup>219</sup> e o baile da neve,<sup>220</sup> festival campestre com churrascada,<sup>221</sup> sarau dançante,<sup>222</sup> matinê dançante,<sup>223</sup> baile da chita,<sup>224</sup> excursão para Timbotuva,<sup>225</sup> e a vespéral infantil<sup>226</sup>. Para realizar festas na sede da S.O.B. 13 de Maio às diretoras deveriam negociar os termos de empréstimo, desde os valores dos salões, a intervenção dos diretores na administração das festas e na diretoria feminina.

Durante uma negociação sobre o aluguel dos salões para o Grêmio Flor de Maio, o 1º orador Lúcio de Freitas, o 2º orador Benedito Cândido e o presidente do conselho fiscal Aguillar Pires propuseram que o aluguel dos salões fossem acrescidos com o valor do consumo de energia elétrica durante as festas, o 1º tesoureiro Ramon Granha contestou o

<sup>217</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 10/09/1944, fl. 60-61.

<sup>218</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/12/1944, fl.66-68.

<sup>219</sup> *Correio do Paraná*, 24/09/1937, fl. 8.

<sup>220</sup> *Diário da Tarde*, 28/07/1937, fl. 4.

<sup>221</sup> *Correio do Paraná*, 27/11/1937, fl. 9. *Diário da Tarde*, 24/10/1940, fl. 4. *Diário da Tarde*, 25/04/1942, fl. 4.

<sup>222</sup> *Correio do Paraná*, 07/11/1935, fl. 7.

<sup>223</sup> *Diário da Tarde*, 09/04/1936, fl. 3.

<sup>224</sup> *O Dia*, 14/10/1938, fl. 2. *Diário da Tarde*, 22/11/1940, fl. 4.

<sup>225</sup> *Diário da Tarde*, 23/02/1940, fl. 4.

<sup>226</sup> *Diário da Tarde*, 22/12/1944, fl.4.

acrécimo e propôs que continuassem cobrando Rs. 40\$000 (quarenta mil réis) de anuidade, Lúcio Freitas insistiu no aumento tendo em vista que os bailes promovidos pelo Grêmio “estavam sendo muito comentados” e corria o risco da Sociedade ser multada pela Prefeitura Municipal em alguma fiscalização. Após muita discussão os diretores decidiram que a administração da festa ficaria a cargo da diretoria S.O.B. 13 de Maio, o lucro da festa deveria ser dividido com a mesma, e o 1º tesoureiro Ramon Granha acumularia o cargo em ambas diretorias.<sup>227</sup> A ausência de licença própria para funcionamento foi um argumento constante dos diretores para impor certas condições durante as negociações, tanto para o Grêmio Flor de Maio, quanto para o Grêmio Princesa Isabel.

A festa, para além do local de sociabilidade, lazer e estratégia de visibilidade negra, era o lugar das fronteiras, de evidenciar as relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre casados e solteiros, e de um paradoxal empoderamento feminino, por meio do poder masculino, afinal, ‘mulher de presidente, presidenta é’.<sup>228</sup>

Apesar das tensões e das relações de poder que envolviam a inserção em cargos da diretoria e a organização das festas, na S.O.B. 13 de Maio não foi constatado uma sub-autoridade as mulheres ligadas ao grau de parentesco com os diretores.

Em outra negociação o Grêmio Flor de Maio conseguiu combinar a frequência de dois sábados por mês para as diretoras realizarem suas festas, desde que o lucro fosse dividido, os diretores ficariam responsáveis pela portaria e bilheteria, sem ocupar cargos na diretoria da agremiação feminina.<sup>229</sup> Apesar de em alguns momentos os diretores acumularem cargos em ambas as diretorias, essa situação só ocorria mediante a autorização da Presidente da agremiação e não por coação da diretoria masculina. Já vimos anteriormente, por exemplo, a tentativa do membro do conselho fiscal João Evangelista de Camargo representar o Grêmio Flor de Maio sem portar qualquer ofício das diretoras autorizando-o a representá-las. Esse caso indica que formar diretorias mistas não era uma escolha unilateral mas, fruto das

<sup>227</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 08/03/1942, fl. 32-33.

<sup>228</sup> ESCOBAR, Giane V.; COIRO-MORAES, Ana L.. A mulher negra no interior de um clube social negro: A festa como um lugar de sociabilidade, rigidez, moralidade e relações de poder. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 5, 2016, Aveiro. **Anais eletrônicos**, Aveiro, Universidade de Aveiro, Portugal, 2016. p. 121.

<sup>229</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 09/08/1942, fl. 44.

negociações de ambas diretorias.

O 2º Secretário da S.O.B. 13 de Maio, Therezio Pacheco Barbosa Lima também exercia o cargo de diretor fiscal do Grêmio Flor de Maio quando foi autorizado pela presidente Adelaide de Paula Roza a propor duas datas por mês para realizar festas sendo um sábado e um domingo alternadamente, o espaço foi cedido mediante o pagamento de 40% do lucro em cada baile.<sup>230</sup>

Os pontos em comum entre o Grêmio Flor de Maio e Princesa Isabel está na realização de festas na sede da S.O.B. 13 de Maio<sup>231</sup> e da Sociedade Protetora dos Operários<sup>232</sup> e em outros espaços externos, fora da sede. Ambos os Grêmios Flor de Maio e Princesa Isabel recebiam convites para participar de festas e sessões solenes da S.O.B. 13 de Maio<sup>233</sup> por estarem filiadas a ela, e também recebiam convites da S.O.B. 28 de Setembro. Não foi encontrado o convite de outras S.O.B.'s ou agremiações femininas da cidade.

O argumento das licenças, também foi acionado às diretoras do Grêmio Princesa Isabel e esse pode ter sido um dos motivadores para o Grêmio buscar tornar-se uma organização independente da S.O.B. 13 de Maio. A Presidente do Grêmio Princesa Isabel requisitou que a administração da festa fosse de responsabilidade das diretoras e não mais dos diretores, os diretores recusaram a proposta alegando que a agremiação não tinha estatuto próprio, não tinha isenção estadual e municipal e as licenças para baile não estava em nome do Grêmio e sim da S.O.B. 13 de Maio.<sup>234</sup>

Em outra situação, a presidente Adelaide de Paula Roza pediu os salões, o quintal e o botequim da S.O.B. 13 de Maio para realizar uma matiné dançante com churrascada, sendo concedido mediante o pagamento de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) de aluguel.<sup>235</sup>

Neste item 3.1 procuramos entender as características organizativas do Grêmio Flor de Maio e do Grêmio Princesa Isabel, o que resultou num emaranhado de possibilidades visto que o acesso a essas organizações nos foi possibilitado a partir do registro dos diretores e

<sup>230</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 03/03/1945, fl. 70-71.

<sup>231</sup> *Diário da Tarde*, 28/07/1937, fl. 4. *O Dia*, 26/07/1938, fl. 2. *O Dia*, 14/10/1938, fl. 2.

<sup>232</sup> *Diário da Tarde*, 14/01/1937, fl. 04.

<sup>233</sup> *Diário da Tarde*, 09/06/1937, fl. 5. LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1942, fl. 40-89.

<sup>234</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 11/08/1946, fl. 94-95.

<sup>235</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 31/10/1948, fl. 122.



jornalistas sobre as agremiações femininas, não tivemos acesso a documentos produzidos por elas mesmas. Contudo, algumas características são comuns às duas agremiações, como por exemplo, estar filiada a S.O.B. 13 de Maio, negociar com os diretores a utilização do espaço da sede social para organizar suas festas, organizar atividades recreativas fora do espaço social, promover atividades de lazer para as sócias e sócios, familiares e convidados. Não conseguimos desvendar as motivações para constituir duas agremiações num mesmo clube social negro, mas, provavelmente havia divergências de pautas entre as organizações, ou diferença de gerações entre as participantes. Nesse sentido a forma como cada agremiação negociou com a diretoria masculina da S.O.B. 13 de Maio, nos sugere algumas diferenças. Para o Grêmio Flor de Maio utilizar o espaço da S.O.B. 13 de Maio, além de negociar os valores do salão tinha que aceitar a condicionante de incluir um diretor em sua organização. Já o Grêmio Princesa Isabel não parece ter ficado sujeito a essa condicionante mas, optaram convidar diretores à representá-las durante as Sessões Solenes, não sabemos, ao certo como se davam essas relações ao longo das gestões. Apesar de não sabermos exatamente quando cada agremiação começou e parou de funcionar, há possibilidades de que em 1946 o Grêmio Flor de Maio tenha fundido-se ao Princesa Isabel, ou apenas encerrou suas atividades. Outra característica divergente, é que o Grêmio Princesa Isabel adquiriu o status de Sociedade o que indica ter se tornado uma organização com estatuto próprio mas, que ainda compartilhava o prédio com a S.O.B. 13 de Maio.

### 3.2 AS RAINHAS DO CARNAVAL E DOS OPERÁRIOS

Durante o desenvolvimento da pesquisa encontramos nos jornais menção a dois tipos de concurso de beleza relacionado às A.F.N., A.F e S.O.B. de Curitiba, o concurso da Rainha do Carnaval de 1938 promovido pelo jornal *Correio do Paraná* e o concurso da Rainha dos Operário promovido pelo Grêmio Beneficente Estrela D'Alva em 1929.

No carnaval de 1938 a redação do jornal *Correio do Paraná* lançou o concurso da Rainha do Carnaval, tal concurso tinha a proposta de eleger as 10 moças mais bonitas e

presenteá-las com prêmios das lojas de artigos femininos mais conhecidas da cidade. Cada lojista prometeu um prêmio: Casa Louvre (um riquíssimo traje para a rainha), Tecelagem Imperial (um finíssimo corte de seda), Casa Sloper (um artístico prêmio), Primo Lattes & Cia (3 dúzias das afamadas lança-perfumes Rodo), Casas Pernambucanas (um corte de fina fazenda), Casa Iris (um rico corte de fazenda), Casa Tóquio (um lindo mimo), Chapelaria Elegante (um finíssimo chapéu), Casa Lopes (um par de calçados última novidade), Casa Abdo (uma rica pérola), Casa das Meias (dois custosos pares de meia), Casa São Paulo (um valioso prêmio), Joalheria Mylla (um bonito mimo), Casa dos Três Irmãos (um corte de finíssima seda), Fábrica a bolsa chic (uma custosa bolsa), Livraria Mundial (Esplêndidos livros), Lá do Luhn (um belo prêmio), Casa Edith (um mimo de real valor), Casa Vencedora (um artigo de qualidade).

Ivete Guimarães foi a candidata do Grêmio Flor de Maio concorrendo com outras 36 candidatas de agremiações femininas e/ou Sociedades de Curitiba. De acordo com Escobar e Coiro-Moraes (2016) os clubes sociais negros organizavam concursos de beleza para valorização da mulher negra, com a intenção de promover o fortalecimento da população negra na cidade como forma de ação antirracista.

**Quadro 10** - Primeira apuração do concurso da Rainha do Carnaval de 1938

<b>Colocação em nº de votos</b>	<b>Candidatas</b>	<b>Agremiações/Associações</b>
1ª - 1408 votos	Nayade Dourado	Círculo Militar
2ª - 1397 votos	Gilvaneta Machado Lima	Graciosa Country Club
3ª - 1365 votos	Mariasinha Sabbag	Sociedade União Syria
4ª - 994 votos	Irene Nicz	Coritiba Foot Ball Club
5ª - 807 votos	Plasedina Fonseca	Grêmio Bouquet
6ª - 786 votos	Neusa Tourinho	Clube Curitibano
7ª - 694 votos	Stella Proença	Cassino Curitibano
8ª - 675 votos	Lourdes Rangel	Grêmio Rubro Negro

9ª - 374 votos	Nelly Milla	Cassino Curitibaano
10ª - 388 votos	Guairina Camargo	Grêmio Rubro Negro
11ª - 318 votos	Regina Mota	Grêmio das Violetas
12ª - 307 votos	Joanna Seremete	Grêmio Madressilva
13ª - 297 votos	Gleuza Medeiros	Club Curitibaano
14ª - 288 votos	Seraphina Miranda	Club Atlético Ferroviário
15ª - 216 votos	Luiza Moreira	Cassino Curitibaano
16ª - 215 votos	Delourdes Miranda	Grêmio Britannico
17ª - 198 votos	Selma Serrato	Sociedade Giuseppe Garibaldi
18ª - 174 votos	Thereza Inton	Grêmio Esperança
19ª - 158 votos	Maria Helena Amarante	Sociedade Thalia
20ª - 149 votos	Irene Krumhener	Sociedade Handwerker
21ª - 119 votos	Azurita Reis	Grêmio Cassino Curitibaano
22ª - 116 votos	Isis Roriz	Club Atlético Paranaense
23ª - 85 votos	Lucy Cardoso	Club Rubro Negro
24ª - 65 votos	Nahyr Benedicto	Savoia Futebol Club
25ª - 55 votos	Eulalia Drorusio	Grêmio Recreativo Ferroviário
26ª - 55 votos	Diva Kummerow	Sociedade Handwerker
27ª - 46 votos	Nicolina Salto	Grêmio Universal
28ª - 45 votos	Lilita Camargo	Grêmio Rubro Negro
29ª - 44 votos	Antonieta Caropreso	Grêmio Coritiba
30ª - 39 votos	Ezilda Proshner	Coritiba Foot Ball Club
31ª - 32 votos	Idalina Turra	Grêmio Britannico
32ª - 29 votos	Ivete Kalckman	Sociedade Thalia
33ª - 28 votos	Zilah Walbach	Club Curitibaano
34ª - 25 votos	Luiza Contim	Britannia Social Club
35ª - 21 votos	Olivia Riseti	Britannia Social Club
36ª - 20 votos	Julia Moraes	Coritiba Foot Ball Club

37ª - 9 votos	Ivete Guimarães	Grêmio Flor de Maio/ Sociedade 13 de Maio
---------------	-----------------	---

Fonte: produzida pela autora, 2019

Entre os dias 10 e 25 de fevereiro foram publicadas pelo menos 6 apurações, no jornal *Correio do Paraná*, noticiando o acirramento da disputa. No período de duas semanas, 10 candidatas mandaram publicar seus retratos no jornal, todas elas eram moças brancas, embora não saibamos a cor e classe de todas as concorrentes, as fotografias nos indicam uma intersecção de raça e classe pois, apenas as concorrentes brancas tiveram dinheiro para investir em sua auto-publicidade. Embora, não saibamos o valor cobrado para divulgar um auto-retrato, podemos presumir que não era gratuito e provavelmente tinha um valor significativo, além de pagar a divulgação da fotografia, outro gasto a ser considerado é o valor da própria fotografia, o serviço do fotógrafo que a confeccionou. Mas, nem todas que tiveram suas fotos publicadas atingiram a classificação. Esse foi o caso de Irene Krumheuer, candidata do Club Curitybano; Joanna Seremeta, candidata do Grêmio Madressilva e Guairina Camargo, candidata do Grêmio Rubro Negro. Outras mandaram publicar seus retratos mais de uma vez como a: 2ª colocada Stella Proença, representante do Cassino Curitibano; a 5ª colocada Irene Nicz, representante do Coritiba Football Club; a 6ª colocada Placedina Fonseca, representante do Grêmio Bouquet e a 7ª colocada Nayade Dourado, representante do Savóia Football Club. As senhoritas Selma Serrato, Lourdes Rangel e Lucy Cardoso, publicaram apenas um retrato e atingiram a classificação com direito a premiação. Nota-se que a 4ª colocada Elvira Lara, representante Grêmio Coritiba; a 9ª colocada Nelly Milla, representante do Cassino Curitybano e a 10ª colocada Delourdes Miranda representante do Grêmio Britannia não mandaram publicar uma única fotografia e mesmo assim atingiram a classificação, o que pode indicar que essas concorrentes já eram conhecidas de outros concursos de beleza em Curitiba, o que possuíam popularidade entre os associados dos clubes e agremiações que estavam representando. Dessa maneira, concluímos que as fotografias desempenharam uma função importante de publicidade para as concorrentes, mas não foram um fator determinante de classificação e vitória.

Ao longo da disputa, ocorreu diversas alterações no placar geral, afinal, somente as 10 primeiras colocadas receberiam os prêmios. A cobertura da disputa divulgada pelo jornal, mostrava as mudanças de colocação de cada candidata, o aumento e, ou a estagnação no número de votos de cada uma, a entrada de novas candidatas no concurso, a eliminação de outras e os almejados prêmios. Na penúltima apuração foi definido “o critério dos 500”, as candidatas que não alcançassem os quinhentos votos, até a presente data, e que tivesse outra representante da mesma Sociedade com mais votos, seriam desclassificadas. As candidatas que não conseguissem alcançar os 500 votos, mas que fosse a única representante de sua associação, continuaria concorrendo.<sup>236</sup> Esse critério eliminou diversas candidatas da disputa. Ivete Guimarães se manteve mesmo sem atingir os 500 votos, por ser a única representante do Grêmio Flor de Maio.

**Quadro 11** - Resultado do concurso da Rainha do Carnaval de 1938

<b>Colocação e nº de votos</b>	<b>Candidata</b>	<b>Agremiações/Associações</b>	<b>Prêmio recebido</b>
1º - 7.116	Selma Serrato	Sociedade Giuseppe Garibaldi	Prêmio de “O Louvre”, Primo Lattes e Cia, Lá do Luhn, Fábrica “A bolsa chic”, Casas Pernambucanas, Casa Lopes, Sombrinha Ideal e Livraria Mundial.
2º - 6.653	Stella Proença	Cassino Curitibano	Mimos da Casa dos Três Irmãos, Casa Tokio, Chapelaria Elegante, Primo Lattes e Cia e Casa Abdo.
3º - 4.626	Lourdes Rangel	Grêmio Rubro Negro	Prêmios da Tecelagem Imperial, Primo Lattes e Cia.. Casa São Paulo e Joalheria Mylla.
4º - 3.848	Elvira Lara	Grêmio Coritiba	Dádivas da Casa Sloper e

<sup>236</sup> *Correio do Paraná*, 18/02/1938, fl.7.

			Bomboniere Manon.
5º - 3.667	Irene Nicz	Coritiba Futebol Clube	Prêmio de Romano Mattioli.
6º - 3.441	Placedina Fonseca	Grêmio Bouquet	Prêmio da Casa Iris.
7º - 3.067	Nayade Dourado	Savóia Foot Ball Club	Prêmio da Casa das Meias.
8º - 2.439	Lucy Cardoso	Clube Atlético Paranaense	Prêmio da Casa Edith.
9º - 2.366	Nelly Milla	Cassino Curitibano	Prêmio de H. Oliva.
10º - 2.269	Delourdes Miranda	Grêmio Britannia	Prêmio de “A vencedora”.

Fonte: produzida pela autora, 2019

O valor do exemplar avulso do jornal era de \$ 200,00 (duzentos réis). Muitas daquelas candidatas excluídas pelo critério dos quinhentos provavelmente não tinham condições financeiras de bancar sua própria candidatura e provavelmente os membros das associações que elas representavam também não puderam, ou não se interessaram em bancar suas candidaturas.

A candidata do Grêmio Flor de Maio no dia 10 de fevereiro de 1938, na primeira apuração foi classificada na última posição (37ª) com 9 votos e no final do concurso atingiu a 22ª posição com 148 votos. A vencedora do concurso Selma Serrato iniciou na 17ª posição com 198 votos e finalizou com 7.166 votos. Por mais que não tenha sido classificada entre as 10 premiada, a vontade de tornar-se rainha motivou Ivete Guimarães e o Grêmio Flor de Maio participar do concurso. Ao que parece o Grêmio Flor de Maio, foi a única associação feminina negra a participar do concurso. Não sabemos qual a declaração racial de Ivete Guimarães, na imagem 3 (fotografia do Grêmio Flor de Maio), observamos que o Grêmio Flor de Maio, era composto por mulheres negras e brancas, mas não sabemos se a agremiação preferiu ser representado por uma mulher negra, ou branca.

Não encontramos outros indícios de que as sócias da S.O.B. 13 de Maio tenham

participado de outros concursos de beleza da cidade. No entanto, encontramos a organização de festas por parte do Grêmio Princesa Isabel para saudar Julieta Motta a Rainha dos Operários na sede da Sociedade Protetora dos Operários, o que pode indicar que o Grêmio Princesa Isabel esteve filiada a aquela Sociedade.

#### **Gremio B. R. Princeza Izabel**

Realisa-se hoje a anunciada festa de arte que este gremio levará a effeito, nos amplos salões da Soc. P. dos Operários, com início às 14 ½ horas. Esta festividade será abrilhantada com a presença da Rainha dos Operários que ficará a seu cargo um garbo libem musical. A referida festividade constará do programma seguinte:

1ª parte – às 14 ½ horas – grandiosa matinée dansante.

2ª parte – às 20 horas – (Ser ? prova?) aos convivas por parte deste gremio. Em seguida será levado a scena por amadores do gremio, um acto de cabaret, tomando parte a afinadissima Troupe Arbons de Lyon com lindos numeros.<sup>237</sup>

Esse concurso para a escolha da Rainha dos Operários envolvia as Sociedade Operárias de todo o Estado, o concurso de beleza para além de coroar a mais bonita, inteligente e simpática moça, mobilizava a participação de homens e mulheres na organização dos eventos e motivava o estreitamento de laços entre o operariado.

Ainda sobre o carnaval de 1938, a S.O.B. 13 de Maio organizou três animados bailes e serviu “suculento barreado<sup>238</sup> aos foliões.”<sup>239</sup> No carnaval de 1941 a S.O.B. 13 de Maio promoveu 4 dias de bailes convidando associados famílias e inúmeros admiradores.<sup>240</sup> No carnaval de 1944 teve baile adulto no sábado e “grandiosa vespéral dedicada à petizada” na segunda-feira.<sup>241</sup> Em 1945 também foi realizado o baile adulto no sábado e o infantil no domingo.<sup>242</sup> Esses dois bailes compuseram o calendário cultural de Curitiba em que seriam realizados 91 bailes de carnaval naquele ano.<sup>243</sup> Apenas o carnaval de 1948 é registrado em ata pois, a diretoria negociou o valor a ser pago ao Jazz Band composta de três integrantes

<sup>237</sup> *O Dia*, 07/07/1929, fl. 6.

<sup>238</sup> O barreado é um prato típico do litoral paranaense, feito com carne de boi cozida.

<sup>239</sup> *Diário da Tarde*, 26/02/1938, fl.3.

<sup>240</sup> *Diário da Tarde*, 20/02/1941 fl. 4.

<sup>241</sup> *Diário da Tarde*, 18/02/1944, fl.4.

<sup>242</sup> *Diário da Tarde*, 09/02/1945, fl.4.

<sup>243</sup> *O Dia*, 19/02/1944, fl. 3.

(gaita, bateria, e piston), de Cr\$ 70 (setenta cruzeiros) para Cr\$ 60 (sessenta cruzeiros) a cada dia, sendo 3 dias de baile (sábado, domingo e segunda de carnaval).<sup>244</sup>

Os outros registros foram encontrados no jornal *Correio do Paraná, Diário da Tarde e O Dia*. A maior parte das informações encontradas referem-se a convites, o que indica, que as sessões deliberativas sobre a organização do carnaval não se constituíam em problemas que necessitavam ser registrados em livro ata, tornando-se difícil identificar e diferenciar a atuação das sócias e das diretoras na organização e no desenvolvimento dessas festas. Faziam a divulgação da programação carnavalesca pelos jornais com o objetivo de atrair novos admiradores e sócios, propagandeando a capacidade de promover ótimos bailes.

A S.O.B. 13 de Maio também realizava festas religiosas. Foi comemorado o natal de 1940 na sede da S.O.B. 13 Maio<sup>245</sup>, festa de São Pedro (festa junina) com concurso de dança<sup>246</sup> e baile de São Silvestre<sup>247</sup> (boas entradas de ano novo).

Neste item do segundo capítulo procuramos evidenciar que a participação em concursos de beleza está para além da importância de elevar a auto-estima da mulher negra e ou operária. Os concursos tinham uma grande repercussão midiática, era a oportunidade de ser referenciada como ícone de beleza por conta de qualidades individuais e ao mesmo tempo de representar sua Agremiação ou Sociedade. Por meio do concurso de beleza outras pessoas poderiam conhecer a associação a qual estavam representando, tanto em sua própria cidade como em outras localidades do Estado. Ganhar era o objetivo de todas as moças mas, o valor de estar participando já indica um ganho em termos de visibilidade e repercussão, tal afirmação pode parecer clichê mas, nesse sentido, consideramos que era mais importante participar do que necessariamente ganhar. Afinal não era apenas a beleza, inteligência e simpatia que estavam em jogo mas, a rede de sociabilidades, a capacidade e interesse de cada integrante investir financeiramente em suas candidatas e associações.

### 3.3 SESSÕES MAGNAS: O QUE COMEMORAR!?

---

<sup>244</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/01/1948, fl. 110.

<sup>245</sup> *O Dia*, 19/12/1940, fl.4.

<sup>246</sup> *Diário da Tarde*, 29/06/1943, fl.4.

<sup>247</sup> *Diário da Tarde*, 30/12/1950, fl. 4.



As sessões magnas tinham uma programação fixa: fazer o balanço do caixa da gestão vigente, empossar a nova diretoria, conceder títulos de sócios beneméritos<sup>248</sup> e honorários<sup>249</sup>, entregar medalhas de honra ao mérito, remir sócias/os que pagaram suas dívidas com a tesouraria da Sociedade, homenagear as/os sócias/os falecidas/os, proferir belos discursos sobre a abolição, comemorar os aniversários da S.O.B. 13 de Maio, reafirmar as expectativas do grupo com o “progresso”<sup>250</sup> da S.O.B. 13 de Maio e da rede das sociedades co-irmãs. As Sessões Magnas eram a grande celebração, a mais esperada e comemorada por todas/os sócias/os, seu encerramento dava-se com um coquetel e grande baile. Também fazia parte do programa receber diretores de sociedades co-irmãs e autoridades locais, deixando o espaço de fala em aberto, para que esses pudessem discursar sobre as comemorações que confluíam na data 13 de Maio. Embora, os secretários não tenham transcrito os discursos na íntegra, há indícios de que a tônica era reforçar o discurso oficial sobre os “heróis da nação”, “responsáveis” pela abolição. Dentro dessa lógica, tornou-se comum homenagear a princesa Isabel, o Barão do Rio Branco, entre outros “heróis da abolição”.

(...) em seguida fala o Snr. Atilio Borio, 1º orador da Sociedade Operaria do Batel e da Federação das Sociedades Operarias do Paraná que em nome destas entidades, agradeceu os consulentes que lhes foi enviado, fazendo votos pelo progresso da Sociedade 13 de Maio e ao mesmo tempo o orador apella para que todas as Sociedades Operarias do Paraná serem fileiras em torno da Federação em um so conjunto afim de que possa esta entidade ter as forças necessárias para o seu programma traçado, que a união faz a força o orador ao terminar suas palavras foram abafadas por uma salva de palmas da assistência (...) <sup>251</sup>

Enfim, as festas eram um momento de mostrar a todos os sócios, familiares, co-irmãs

<sup>248</sup> De acordo com o art. 7 § 2. Beneméritos são aqueles que tenham prestado relevantes serviços ao Club, já com atos filantrópicos, esforços e reconhecido os seus trabalhos, for apresentado por uma assinatura de sócios quites em assembleia geral, demonstrando os seus feitos. O Club em sinal de gratidão conceder-lhe-á o título; terão também o mesmo direito os que durante 20 anos contribuírem sem receber auxílio. ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.4.

<sup>249</sup> De acordo com o art. 7 § 3. Honorários, são aqueles que por sua posição e ilustração influenciam promoverem o adiantamento do Club. ESTATUTO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 1929, fl.4.

<sup>250</sup> Expressão utilizada algumas vezes pelos sócios nos discursos sobre os destinos da S.O.B. 13 de Maio. LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/06/1941, fl. 26-27.

<sup>251</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/06/1941, fl. 26-27.

e autoridades o poder de organização da S.O.B. 13 de Maio e das agremiações Flor de Maio e Princesa Isabel.<sup>252</sup>

Após a “vistoria Policial feita no Predio desta Sociedade, a qual condenou à Sociedade não mais promover discussões sociaes, de preferencia, bailes carnavalescos, em vista da fraca segurança do asoalho do salão de danças e outros quesitos mais, o que não foram respondidos satisfatoriamente”<sup>253</sup> a diretoria convocou uma junta governativa sob a presidência de Lúcio Freitas outorgando a ele plenos poderes para escolher os outros dois membros da diretoria comprometidos em solucionar as inconsistências no alvará, com relação a condição do prédio e as demais determinações da polícia de maneira rápida e efetiva.

Snr. Lucio Freitas, Presidente da Junta Governativa, para agradecer a destinação do seu nome para tão alto e elevado cargo e que nesse ponto, tudo fará para corresponder a confiança em si depositada, e que conta com os seus companheiros de Junta, e bem como com todos os sócios desta benemérita Sociedade, a fim de que sejamos bem sucedido no desejo que aspiramos; que é de ver a nossa Sociedade em plena atividade e progresso purificador do passado.<sup>254</sup>

No trecho acima, o presidente Lucio Freitas estabelece uma ligação direta entre o futuro e o passado. A ideia de purificar o passado com o progresso, pode significar a expectativa de ascensão social, de conquista de direitos sociais e dessa maneira, afastar das gerações futuras o estigma da escravidão que pesava e ainda pesa sobre a população negra. No capítulo anterior utilizamos a metáfora da sankofa, para entender a ligação feita entre o passado e o futuro. Observamos que tal como a sankofa as/os sócias/os da S.O.B. 13 de Maio buscavam no passado o histórico de lutas pela emancipação para inspirar a construção de um novo futuro. Trata-se da mesma relação passado futuro mas, no sentido inverso, futuro passado. “O passado e o futuro se fundem na presencialidade da experiência e da expectativa. A experiência pode se transformar em expectativa por meio da ruptura” (KOSELLECK, 2014, p. 307). Nesse caso, o progresso marcaria a ruptura com o passado escravista e com a presente busca por cidadania, a ideia de progresso seria um tempo em que as expectativas se confirmariam em realidade vivida.

---

<sup>252</sup> CUNHA, op. cit., p.347

<sup>253</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 14/03/1943, fl. 47-48.

<sup>254</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 14/03/1943, fl.51.

A vistoria policial estava pondo em risco a continuidade da Sociedade, estava pondo em risco as possibilidades daquele grupo marchar rumo ao progresso. “O passado pode servir como motivo de inspiração. Podemos aprender com o passado, mas conceitos morais como dever e responsabilidade, ou ainda obrigação, decorrem diretamente do nosso entendimento do futuro. O tempo do futuro é o da esperança. O presente é o tempo do dever.”<sup>255</sup> Nesse ponto, o passado do qual se fala está ligado às mazelas da escravidão, um passado ao qual se quer esquecer e purificar, aqui as esperanças estão depositadas no futuro, diferente do passado trazido na ideia de sankofa de um passado do qual se quer lembrar, de onde se possa buscar referências na ancestralidade, na cultura e nas tradições africanas, como potências para viver o presente e rumar para o futuro. Dessa forma, a memória sobre a escravidão é composta sobre a vontade de lembrar, assim como, há vontade de esquecer.

Para chegar naquele futuro em que o passado (escravidão) estaria purificado, era preciso forjar estratégias de (re) existências no presente, não contestar a narrativa oficial sobre a escravização, e de certa forma defendê-la e alinhar-se a ela poderia ser visto pelas/os sócias/os uma maneira de dar continuidade a seus projetos sem a interferência policial e o fechamento de sua organização, assim como, outros clubes sociais negros fecharam na época por utilizar uma postura contestatória como a Frente Negra Brasileira (FNB) e outros.

Por outro lado, o alinhamento ao discurso oficial pode ter se dado de maneira inconsciente, fruto da propaganda repetida sobre os heróis da nação. Essa construção narrativa que exalta o protagonismo da princesa Isabel, e enfatiza a passividade do restante da população brasileira diante da escravidão, pode ter seduzido alguns sócios e algumas sócias.

Sem dúvida o discurso oficial traz uma perspectiva colonizadora sobre o período da escravização e abolição. Mignolo (2003, p.100) afirma que “as transformações nas histórias locais e a construção de um imaginário interior e exterior ao sistema”, são esforços do Estado nacional para manter a ordem, nesse sentido, narrar a abolição como dádiva, na tentativa de impossibilitar/ou dificultar que outras narrativas se construíssem. Se as/os sócias/os estavam conscientes ou não dessa perspectiva, se de fato acreditavam nela nós não sabemos mas, há indícios que nos fazem acreditar que o discurso oficial era utilizado como uma máscara.

---

<sup>255</sup> MBEMBE, op. cit., p. 163.

Sabemos que uma das funções da máscara será sempre a de esconder um rosto ao desdobrá-lo – o poder do duplo, no cruzamento do ser e da aparência. A outra função é permitir que quem está mascarado veja os outros sem ser visto; veja o mundo como uma sombra escondida sob a superfície das coisas. Porém, se na máscara se intersectam o ser e a aparência, acontece que, na impossibilidade de ver o rosto que esconde a máscara – pela minúscula ranhura - , máscara acabará por se autodenunciar enquanto máscara.<sup>256</sup>

A entrevista feita ao sócio fundador Leocádio Júlio de Assunção nos oferece seu próprio testemunho sobre sua percepção sobre a escravidão e sobre a libertação:

- Nasci em 1860 – começou êle – numa casa colonial, onde hoje é a Praça Zacarias. (...) Meu senhor chamava-se Bento Florencio Munhoz, dono de muitas terras e criação. A minha obrigação era cuidar de tudo, além do jardim, do quintal e de ajudar nos serviços domesticos. Cresci fazendo esses serviços. Trabalhava muito, é verdade, mas ainda me sobrava tempo para roubar frutas nas fazendas visinhas, o que sempre me custava uma bruta surra do “sinhô.”

#### NOVO DONO

Eu tinha dezenove anos – continua o preto – quando faleceu o meu “sinhô”. Então, passei a pertencer a Caetano José Munhoz, irmão do falecido que morava muito longe da cidade, no Alto da Gloria. Ai o meu serviço era o mesmo, mas mais folgado, porque era dividido com outro escravo, João Venancio. Com a morte de José Caetano, passei a pertencer à viuva do mesmo, sogra do sr. Jordão Mader, mas já com a vantagem do contrato, pelo qual, depois de 7 anos, eu e meu companheiro seríamos libertos.

#### BEM DE UM ESPOLIO...

O preto Leocadio estava quase a pagar a sua liberdade, quando o negocio da viuva faliu

- A firma Silva Irmãos e Cia de Montevidéu, era a maior credora. Por isso, o seu gerente, sr. Fido Fontana, arrecadou quasi todos os bens, inclusive eu e o meu companheiro Venancio. Passamos a trabalhar na erva, sob o dominio do novo senhor Fido Fontana.

#### LIBERDADE

- Para nós, aqui na Provincia, foi quasi uma surpresa, a noticia da nossa libertação. Foi um sonho que se realizou, de repente ... Nova vida começou para nós. Tratei logo de me empregar. E consegui trabalho nos ervais do Barão do Cerro Azul. Depois passeia a carpinteiro do Barão. A vida já era bem melhor. (...)

#### FINS

---

<sup>256</sup> Ibidem, p. 95-96.

Não há mais nada, menino. Em 1902, entrei na Delegacia Fiscal, como servente. Tempos depois fui nomeado continuo e, mais tarde, fiscal. Em 1934 aposentei-me. Assim passou-se minha existencia. Hoje, estou velho cansado. Mas ainda posso afirmar: a liberdade é uma grande coisa. A gente que foi escravo, sabe ama-la mais que ninguém. O 13 de Maio é a data maior da nossa História, seu moço!...<sup>3</sup>

O senhor Leocádio foi um dos sócios fundadores da S.O.B. 13 de Maio, ocupou o cargo de 1º Secretário em algumas gestões. Curitibano nascido em 1860 trabalhou como escravizado em fazendas de criação de animais e de erva mate, passou por quatro proprietários, acumulou pecúlio para comprar sua alforria mas, não conseguiu realizar esse sonho pois, foi vendido para pagar dívidas de seus senhores. Leocádio é um “13 de maio” um escravizado que só conseguiu a libertação com a Lei Áurea, para ele “a liberdade é uma grande coisa. A gente que foi escravo, sabe ama-la mais que ninguém. O 13 de Maio é a data maior da nossa História, seu moço!” Exaltar o 13 de Maio e comemorar a liberdade, não impediu Leocádio de lembrar sua própria trajetória de vida e de seu companheiro Venâncio. Falar sobre a abolição também foi uma oportunidade de falar se sua história de vida e da abolição como um grande divisor de águas. Ao exaltar o 13 de maio como a maior data de nossa história, Leocádio poderia estar se referindo a sua própria história por meio do discurso oficial, assim como uma máscara, os jornalistas poderiam perceber em primeiro plano a gratidão de Leocádio, enquanto sua trajetória de vida estaria presente de maneira oculta, atrás da máscara do discurso oficial.

Ainda sobre a função da máscara, parece que as homenagens aos sócios beneméritos, honorários, remidos e falecidos, ocupavam um lugar de elevada importância nas celebrações do 13 de Maio. Realizava-se discursos alinhados ao discurso oficial, ou que pelo menos não contestasse essa narrativa mas, ao mesmo tempo, as/os sócias/os homenageavam os feitos cotidianos dos seus. O discurso oficial era uma máscara que cobria outros personagens de relevância na história daquele grupo mas, quem estava por de trás da máscara sabia a importância desse artifício. A essas/es sócias/os era destinada uma parte da Sessão Magna para distribuir lhes diplomas conforme sua contribuição com a Sociedade, entregar um título

era agradecer publicamente pelos serviços prestados.

**Quadro 12** - sócias e sócios que receberam homenagens póstumas

Nome	Homenagem
1 - Catharina de Souza	A sócia foi remida à Sociedade, recebeu um voto de pêsames. Foi sepultada no jazigo da Sociedade.
2 - Aime Freitas	A sócia recebeu voto de pêsames, salva de palmas e discurso do 1º Orador Lúcio Freitas (seu pai). Foi sepultada no jazigo da Sociedade.
3 - Benedicto Candido	O sócio Ignácio Iguaçu Franco pediu um voto de profundo pesar sobre o falecimento do “sócio veterano e benemérito”.
4 - João Pereira dos Santos	Homenagem póstuma durante a inauguração do prédio social. Seu nome está gravado na placa de Bronze de reinauguração do prédio social.
5 - Alcides Amaral da Costa	O sócio Waldemar Rodrigues Sanches pediu um minuto de silêncio pelo falecimento deste sócio.
6 - Lúcio Freitas	O sócio Benone Victorino da Silva pediu um voto de pesar pelo falecimento deste sócio.
7 - Alexandre Baby	O presidente do Conselho Pleno Hermes Marques pede um voto de profundo pesar e um minuto de silêncio pelo “passamento” do sócio que estava desaparecido.

Fonte: produzido pela autora, 2019

Além das homenagens feitas de maneira personalizada como nos sete casos do quadro acima, era comum realizar uma homenagem geral a todas/os sócias/os falecidos até a presente data,<sup>257</sup> ou a todos que faleceram naquele último ano.<sup>258</sup> “Falou novamente os Snrs. Alfredo Santana Ribeiro e Lucio de Freitas, este pedindo para assistencia um minuto de pé, para

<sup>257</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1946, fl.89.

<sup>258</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1948, fl. 120.

prestar uma homenagem aos socios falecidos.”<sup>259</sup> O sócio João Pereira dos Santos recebeu o título de Benemérito na Sessão Magna de 1942, “por seus bons serviços que tem prestado e vem prestando a essa Sociedade, como seu 1º Secretário desde do anno 1937.”<sup>260</sup> Esse sócio permaneceu no mesmo cargo até seu falecimento em 1955, foi registrado em ata uma homenagem póstuma na inauguração do prédio na Sessão Magna de 1956, o nome do 1º Secretário está gravada na placa de inauguração do prédio. João Pereira dos Santos não pode ver o resultado da reforma do prédio social mas, todos que entram na sede da Sociedade tem a oportunidade de ler seu nome e a homenagem a ele prestada.

A seguir a Educadora Aldanir de Moraes Martins em belíssima oração agradece o convite endereçado a SOB 28 de Setembro e em nome da Família de João Pereira dos Santos agradece a homenagem prestada em memória do mesmo mandando revelar o seu nome na Placa comemorativa a data da inauguração. (...) o Sr. Presidente entrega para os associados a nova sede social com uma placa de Bronze onde esta gravado o nome dos Diretores, desta Gestão do ano de 1956.<sup>261</sup>

Dessa maneira a diretora da S.O.B. 28 de Setembro e a placa de bronze fazem referência ao presente vivido ao comemorar a inauguração do prédio mas, também, fazem referência ao passado presente, ao recordar e homenagear sócios que prestaram no passado serviços que ajudaram a manter no presente as atividades da S.O.B. 13 de Maio e a reforma do prédio social. A repetibilidade da celebração do 13 de Maio possibilita vislumbrar os diversos estratos do tempo.<sup>262</sup> É o 13 de Maio que marca a divisão entre o período de escravidão e o pós-abolição, é 13 de Maio também o nome da Sociedade, e a data que passaram a comemorar o aniversário de fundação da mesma. Nas sessões magnas é possível observar os diversos deslocamentos temporais realizados pelas/os as/os sócias/os, quando evocavam o passado, o presente e o futuro, os diversos níveis de profundidade que realizavam essas conexões. A abolição é um acontecimento marcante que permitiu a fundação e motivava

<sup>259</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1947, fl.105.

<sup>260</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1942, fl. 40.

<sup>261</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1956, fl. 179.

<sup>262</sup> KOSELLECK, op. cit.

a continuidade do grupo.

Por um lado, o acontecimento se define como a coexistência simultânea de duas dimensões heterogêneas em um tempo onde o futuro e passado continuam a se coincidir, apoderando-se um do outro, ao mesmo tempo distintos e indiscerníveis. em segundo lugar, o acontecimento é o que acontece e sua dimensão emergente ainda não está separada do passado. É uma intensidade que vem e se distingue simplesmente das outras intensidades.<sup>263</sup>

O 13 de Maio marca camadas de acontecimentos com intensidades de significados diferentes, os aniversários da abolição, os aniversários da fundação da Sociedade, o fechamento de uma gestão competente da diretoria, o início de uma nova gestão, as conquistas sociais obtidas entre uma gestão e a outra, o dia das mães, etc.

**Fotografia 3** - Placa de Bronze da inauguração do prédio social após reforma em 1956

---

<sup>263</sup> DOSSE, op. cit., p. 169.





Fonte: Placa de Bronze afixada no salão da S.O.B. 13 de Maio, fotografia produzida pela autora, 2019

Na placa está registrado o nome de todos os membros da diretoria da gestão 1955/57 e na penúltima linha consta a homenagem “saudades João P. dos Santos”. Foi reconhecido o comprometimento desse diretor para com a Sociedade. Era comum haver homenagens aos esforços dos membros da diretoria e demais associados, fazendo a inauguração de fotografias

na sede social.<sup>264</sup> Faziam a valorização e reconhecimento do compromisso social de membros do grupo e não apenas aos “líderes da nação”.

Até a Sessão Magna de 1941 as festas da comemoração da abolição e da fundação da Sociedade, eram comemoradas separadamente em datas distintas, nessa mesma sessão o 1º orador sr. Lúcio Freitas levanta uma polêmica em relação a real data de fundação da S.O.B. 13 de Maio.

1º orador da casa, Snr. Lucio de Freitas, que produz sua bella oração, na qual elle fundamentado nas tradições anteriores e a vida histórica da sociedade elle demonstrou plenamente que a data da fundação da Sociedade 13 de Maio, foi a 13 de Maio de 1888, e não a 6 de Junho do mesmo anno, como se vinha commemorando esta ultima data, discordando portanto das diretorias que assim procedia continuando na sua oração.<sup>265</sup>

Por qual motivo o 1º orador contestou a data de fundação da S.O.B. 13 de Maio? Será que as diretorias antecessoras haviam cometido esse equívoco? E por que somente em 1941, desfazer esse equívoco? Consultando o 1º livro ata é possível confirmar que a data de fundação oficial ocorreu em 06 de junho de 1888, mas a primeira reunião registrada ocorreu em 03 de maio de 1888, ou seja, dez dias antes da abolição. Pode ser que o motivo pelo qual o 1º orador contestou a data, seja para lembrar que aquela organização é um pouco mais antiga do que as/os sócias/os pensavam. O 1º orador Lúcio Freitas foi citado algumas vezes como um dos sócios fundadores, apesar de seu nome não constar nas primeiras atas, ele é reconhecido por outros diretores como um dos integrantes mais antigos. Nas décadas de 1930/1940 havia poucos sócios fundadores vivos, poucas/os sócias/os que haviam experienciado a escravidão, poucas/os estavam presentes na época de fundação, o que pode indicar que a data 06 de junho tenha perdido a importância de fundação na memória dos associados.

Além da memória sobre a fundação da Sociedade, repensar as datas, poderia ter um ganho em termos administrativos. Afinal, as/os sócias/os deveriam organizar duas grandes solenidades em menos de um mês, isso poderia representar gastos financeiros, desgaste físico

<sup>264</sup> *Diário da Tarde*, 13/05/1953, p. 4.

<sup>265</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/06/1941, fl.25-26.

dos gestores e dispersão do grupo. A junção das comemorações pode indicar, a vontade de lembrar, de não deixar cair no esquecimento a data do aniversário da fundação do clube e da abolição. O próprio ato de nomear a Sociedade com a data da abolição já demonstra uma preocupação em manter na memória do grupo esse acontecimento, comemorar a abolição é também comemorar a (re) existência dos grupos que se auto denominaram “13 de Maio”.

Na Sessão Magna do ano de 1956, no segundo domingo de maio, coincidiu a data do dia das mães com a data da inauguração do prédio social, com a abolição 13 de Maio. O que atualizou<sup>266</sup> e agregou de maneira pontual mais um significado para a data. Na mesma ocasião o 1º orador da S.O.B. 13 de Maio, Benone Victorino da Silva representando as S.O.B.’s 14 de Janeiro, Estrela da Manhã, Princesa Isabel, Alto Cajuru, Santa Quitéria, Operários da Prefeitura e Três Corações aproveitou para fazer um discurso prestando

homenagem as Mães Brasileiras cuja data também é comemorada dia 13 de Maio o faz relembrar a Princeza Izabel que com sua caneta de ouro assinou a lei Aurêa que deu a liberdade a todos os Escravos do Brasil, ao terminar pediu ao divino mestre que derramasse o Balsamo divino Sobre a diretoria da S.O.B. 13 de Maio, o que foi muito cumprimentado e aplaudido.<sup>267</sup>

No discurso acima o 1º orador Benone Victorino da Silva faz referência às mães brasileiras, e ao discurso oficial sobre a abolição, associando a princesa Izabel o status de mãe da nação por meio do ato de abolir a escravidão. Alguns indivíduos e grupos contemporâneos ao período abarcado pela pesquisa, contestaram a narrativa oficial sobre a escravidão, embora esse não tenha sido o caminho de (re) existência adotado pelas/os sócias/os da S.O.B. 13 de Maio. Décadas após, Lélia Gonzalez (1984, p. 237) e outros integrantes do MNU questionam essa narrativa sobre a abolição e a importância da princesa. “Esse deslocamento de datas (do 13 para o 20) não deixa de ser um modo de assunção da paternidade de Zumbi e a denúncia da falsa maternidade da princesa Isabel.”

Durante as Sessões Magnas também era o momento em que as mulheres eram convidadas a discursar, geralmente o discurso era realizado por uma representante, oradora ou presidente das agremiações femininas. “Continuando ainda franca a palavra, fala a Senhorita

---

<sup>266</sup> NORA, op. cit.

<sup>267</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1956, fl. 179.

Maria Roza de Souza que em nome do Gremio Recreativo Flor de Maio, agradeceu o convite que lhe foi enviado e felicita a nova directoria, a oradora é bastante aplaudida.”<sup>268</sup> De maneira geral, o registro em ata sobre o discurso das diretoras foram registrados de maneira sucinta, com agradecimento pelo convite, e felicitações pelo aniversário da S.O.B. 13 de Maio, saudação aos diretores,<sup>269</sup> felicitações a nova diretoria<sup>270</sup> e encerram sempre com grande salva de palmas.

Os discursos durante as Sessões Magnas eram dirigidos para uma grande platéia, e a oradora Maria Roza de Paula realizou discursos nas Sessões Magnas de 1941,<sup>271</sup> 1942,<sup>272</sup> 1945,<sup>273</sup> e 1946,<sup>274</sup> nesse período ela foi a única mulher a discursar. Inclusive na Sessão Magna de 1942, Zeferino Manoel de Carvalho discursou em nome de sua mãe, Dona Maria Barbosa das Dores que estava sendo remida à Sociedade naquela data após de 7 anos de afastamento de seus direitos sociais. Numa sessão anterior a Sessão Magna de 1946, o 1º tesoureiro Francisco Eugênio Gomes Pereira pediu para ser conferido o título de sócia remida a Dona Adelaide de Souza Paula Roza, presidente do Grêmio Flor de Maio devido a suas contribuições para o engrandecimento da Sociedade. Com o mesmo argumento o sócio Arcelino Mendes pediu para que ele e sua “senhora D.<sup>a</sup> Anna Mendes”, também fossem contemplados pelo título de remidos, “tanto pelos muitos annos que já irem contribuindo com suas mensalidades e mesmo pelos muitos serviços que prestaram á esta Sociedade, em annos anteriores (...).”<sup>275</sup> Novamente dois homens falam em nome das sócias, com o intuito de fazer com que todos reconhecessem a relevância dos serviços prestados por essas mulheres e a importância de devolver a elas os direitos sociais, entregando a elas o título de remidas com todas as honrarias que tinham direito, durante a Sessão Magna, data de maior comemoração e confraternização social. O que demonstra que pedir a palavra em nome das sócias e diretoras, nem sempre significava silenciá-las, pelo contrário, em alguns momentos tratava-se de

<sup>268</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1941, fl. 21-22.

<sup>269</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/06/1941, fl. 27.

<sup>270</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1942, fl. 40.

<sup>271</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 06/06/1941, fl. 27.

<sup>272</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1942, fl. 40.

<sup>273</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1945, fl. 75.

<sup>274</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1946, fl. 88-89.

<sup>275</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 24/03/1946, fl. 85-86.

exaltá-las, conferir-lhes distinção positiva diante do grupo. Conscientes ou não do lugar de privilégio da masculinidade, por vezes, os sócios utilizavam do poder de fala como forma de honrar e fortalecer as companheiras de luta. Na Sessão Magna de 1946 além de falar em nome do Grêmio Flor de Maio a oradora Maria Paula de Rosa fez discurso agradecendo o título de remidos em nome dos sócios Anna Mendes e seu esposo Arcelino Mendes. E o 1º orador Zeferino Manoel de Carvalho agradeceu o título de sócia remida em nome de Adelaide de Paula Rosa Souza a presidente do Grêmio Flor de Maio. Esse dado que demonstra que as diretoras, assim como qualquer outra sócia/o poderia enfrentar problemas financeiros, estando sujeita a perder seus direitos sociais mas, que também poderiam reverter a situação através da prestação de serviços para a Sociedade. Ser remida significava ter reconhecimento dos serviços prestados anteriormente à S.O.B. 13 de Maio (passado presente), demonstrar sua disposição em quitar os débitos (presente presente) e renovar seu compromisso com a diretoria, restaurar sua credibilidade perante o grupo e restabelecer seus direitos sociais (passado futuro).

Nas Sessões Magnas de 1947<sup>276</sup> e 1956<sup>277</sup> a professora Aldanir de Moraes Martins representante da S.O.B. 28 de Setembro também discursou agradecendo o convite recebido, sendo que no segundo caso, agradeceu também em memória do sócio falecido João Pereira dos Santos, que tanto trabalhou pela reforma do prédio social e veio a falecer, antes de sua inauguração. E somente na Sessão Magna 1957,<sup>278</sup> a presidente do Grêmio Princesa Isabel Adelaide de Souza Paula Rosa proferiu seu discurso.

Na maioria das Sessões Magnas em que o Grêmio Princesa Isabel esteve presente, a agremiação feminina foi representadas por homens, que proferiram discursos com a autorização das diretoras, como na Sessão Magna de 1947<sup>279</sup> o Grêmio foi representado pelo 1º orador Zeferino Manoel de Carvalho, em 1949<sup>280</sup> foi a vez do João Messias de Paula que na ocasião falou em nome também das S.O.B. 14 de Janeiro e da S.O.B. dos Padeiros. Nas

---

<sup>276</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1947, fl. 104.

<sup>277</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1956, fl.179.

<sup>278</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1957, fl. 174.

<sup>279</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1947, fl. 105.

<sup>280</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1949, fl. 128.

Sessões Magnas de 1956, 1957, 1959, 1961 e 1963 o Benone Victorino da Silva representou o Grêmio Princesa Isabel e outras S.O.B. 14 de Janeiro, Estrela da Manhã, Alto Cajuru, Santa Quitéria, Operários da Prefeitura e Três Corações. Em 1956,<sup>281</sup> S.O.B. 14 de Janeiro, 27 de Janeiro, dos Padeiros e Guabirota em 1957,<sup>282</sup> as S.O.B. Estrela da Manhã, 14 de Janeiro e 28 de Setembro em 1959.<sup>283</sup> Além de Benone Victorino da Silva, Zeferino Manoel de Carvalho e Norberto Farracha discursaram em nome das S.O.B. Estrela da Manhã, 14 de Janeiro, Princesa Isabel, 28 de Setembro, Guabirota e dos Padeiros em 1961,<sup>284</sup> e novamente Benone Victorino da Silva discursou em nome das S.O.B. 14 de Janeiro, 27 de Janeiro, Princesa Isabel, e Operários da Prefeitura em 1963.<sup>285</sup> Mesmo após a agremiação conquistar o status de Sociedade continuou tendo representantes homens. Mas, por quais motivos o senhor Benone Victorino da Silva foi escolhido para representar a S.O.B. Princesa Isabel por cinco anos consecutivos? O que significava o status S.O.B.? Qual o significado de fazer parte de uma S.O.B. e da rede de S.O.B. na visão das mulheres? O sócio Benone Victorino da Silva candidatou-se a vereador no ano de 1951<sup>286</sup> e posteriormente em 1959<sup>287</sup> mas, não foi eleito.

Era comum que nas Sessões Magnas se realizassem homenagem às autoridades locais e articulassem parcerias com outras Sociedades Operárias.

O snr. Presidente, declara franca a palavra, a quem queira fazer uso della, fizeram uso da palavra os Snr.º Mario Moreira de Freitas, João Tavares Santos 1º Orador da Federação das Sociedades Operarias desta Capital, snra. Maria Paula Roza, pelo Gremio Flor de Maio, Henrique Lopes Pereira pela Sociedade 14 de Janeiro, sendo todos bastante aplaudidos, falou tambem o menino Milton, alunno do Colegio Novo Atheneu, que fez uma eloquente oração, tendo o mesmo enalteceu a pessoa do Exmo. Major Flores Secretario de Segurança, embora este não estivesse presente, e sim o seu digno representante, o pequeno orador, foi bastante aplaudido<sup>288</sup>

<sup>281</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1956, fl. 179.

<sup>282</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1957, fl. 186-187.

<sup>283</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 08/11/1959, fl. 192.

<sup>284</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1961, fl. 205.

<sup>285</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1963, fl. 215.

<sup>286</sup> *A Tarde*, 19/06/1951, fl. 3.

<sup>287</sup> *A Tarde*, 03/10/1959, fl. 3.

<sup>288</sup> O Dr. Major Flores Secretário de Segurança Pública foi representado pelo Dr. Firmino Netto. LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1945, fl. 74-76.

A S.O.B. 13 de Maio enviava convites ao Secretário de Segurança Pública, Prefeito, Governador, Deputados, Vereadores entre outros homens que ocupavam cargos de chefia na administração pública, nem sempre esses senhores compareciam às Sessões Magnas. Quando não podiam ou não queriam comparecer enviavam um representante. Nessas sessões discursavam os diretores das S.O.B's, as autoridades locais, ou seus representantes, e estudantes. Em ao menos duas sessões foi dada a palavra a estudantes, criança ou adolescentes, mostrando a importância que as gerações mais novas tinham para o grupo e a importância da educação escolar.

(...) Falaram com referencia a este grandioso acto, os Snrs. Alfredo Santana Ribeiro, pela Federação Snr.<sup>a</sup> Maria Roza Souza pelo Gremio Flor de Maio, Snr Antonio de Lima, pela Sociedade Operaria Tres Corações e Snr. Zeferino, pelas Sociedades Operarias 27 de Janeiro e Erva Matte Snr. João Tavares Santana, pelas Sociedades Protetora dos Operários e 24 de Janeiro todos agradecendo o convite que lhe foi anunciado. Falaram, ainda o Snr. Zeferino, em nome da Snr<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Adelaide Paula Roza, para agradecer o titulo de socia Remida, que lhe foi conferido, e Snr<sup>a</sup> Maria Paula Roza para em nome do Snr. Arcelino Mendes e sua senhora agradeceu o titulo de socia Remida que lhes foi conferido e os Snrs. João Messias de Paula, pela Sociedade Operaria dos Padeiros, Dr. Julio Xavier<sup>289</sup> o menor Jovelino, todos agradecendo a convites e sobre a data 13 de Maio. Falou tambem sobre a data, o snr Lucio de Freitas, que proferiu uma bella oração. Finalmente, falou o snr. Presidente de honra, que para prestar uma homenagem aos mortos socios já falecidos pede que todos fique de pé um minuto e para encerrar a serie de discussão o snr. Presidente concede a palavra ao 2º Orador João Tavares Santana, que agradece a presença de todos e convida os para tomarem um copo d'água.<sup>290</sup>

No caso acima é notável o espaço de fala do “menor Jovelino” e da homenagem póstuma aos sócios falecidos, são gerações de sócios que celebram no presente, os feitos do passado e no presente esperança num futuro melhor. Nas Sessões Magnas era oportunizado o momento da fala e da escuta, entre pessoas de gênero, raça, classe e geração diversas, cada um/a a partir de sua experiência e com o compromisso de representar seu lugar social, saudava a data 13 de Maio. Podendo haver múltiplas interpretações sobre os significados da data. A rede de contatos das S.O.B.'s eram uma forma de fazer campanha política e ser eleito.

<sup>289</sup> Júlio Rocha Xavier foi eleito Deputado estadual em 1947 e reeleito em 1950. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/julio-rocha-xavier>> Acesso em: 09 dez. 2019.

<sup>290</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1946, fl.87 à 89.



Certamente a data 13 de Maio, era ainda mais oportuna para o estreitamento de laços entre os Clubes Sociais Negros, poderia ser um momento para festejar, partilhar reflexões e estratégias de ação com pessoas com origem social semelhante. A S.O.B. 13 de Maio foi convidada a participar da Sessão Magna do Clube Recreativo 13 de Maio de Ponta Grossa.

Expediente – constou da leitura de um officio, enunciado pelo Club Recreativo de Ponta Grossa, communicando a eleição da sua nova directoria, e ao mesmo tempo convida a esta Sociedade para se fazer representar no proximo dia 13 de Maio as 21 horas por ocasião da posse de directoria, e a inauguração do retrato da Sua Ex. Snr. Getulio Vargas. Posto em discuzão e aprovação esta parte, ficou resolvido que em vista da impossibilidade de ir um director aquella cidade, por quanto sendo também o dia da posse da nova directoria desta Sociedade, que se passava um telegramma aquella entidade, agradecendo o convite; e ao mesmo tempo felicitando os novos directores.<sup>291</sup>

O “Club Recreativo de Ponta Grossa” no trecho acima, também é conhecido como Clube Literário Recreativo 13 de Maio. Como ficou explícito acima, o encontro não foi realizado, em virtude da programação de posse das novas diretorias coincidirem, a distância geográfica não é mencionada como problema. Na Sessão Magna organizada pelo Clube Literário Recreativo 13 de Maio seria realizada uma homenagem ao presidente Getúlio Vargas.

Em 15 de dezembro de 1930 o presidente Getúlio Vargas revogou o feriado de 13 de Maio,<sup>292</sup> instituindo um novo calendário nacional através da lei 19.488/1930, onde o 1º de Maio tornou-se feriado e passou a ser comemorado como a data da “confraternidade universal da classe operária”, o foco deslocou-se para o trabalho, para a capacidade produtiva da/o brasileira/o. Segundo Araújo (2000, p. 35-36) a máquina de propaganda do Estado Novo inventou diversas manifestações cívicas (entre elas o Dia da Raça, o Dia da Pátria, o Dia da Juventude, a Semana da Independência, o Dia do trabalho e outros.), em que exibiam-se retratos de Getúlio Vargas onde era louvado como o pai dos pobres e o chefe da nação, essas manifestações transformaram-se em momentos míticos e quase religiosos. É possível que as

<sup>291</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 11/05/1941, fl.16-17.

<sup>292</sup>Disponível

em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html>> Acesso em: 18 nov. 2019.



festividades do 13 de maio tenham sofrido as influências do trabalhismo Getulista. O feriado de 13 de Maio<sup>293</sup> criado em 14 de janeiro de 1890 por Marechal Deodoro da Fonseca pode ser entendido como uma tentativa de dissociar a abolição da Monarquia e associar a República, sendo uma data dedicada a fraternidade dos brasileiros. A maneira como grupos diversos percebem e articulam os significados para a data também sofrem transformações ao longo do tempo. As comemorações da abolição, sofreram atualizações como prestar homenagens aos heróis da nação do presente, além de homenagear os heróis da nação do passado (princesa Isabel, Visconde do Rio Branco e outros), homenageavam também o chefe de Estado em exercício, ou seja, a comemoração do 13 de Maio também dialogou com a dinâmica de manifestações cívicas do Estado Novo.

Nesse sentido, algumas datas passaram a ser referências para a celebração do encontro do presidente com os trabalhadores do Brasil, através de manifestações e paradas normalmente qualificadas pelo regime como “espontâneas”. A mais importante dessas datas era o Dia do Trabalho (1º de maio), mas havia outros momentos para selar esse “encontro”. Por exemplo, 19 de abril, aniversário de Getúlio Vargas; 10 de novembro, data da instauração do Estado Novo; 7 de setembro, Dia da Independência; entre outros.<sup>294</sup>

Entre 1890 e 1930 a data da Abolição foi considerada feriado nacional. A perda do status de feriado, após 40 anos de comemorações cívicas, está relacionado à ideia de que a data da Abolição não poderia ser maior que outras datas da nação, pelo medo de criar um dia de valorização racial para os negros. A data 13 de Maio e os significados atribuídos a ela sofreram e continuam sofrendo deslocamento de significados, sendo considerado feriado nacional ou não. A Segunda República cria o dia da raça (dia da raça brasileira comemorada em 4 de setembro desde 1940) como uma das táticas de forjar uma identidade nacional em que não haveria distinção de raças, pois só haveria a raça brasileira.

A revelia da criação dos monumentos nacionais e das comemorações cívicas, a Abolição, e as ideias sobre a escravidão e liberdade passaram a ser utilizadas de diversas

<sup>293</sup>Disponível em :  
<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-155-b-14-janeiro-1890-517534-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 18 nov. 2019.

<sup>294</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.56.

maneiras, especialmente com valores de cidadania do povo brasileiro, sem com isso remeter-se a pessoas que sobreviveram a escravização.

### **A abolição que falta**

Fez bem o Governo Federal suprimindo o feriado de 13 de Maio. Toda recordação da mancha da escravidão deve ser apagada de nossa historia, pois, aquela pavorosa instituição pesava como ignomia sobre nossa patria, tão amiga e tão devotada à liberdade. Não tendo sequer subsistido preconceitos contra a côr, ou para empregar um neologismo em voga, racistas, vemos o negro incorporado à comunhão nacional como valioso contingente de ordem, trabalho, produção e progresso.

(...) Referimo-nos ao flagelo do analfabetismo, que ainda nos traz na cauda dos povos de mais baixo indice cultural. Pouco ou quasi-nada fizemos durante longos anos para a extirpação desse mal, visto como não consideramos luta eficiente contra ele a disseminação de escolas verbalistas ou de ler escrever e contar, mal aparelhadas e mal dirigidas. (...)

Quer dizer preparamo-nos para as rudes fases da campanha da segunda abolição, aquela que virá libertar-nos do pior dos cativeiros, o cativo intelectual.<sup>295</sup>

Muito antes do centenário da abolição, já havia críticas a abolição incompleta. Mas, no trecho acima é retirado o caráter racial, há uma negação da existência do racismo, colocando a escravidão em um outro contexto, relacionado a insuficiência das políticas públicas em prol da alfabetização. O discurso oficial sobre a escravidão e sobre o progresso da nação são utilizados para fazer crítica aos altos índices de analfabetismo.

Fala o Snr. Mario Miranda, representando a Sociedade Operaria 27 de Janeiro, que agradece o convite que lhe, foi enviado, e felicita a nova directoria continuando franca a palavra, fala o Snr. Miranda, que produz uma bella oração, na qual elle fala na data 13 de Maio e muitos homens illustres, como seja, Rui Barboza, Joaquim Nabuco, Princeza Izabel e muitos outros.<sup>296</sup>

No trecho acima o diretor refere-se a princesa como homem, pois o cargo e o poder que ela exercia era comum aos homens, na época ela era a única mulher no Brasil a exercer cargo de chefia no governo, em outros países havia outras 9 mulheres<sup>297</sup> ocupando o posto

<sup>295</sup> *Diário da Tarde*, 13/05/1939, fl. 8.

<sup>296</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/ 1941, fl. 20-21.

<sup>297</sup> BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: Gênero e poder no século XIX**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.18.

mais alta na hierarquia política.

Segundo Mbembe (2014, p. 216-218) os monumentos coloniais e a criação de narrativas heróicas sobre o colonizador são maneiras de perpetuar a dominação no imaginário dos colonizados, induzindo-os a um transe, “uma vez que passa a ser obrigados a celebrar um ‘sacrifício sem deus nem antepassados’.” Essa crítica aos monumentos e narrativas colonialistas, se inserem num campo de disputas de memória e narrativas que estão sujeitas a sacralização do passado e da banalização do presente que de acordo com Ferreira (2018, p. 95) “o perigo da sacralização e da banalização é que essas perspectivas reforçam a perpetuação de rótulos como o do herói, da vítima ou dos moralizadores. Ao se privilegiar um dever de memória, muitas vezes acaba-se resvalando nesses extremos e passando “do dever de memória aos abusos da memória”.

Nesse sentido a sacralização de uma narrativa dos heróis da abolição e a banalização do presente que é visto como uma repetição do passado, dificultaria a reelaboração da memória, a validação de outros atores sociais, como a população de africanos livres, libertos e escravizados que lutaram por sua emancipação. A sacralização da princesa redentora serviria aos projetos de uma identidade nacional “sem distinção de raça”, em que todos seriam considerados irmãos, fazendo parte da fraternidade dos brasileiros. A tentativa de homogeneização da diversidade racial, se encontra em disputa com a afirmação de uma identidade racial negra.

A atual sede da S.O.B. 13 de Maio está situada na Rua Desembargador Clotário Portugal<sup>298</sup>, formando um T com a Alameda Princesa Isabel<sup>299</sup> e a algumas quadras da Rua 13

---

<sup>298</sup> Clotário de Macedo Portugal é natural de Campo Largo - PR, nasceu em 8 de janeiro de 1881, construiu uma sólida carreira na área jurídica e ocupou alguns cargos públicos como Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, foi o sucessor de Manoel Ribas e antecessor de Brasil Pinheiro Machado no cargo de Interventor Federal no Paraná. Disponível em: <[https://www.tjpr.jus.br/desembargadores-tjpr-museu/-/asset\\_publisher/V8xr/content/des-clotario-de-macedo-portugal/397262?inheritRedirect=false](https://www.tjpr.jus.br/desembargadores-tjpr-museu/-/asset_publisher/V8xr/content/des-clotario-de-macedo-portugal/397262?inheritRedirect=false)> Acesso em 19 nov. 2019.

Por meio da Lei 182 de 31 de outubro de 1947, a antiga Rua Colombo passou a chamar-se Desembargador Clotário Portugal em homenagem póstuma ao falecimento do desembargador que residiu naquela rua no prédio que posteriormente tornou-se o Departamento de Águas e Energia Elétrica. Índice de ruas de Curitiba e outras cidades do Paraná. Biblioteca da Casa da Memória.

<sup>299</sup> Por meio da lei 353, de 02 de fevereiro de 1912 o Boulevard São Francisco passou a chamar-se Alameda Dona Isabel. E através da Lei 1.666 de 17 de setembro de 1958 tornou-se Alameda Princesa Isabel em homenagem a princesa regente que assinou a Lei Rio Branco e a Lei Áurea. (IPPUC, 2001; NICOLAS, 1977).

de Maio<sup>300</sup>, todas situadas no bairro São Francisco, já vimos anteriormente que esse era um espaço negro da cidade e, essas homenagens nominais dão um novo significado para o espaço público, reforçando o discurso oficial sobre o acontecimento com narrativa unilateral, onde o colonizador é exaltado e aclamado pelo colono e pelo colonizado. Nesse sentido, pontos turísticos, nomes de ruas e praças, evidenciam a monumentalização do sistema colonial.

O tempo, conseqüentemente, desvela-se aqui pela sua capacidade de deixar vestígios de um acontecimento primordial – um acontecimento destruidor, de cujo fogo é um dos significantes maiores. O tempo, por consequência, vive-se, vê-se e lê-se na paisagem. Antes da recordação, existe a visão. Recordar é ver, literalmente, o vestígio deixado fisicamente no corpo de um lugar pelos acontecimentos do passado. Não existe, no entanto, corpo de um lugar que não se relacione, de certa maneira, com o corpo humano.<sup>301</sup>

Há a confrontação entre uma memória corpo, versus uma memória de espaço físico. Os corpos negros dos associados, versus o nome das ruas onde esses corpos transitavam. Concomitantemente há outras narrativas que estão sendo desconsideradas, sublimadas e perseguidas. Segundo Huyssen, (2014, p. 140) as próprias práticas comemorativas, podem participar dos processos destemporalizantes do consumo instantâneo do esquecimento, “a memorialização e o esquecimento podem entrar numa aliança espúria, que tanto trai o passado quanto o presente. É o que quero dizer com a cultura da memória num impasse.” O ato de comemorar o 13 de maio, poderia significar um momento de lembrar as lutas e conquistas do povo negro pela libertação mas, que com o passar do tempo a narrativa oficial sobre a dádiva da princesa Isabel pode ter modificado a percepção sobre a abolição. A narrativa oficial pode ter contribuído para que outras narrativas entrassem em esquecimento.

Nos anos próximos ao centenário do nascimento da Princesa Isabel foram realizadas algumas mobilizações em prol da construção de um monumento à princesa Isabel.

#### MONUMENTO A PRINCESA ISABEL

<sup>300</sup> Foi anteriormente chamada de Rua Direita e depois Rua dos alemães, em 27 de novembro de 1880 foi denominada Rua Visconde do Rio Branco e em 18 de janeiro de 1890 passou a chamar-se Rua Treze de Maio em celebração a

<sup>301</sup> MBEMBE, op. cit., p. 213.

Uma ideia que se considera “oportuna e justa”

Rio – “O Globo”, commentado a projetada ereção de um monumento á princeza Izabel, escreve:

Agita-se a idéia de um monumento á princeza Isabel, que teria sido imperatriz se a revolução republicana não tivesse interrompido a existência do imperio. A idéia encontrou, desde logo, uma atmospha de sympathias incontestaveis. Hoje em dia, desvanecidos os motivos de ordem política pela segurança no regime democratico, todos os motivos de ordem moral indicam aquella notavel brasileira ao respeito e a admiração do paiz.

Em regra os monumentos entre nós, têm tido significação secundária. O criterio das iniciativas que perpetuam no bronze as imagens dos que se tornaram benemeritos da Patria, não foi sempre severo. Por isso mesmo alguns personagens de influencia decisiva na história da nossa formação se encontram num recanto meio esquecido ao passo que outros, de expressão menor, receberam homenagens publicas. Sem duvida alguma, a princeza Isabel pertence, ao pequeno numero das personalidade que não devem permanecer na penumbra. Sua influencia foi decisiva num dos passos mais importantes da nossa historia. No exercido do governo temporario e na conducta, com que caracterizou as perspectivas do seu possível reinado, a princesa Izabel fixou a imagem duma bondade sincera e dum sincero amor ao próximo. A abolição do trabalho servil encontrou na attitude e nas solicitações vehementes daquellas virtudes um factor energico e seguro. Ninguém desconhece isso. A gratidão nacional não explicaria a iniciativa dum monumento. É certo, porem, que este encontra fundos motivos no exame histórico da personalidade da princeza Isabel. A idéia de perpetuar sua memoria é oportuna e justa.<sup>302</sup>

Nota-se uma certa nostalgia do que não foi vivido, o fato da princesa ter assinado as Lei do Ventre Livre e Áurea como regente do império, gerou uma expectativa sobre o governo da mesma como imperatriz, há uma nostalgia da Monarquia ainda mas, após certo descontentamento com a República. A ideia de construir um monumento à princesa Isabel era reforçar a ideia da redentora, da princesa bondosa e estimular por sua vez o sentimento de gratidão de todos os brasileiros especialmente dos descendentes de africanos escravizados. No dia 29 de julho de 1946 a princesa Isabel estaria comemorando o seu centenário se estivesse viva, diversas agremiações se organizaram para prestar homenagens ao centenário do nascimento da princesa, queriam construir na cidade do Rio de Janeiro, na época a capital do Brasil um monumento em sua homenagem, a S.O.B. 13 de Maio não participou dessa organização mas, preparou uma sessão cívica em sua homenagem.

#### **SOCIEDADE OPERÁRIA BEN. “13 DE MAIO”**

<sup>302</sup> *Diário da Tarde*, 30/09/1932, fl. 2.

## CONVITE

Convidando esta Sociedade no próximo dia 29 do corrente uma Sessão Cívica em homenagem ao Centenário natalino da insigne PRINCEZA Isabel, à REDENTORA, e com muito prazer que vimos convidar aos Snrs. Associados e suas famílias, para assistirem essa sessão, cujo início, terá lugar na sede, às 20 horas desse dia, pelo que início já, os nossos agradecimentos.

Curitiba, 25 de julho de 1946.

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS, 1º Secretário.<sup>303</sup>

Tão importante quanto divulgar na imprensa o convite da sessão comemorativa do centenário da princesa, era registrar como foi o transcurso da festa, quem compareceu, quem discursou, quais palavras e ideias foram proferidas, como foram recebidos os discursos.

Acta da Sessão Cívica, em homenagem a Princesa Isabel à Redentora, realizada no dia 29 de Julho de 1946. Aos vinte e nove dias do mez de Julho de mil novecentos e quarenta e seis, achando presentes no recinto desta sede o Exmo. Snr. Dr. Brasil Pinheiro Machado, Interventor Federal, Snr. Representantes do Comandante do 5ª Região Dr. Amadeu Prefeito Municipal desta Capital, representantes do Departamento Nacional e Informações, Secretario de Segurança e Secretario de Viação e Obras Publicas, representantes das sociedades Operarias co-irmãs, grande numero de socios familiares comunidades, o snr. Presidente, Lucio de Freitas, declara aberta a sessão, as 21 horas, afim de comemorar a data natalicia da Princesa Izabel à Redentora, e em seguida convida o Exmo. Snr Interventor Federal, para presidir á sessão, sendo o mesmo saudado por uma salva de palmas, tendo a Banda de musica da Força Militar do Estado, gentilmente cedido pelo Snr. Coronel Comandante, tocado o Hino Nacional. Em seguida com a palavra, o Dr. Francisco A. Negrão orador oficial da Sociedade saudou as autoridades presentes e proferiu vibrante improvisio discorrendo brilhantemente sobre o episodio imortal da nossa historia, que foi a abolição da escravatura, e no qual á Princesa Izabel, Redentora teve papel saliente consumado com á assinatura do Decreto pela Princesa Redentora; sendo suas palavras abafadas por uma salva de palmas. Em seguida – falou, o Snr. Presidente. Lucio de Freitas que agradeceu o comparecimento das autoridades e demais presentes. Usou da palavra, o Dr. Brasil Pinheiro Machado, que se congratulou com os Directores da Sociedae Operaria Beneficente 13 de Maio com demais convidados pelo transcurço brilhante que esta sendo apresentado nesta Sociedade e dando a seguir por encerrada á presente sessão. As autoridades, representantes, associados e familias, foi logo após servido uma otima mezada de frios, regada por finas bebidas e cervejas.<sup>304</sup>

A sessão contou com a presença de diversas autoridades como o Interventor Federal Brasil Pinheiro Machado, o representante do comando da 5ª Região do regimento do comando militar o Dr. Amadeu, o Prefeito Municipal o Sr. João Macedo Souza, o representante do Departamento Nacional de Informações, Secretário de Segurança, Secretário de Viação e

<sup>303</sup> *Diário da Tarde*, 27/07/1946, fl.4.

<sup>304</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 29/07/1946, fl. 91,92,93.

Obras Públicas, representantes das Sociedades Co-irmãs. A celebração do centenário da princesa Isabel, foi a festa em que esteve presente o maior número de autoridades locais. Reforçar a narrativa oficial da história, era uma maneira de atrair as autoridades do presente e dizer que reconhecia o poder das autoridades do passado e do presente. A banda de música da Força Militar do Estado tocou o Hino Nacional, o interventor Federal elogiou o transcurso da festa e encerraram os discursos convidando todos para comer e beber. A festa era um momento de mostrar a organização do grupo e firmar alianças políticas.<sup>305</sup>

Em outros anos o aniversário da princesa Isabel não foi comemorado, não era uma tradição da S.O.B. 13 de Maio comemorá-lo mas, as agitações nacionais em prol ao centenário motivaram a diretoria. Me parece que nas Sessões Magnas os sócios das S.O.B.'s tinham que negociar seu lugar de “falsos nacionais” (negros) com os “verdadeiros nacionais”<sup>306</sup> (colonos descendentes de europeus). De cidadãos de segunda classe

Pede a palavra, o Snr. Dr. Miltom Candemo, que fez uma bela oração, discorrendo sobre a Princesa Isabel e sobre a data 13 de Maio, que ao terminar também foi bastante aplaudido pela assistência presente, continuando franca a palavra, palavra a Sr.<sup>ta</sup> Maria de Paula Roza em nome do Grêmio Operário Princesa Isabel, Joaquim B Monteiro, em nome da Sociedades Operárias: Protetora dos Operários e Estrela da Manhã, João Messias de Paula, em nome da Sociedade Operária dos Padeiros, Mario Moreira de Freitas, pelas Sociedades 27 de Janeiro, Herva Matte e dos Homens de Cor do Brasil, agradecendo os convites que lhes foram enviados, sendo elles todos bastante aplaudidos, ao terminar sua orações (...) Pede a palavra o snr. João Cabral Alves, Presidente Nacional dos Homens de Cor do Brasil, que proferiu uma bela oração, descrevendo de um modo elogiável a data de 13 de Maio e a Princesa Isabel, com relação à escravidão, o orador ao terminar foi bastante aplaudido pela assistência.<sup>307</sup>

O presidente da União dos Homens de Cor do Brasil (UHCB) aproveitou sua estadia em Curitiba e sua visita a S.O.B. 13 de Maio com a pretensão de montar outras filiais da UHCB em outras cidades do Paraná. O sócio Mário Moreira de Freitas foi indicado pela diretoria da S.O.B. 13 de Maio para ser o representante do Paraná nas reuniões da Federação mas, Mário recusou o cargo e fez indicação do senhor Candido Santos que também recusou e

<sup>305</sup> CUNHA, op.cit.

<sup>306</sup> BHABHA, Homi. O entre-lugar das Culturas. In: BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p.52.

<sup>307</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1948, fl.119.

indicou Reginaldo Cavalcanti. Por que ocorreram tantas recusas? Havia divergência de pautas?

Não foi possível encontrar referências ao Grêmio Flor de Maio após a Sessão solene em comemoração ao centenário da Princesa, restando apenas o Grêmio Princesa Isabel. Provavelmente essas duas organizações aproveitaram a efervescência do centenário e fundiram as diretorias e optaram por manter o nome Princesa Isabel, ou o Grêmio Flor de Maio se desarticulou.

No item 3.3 analisamos as Sessões Magnas, procuramos apresentar os significados de comemorar a abolição e os aniversários da S.O.B. 13 de Maio para suas e seus associadas/os. Durante as Sessões Magnas era o momento em que pessoas de raça, gênero, classe e gerações diferentes poderiam discursar sobre a data 13 de Maio e sobre as expectativas de “progresso” do grupo. O discurso oficial que considera a abolição uma dádiva da princesa Isabel foi reforçado várias vezes, tanto por autoridades locais, como por sócios fundadores, crianças etc. Nesse sentido, percebemos que o discurso oficial sobre a abolição poderia ser entendido como uma máscara, uma narrativa que agregava diversas pessoas devido o peso da oficialidade mas, que ao mesmo tempo não impediu as/os associadas/os rememorem os significados da abolição prestando homenagens fúnebres a seus pares e não somente aos “heróis da nação”. Comemorar a abolição e o centenário da princesa Isabel eram formas de lembrar a origem comum daquela Sociedade fundada por libertos e descendentes de africanos livres, refletir sobre a importância daquela organização no presente e definir novos planos para o futuro.

### 3.4 VESTÍGIOS DE LUTAS: REDES DE SOLIDARIEDADES PARA EDUCAÇÃO E SAÚDE

No livro ata e no jornal *O dia* consta informações sobre a construção de creches em todo estado do Paraná e a concessão de subvenções a Sociedades Operárias responsáveis por abrigá-las.

Em seguida o Snr. Presidente comunicou aos presente que o governo do Estado estava organizando em todos os setores da Capital diversas Creches para o internamento de filhos de sócios das Sociedades Operárias sendo que neste setor foi



organizada uma Creche na Sociedade Protetora dos Operários Alto São Francisco, que esta Sociedade Operária 13 de Maio está encarregada para colaborar com aquela Sociedade no sentido de fazer ver aos sócios desta Sociedade que quiserem gozar deste benefício. o Snr. Lucio Freitas que esclareceu aos presentes as finalidades destas creches e que somente serão aceitas crianças de um a cinco anos, com referências as creches.<sup>308</sup>

Essa parceria entre as Sociedades Operárias e governo do Estado marca a criação de políticas públicas na área da educação voltadas para a infância. No documento abaixo percebe-se que o nome do Grêmio Princesa Isabel consta ao lado de outras S.O.B.'s recebendo igualmente a subvenção:

#### ATOS DO GOVERNO

O sr. Governador do Estado assinou, ontem, os seguintes decretos:

CONCEDENDO – uma subvenção de Cr\$ 12.000,00 a cada uma das Sociedades Operárias Benéficas assim discriminadas – Em Curitiba – Rio Branco, 21 de Abril, Cabral, Mercedes, Cruzeiro do Sul, Giuseppe Garibaldi, Protetora dos Operários, União Bacacheri, Seminário, Água Verde, Batel, D. Pedro II, Universal, 13 de Maio, Grêmio Princesa Isabel, Vila Cajurú, Abranches, Vila Isabel, União Juvevê, Estrela da Manhã, Aú de Baixo, Alto Cajurú, Santos Andrade, 14 de Janeiro, Campo Comprido, Primavera, Erva Mate, 27 de Janeiro, 5 de Julho, Padeiros, Três Corações, Associação Protetora Postal, Condutores de Veículos, Portão, Iguassú, Santa Felicidade, Vila Morgenau, Santa Cândida, Sapateiros, União Paz. Em Palmeiras – Palmeirense; em Rio Branco do Sul – 25 de Setembro; em Rio Negro – Protetora dos Operários; em Porto Amazonas – Porto Amazonas.<sup>309</sup>

Não fica explícito os critérios para receber a subvenção e nem mesmo no que ela deveria ser empregada, certamente as diretoras requereram ao governo do Estado e foram contempladas com a quantia de Cr\$12.000,00 por satisfazerem as exigências. Nota-se que a S.O.B. 13 de Maio e o Grêmio Princesa Isabel foram contemplados pela subvenção de maneira separada, cada instituição recebeu Cr\$12.000,00, o próprio governo do Estado estava reconhecendo a organização e autonomia da agremiação em relação à Sociedade. Ao longo do ano de 1949 o Grêmio Princesa Isabel recebeu 3 vezes<sup>310</sup> a quantia de Cr\$ 12.000 (doze mil cruzeiros) referente a subvenção do Estado do Paraná. Há indícios de que essa subvenção foi distribuída às instituições culturais em comemoração aos 100 anos do Estado do Paraná. Entre

<sup>308</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/03/1949, fl. 123-124.

<sup>309</sup> *O Dia*, 05/05/1949, fl.2.

<sup>310</sup> *O Dia*, 05/05/1949, fl. 2. *O Dia*, 05/07/1949, fl. 2. *O Dia*, 23/12/1949, fl. 8.

1949 e 1954 o Grêmio Princesa Isabel passou a se chamar de S.O.B. Princesa Isabel, indicando maior autonomia com relação à S.O.B. 13 de Maio. Nas sessões magnas de 1957<sup>311</sup>, 1959<sup>312</sup>, 1961<sup>313</sup> e 1963<sup>314</sup> o Sr. Benone Victorino da Silva foi o representante da S.O.B. Princesa Isabel. Ser uma filiada da S.O.B. 13 de Maio permitiu as sócias estarem em contato com uma rede de sociabilidades composta por diversas S.O.B's, jornalistas, líderes trabalhistas como Wesval Silva, Maximino Zanon e Lauro Elbe Popessil e autoridades locais como o Deputado Aldo Silva, Roberto Barrozo presidente da Assembleia Legislativa e Secretários de Segurança Pública e outros homens com poder político que eram convidados a discursar nas Sessões Magnas de aniversário da S.O.B. 13 de Maio, da comemoração da abolição, indicativo de que nesses momentos as diretoras e diretores conseguiam articular novos projetos.

No ano de 1944 a diretoria informou que as festas não estavam dando muito lucro e que a S.O.B. estava com dificuldades para saldar seus compromissos sociais, mesmo assim, não deixou de alugar o salão para o Grêmio Flor de Maio, nem deixou de organizar festas em benefício de alguma instituição de caridade como foi o caso do Hospital da Cruz Vermelha, da Sociedade de Socorro aos Necessitados e da Sociedade de Assistência aos Lázaros. No caso da Sociedade de Assistência aos Lázaros além de baile a S.O.B. 13 de Maio se comprometeu em fazer uma lista de arrecadação entre os sócios e os membros das Sociedades Co-irmãs.

Consta da leitura de uma cópia do ofício que acompanhou a remessa de Cr.\$ 20 500 enviado a Cruz Vermelha desta Capital, resultado líquido de um baile que esta Sociedade levou a efeito no dia 24 de setembro, em benefício daquela instituição de Caridade em cuja a cópia o Snr. Tesoureiro da mesma, lançou o recebimento da referida importância.<sup>315</sup>

Provavelmente os bailes realizados na Sociedade apresentavam lucros maiores que Cr\$ 20.500 e o caixa da Sociedade frequentemente tinha um saldo positivo. Mas o ano de 1944 a Sociedade estava enfrentando uma crise financeira:

---

<sup>311</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1957, fl. 174-175.

<sup>312</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 08/11/1959, fl. 180.

<sup>313</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1961, fl. 193.

<sup>314</sup> LIVRO ATA DE REUNIÕES DA S.O.B. 13 DE MAIO, 13/05/1963, fl. 208.

<sup>315</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO, 03/10/1944, fl. 63.

O Snr. Presidente fez ciência aos Snrs. Diretores, que em vista dos bailes realizados ultimamente, não tiveram apresentado renda para os cofres da mesma faz um apelo aos mesmos Diretores, que prestem os seus serviços independente de gratificação uma vez que as rendas tem sido muito pequena e a Sociedade ainda está atravessando e lutando com dificuldades, para saldar os seus débitos, o que foi aprovado e todos concordaram com a atitude do Snr. Presidente.<sup>316</sup>

Era distribuída uma gratificação aos diretores que trabalhavam nos bailes, quando o saldo das festa e do caixa social estavam positivos. Nesse caso opta-se por cortar as gratificações e manter o caixa positivo e cumprir com o dever social de ofertar os auxílio saúde, velório e quitar os demais gastos com a manutenção administrativa da Sociedade. As táticas para arrecadar fundos para o caixa podia ser desde a cobrança das mensalidades, realização de bailes e pedir dinheiro emprestado a alguma Sociedade Co-irmã para saldar os gastos mais urgentes. Mesmo enfrentando problemas financeiros, permaneceram auxiliando instituições de caridade.

**Quadro 13** - Instituições ou Campanhas beneficentes que a S.O.B. 13 de Maio e as agremiações femininas auxiliaram

Instituições/Campanhas	Tipo de auxílio
1 - Hospital da Cruz Vermelha do Paraná	Donativos para a construção do Hospital e Escola de Enfermeiras. A S.O.B. 13 de Maio se comprometeu em realizar um baile em benefício dessa instituição no dia 24/09/44 domingo.
	O lucro da festa do dia 24/09/44 rendeu Cr\$ 20.500 (Vinte mil e quinhentos cruzeiros) que foi integralmente doado aquela instituição.
2 - Sociedade de Socorro aos Necessitados	Doação em dinheiro, valor não revelado. Remetido através da Delegacia de Segurança Pessoal.
	Doação em dinheiro, valor não revelado. Remetido através da Delegacia de Segurança Pessoal.
3 - Sociedade de Assistência aos Lázarus	Doação em dinheiro, valor não revelado. Remetido

<sup>316</sup> LIVRO ATA DE REUNIÃO, 10/09/1944, fl.61-62.

	através da Delegacia de Segurança Pessoal.
	A S.O.B. 13 de Maio se comprometeu em realizar uma matine dançante no dia 10/12/44 em benefício a aquela instituição e passar uma lista de arrecadação entre as/os associadas/os.
4 - Instituto dos Cegos	Quando a S.O.B. 13 de Maio melhorasse sua situação financeira tornaria-se membro daquela instituição. Houve a contribuição espontânea de alguns sócios, não foi mencionado o valor.
5 - Liga Paranaense de Combate ao Câncer	Passaram lista de arrecadação entre as/os sócias/os, não informando o valor arrecadado.
6 - Campanha Nacional da Criança	Doação de Cr\$ 513,00 (quinhentos e treze cruzeiros).
7 - Campanha O Dia da Caridade	As sócias da S.O.B. 13 de Maio venderam diversas violetas juntando o valor de 50\$00 (cinquenta mil réis) inteiramente doados a campanha.

Fonte: Produzida pela autora, 2019

Além das ações de beneficência voltadas para as sócias, sócios e familiares mais próximos a S.O.B. 13 de Maio, ao Grêmio Flor de Maio e ao Grêmio Princesa Isabel tinham o comprometimento em realizar doações a instituições de Caridade da cidade, assim como participar de campanhas beneficentes do Estado do Paraná e à nível nacional como a Campanha Nacional da Criança que visava construir centros de puericultura em todo Brasil. A maioria desses auxílios são atribuídos a S.O.B. 13 de Maio, sendo possível encontrar o envolvimento das agremiações nas campanhas beneficentes noticiadas nos jornais. É possível que os diretores não vissem a necessidade de especificar em cada campanha a atuação de cada agremiação, preferindo apenas referir-se a Sociedade, até mesmo porque as agremiações estavam filiadas a ela e tinham participação ativa na organização.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Inicialmente a pesquisa em questão pretendia entender o contexto de fundação do Grêmio Flor de Maio e do Grêmio Princesa Isabel no âmbito da S.O.B. 13 de Maio entre as décadas de 1940 a 1960, através da documentação oficial da própria Sociedade. No desenvolvimento da pesquisa na consulta aos jornais locais de época revelaram diversas formas de (re) existência de mulheres negras no associativismo feminino negro no âmbito das S.O.B.'s e de outros C.S.N. de Curitiba. As estratégias dos grupos de mulheres eram múltiplos e poderiam variar entre buscar filiação à uma Sociedade ou organizar-se de maneira independente como o caso da S.O.B. 28 de Setembro e do Grêmio Princesa Isabel que foi filiado a S.O.B. 13 de Maio e por volta de 1950 tornou-se a S.O.B. Princesa Isabel sem filiação a alguma Sociedade mas, que ainda partilhava o espaço da sede social com a S.O.B. 13 de Maio. No quadro 1 agrupamos 5 A.F.N. (S.O.B. 28 de Setembro, Grêmio das Camélias, Grêmio 13 de Maio, Grêmio Flor de Maio e Grêmio Princesa Isabel) embora, há indícios de que havia outras A.F.N.. Na fotografia 1, pudemos observar a concentração de diversas Sociedades na Praça Tiradentes, no primeiro plano há grande número de mulheres e homens negros/os, há pelo menos 9 estandartes que estavam sendo carregados pela população negra, em um dos estandartes conseguimos ler “Club R. 15 de Novembro”, ainda que seja necessário aprofundar a análise não nos parece forçoso supor que este era um outro C.S.N. de Curitiba.

Através da fotografia 1, dos jornais e dos livros ata de reunião da S.O.B. 13 de Maio, observamos a extensa rede de beneficência que havia entre as A.F.N, A.F, S.O.B., e C.S.N. em Curitiba, sendo necessário realizar uma análise interseccional de raça, gênero e classe dessa rede de sociabilidades. Quanto a raça, no quadro 2, verificamos uma tendência segregacionista dos diversos grupos estrangeiros (descendentes de africanos, alemães, italianos, libaneses, portugueses, etc) em formar Sociedades entre seus semelhantes, evitando relacionar-se com membros de outros grupos, ficando as relações entre grupos muito restrita a membros das diretorias.

É importante frisar que para além de querer encontrar-se com seus pares e fortalecerem-se coletivamente sobre a população descendente de africanos pesava, e ainda pesa o estigma da escravidão e do racismo, problemas dos quais os descendentes de

imigrantes europeus não eram alvo. No gráfico 1 observamos a predominância de C.S.N. na região sul, em relação às outras regiões do Brasil. Na região sul, onde a população negra é menor, há inversamente a maior concentração de C.S.N., assim como, uma maior concentração de imigrantes europeus e maior segregação racial. A historiografia gaúcha sobre C.S.N. confirma essa tendência segregacionista dos clubes operários no Rio Grande do Sul.

Ainda que pudemos observar a inserção de alguns/mas sócios/as brancos/as na S.O.B. 13 de Maio, não parece que os clubes de imigrantes europeus tiveram a mesma acolhida para com a população negra em Curitiba. A mudança no texto do estatuto da S.O.B. 13 de Maio nos parece muito intrigante, em 1896 o estatuto propunha fazer a união dos “descendentes da raça africana” e em 1929 a diretoria retirar a referência a origem africana e afirmar que acolheria sem distinção de nacionalidade. O que mobilizou tal mudança? É gritante a mudança de tom, da afirmação racial para uma pretensa neutralidade e um certo colaboracionismo com o mito da democracia racial, onde todos seriam acolhidos sem distinção de raça e viveriam em plena harmonia. Em 1930 a data 13 de maio perdeu o status de feriado sob a alegação de que o feriado poderia “criar tensões raciais”. Na década de 1920, foi criado o feriado do dia do trabalhador, e não por acaso, na mesma época os/as sócios/as da S.O.B. 13 de Maio, incorporaram o adjetivo operário em seu nome e passaram a considerarem-se co-irmãos/ãs as outras S.O.B.’s de Curitiba, as/os sócias/os perceberam o esforço nacional em promover o esvaziamento da discussão racial em detrimento ao trabalhismo e escolheram seguir essa tendência, sem contestá-la, mobilizando parcerias através da classe trabalhadora, sem no entanto, deixar de acreditar no “progresso dos 13 de maio”. Contrapondo a fotografia 1 e a fotografia 2 percebemos ambiguidades acerca da segregação racial, na fotografia 1 percebemos brancos e negros como grupos nitidamente separados, enquanto na fotografia 2 mulheres negras e brancas compõem o Grêmio Flor de Maio. Ambas fotografias contam um pouco da história das redes de sociabilidades e nos indicam que havia momentos de proximidades e parcerias e outros em que era necessário estar junto de seus pares. Apesar de haver uma tendência segregacionista entre as S.O.B.’s de origem étnica, havia em Curitiba uma grande e variedade de associações como S.O.B.’s de bairro, de categorias profissionais, clubes de futebol, entre outras. Era comum que sócios/as, diretoras/es fizessem parte de mais de uma organização.

No decorrer da pesquisa listamos nos jornais (*A República, A Tarde, Correio do Paraná, Diário da Tarde e O Dia*) 48 associações femininas em Curitiba e 10 no interior do Estado. Entre essas 48 associações femininas constatou-se uma diversidade quanto ao tipo de instituição ao qual elas estavam filiadas: Clubes Sociais Negros, Sociedades Operárias, Clubes de futebol, etc. O nome dessas associações geralmente estava ligada a procedência do grupo ao qual elas faziam parte, entre elas havia descendentes de africanos, alemães, italianos, libanês, portugueses.

No quadro 2 preferimos evidenciar as 10 A.F. que se auto denominaram utilizando nomes de flores e os respectivos Clubes ou Sociedades aos quais elas estavam associadas. Sendo observada uma tendência sexista em manter a diretoria feminina separada da masculina, sendo raro os casos em que as mulheres conseguiram criar e manter uma A.F. independente de uma diretoria masculina, como a S.O.B. 28 de Setembro e o Centro Paranaense Feminino de Cultura. Desde 1916 o Código Civil colocava a mulher sob a tutela dos homens de sua família, então, formar A.F. separada da diretoria masculina também deve ser lida como uma estratégia feminina de negociar sua autonomia, num período em que seu status jurídico era de tutelada.

Foi observada que desde a fundação da S.O.B. 28 de Setembro a participação de sócios e diretores da S.O.B. 13 de Maio na composição daquela A.F.N., além da participação de sócios e diretores da S.O.B. 13 de Maio na S.O.B. 28 de Setembro, houve a participação de diretores da S.O.B. 13 de Maio em outras A.F.N.'s como o Grêmio das Camélias e Grêmio 13 de Maio, constituindo uma tendência entre as A.F.N. a composição de diretoria mista. As diretoras permitiam que homens assumissem cargos na diretoria ou representassem momentaneamente as agremiações femininas. Como no caso da reunião para escolher a representante do Paraná no 2º Congresso Feminista em 1931 no RJ, das 8 A.F. 3 foram representadas por homens, o diretor da S.O.B. 13 de Maio Benedito Candido foi o representante da S.O.B. 28 de Setembro, Lucio Freitas também diretor da S.O.B. 13 de Maio representou o Grêmio Estrela D'Alva e Walfrido Piloto o Grêmio Nicolla Petrelli. Aqui entendemos a inserção de diretores homens nas A.F. como uma estratégia de ampliação da rede de contatos entre homens e mulheres filiados a alguma S.O.B. Uma das pautas do 2º Congresso Feminista era a defesa do sufrágio feminino, isso nos indica que não somente as

feminista brancas e burguesas eram favoráveis ao voto feminino, outros segmentos da sociedade como operárias/os, negras/os, brancas/os estavam atentos e articulados em prol desse direito.

As relações de gênero no âmbito dos C.S.N.'s e das A.F.N.'s. foram marcadas por parcerias e tensões, podemos destacar o caso em que as sócias do Grêmio das Camélias recorreram a presidente Ambrosina Maria de Campos para exigir o desligamento dos “sócios auxiliares” devido ao comportamento invasivo de interromper as sócias com frequência.

Os limites da atuação das mulheres na S.O.B. 13 de Maio e os limites da atuação dos sócios nas agremiações de mulheres. A inclusão de sócios nas diretorias femininas não ocorreu apenas por imposição masculina mas, por fruto de discussões de ambas as partes, consideramos que a formação de diretoria mistas, pode ter sido uma estratégia de ampliação da rede de contatos das agremiações femininas, que tanto poderia beneficiar a diretoria feminina, como a masculina. Por meio das reuniões com os diretores, as sócias poderiam acessar a extensa rede de Sociedades Operárias, por sua vez a diretoria da S.O.B. 13 de Maio através das inserção na diretoria feminina, poderia conhecer e adentrar nos espaços de discussão feminina. Para ambas as diretorias essa estratégia poderia ajudar na construção e encaminhamento de pautas comuns, como a instrução (educação) e o “progresso” sócio econômico. Por outro lado, não foi encontrado casos em que uma sócia foi convocada ou eleita para assumir algum cargo na diretoria geral e, ou substituir algum membro da diretoria masculina.

De acordo com o estatuto da S.O.B. 13 de Maio não haveria distinção de sexo entre as/os sócias/os embora, houvessem critérios de admissão diferenciados condicionados ao gênero. As mulheres não precisavam tornarem-se sócias para acessarem aos auxílios de saúde e velório, ou participar das festas, bastava ser parente de um sócio com as mensalidades quites. Mas, caso quisessem tornar-se sócias precisava da autorização de algum homem de sua família com as mensalidades pagas, enquanto para os homens era necessário ser aprovado por outros três diretores. Ou seja, os direitos sociais só seriam concedidos às mulheres por meio dos homens. Esse critério de acesso também pode ser visto como uma forma de fortalecer os laços entre as famílias. A faixa etária de admissão também continha critérios de gênero, as mulheres deveriam ter uma faixa etária mais jovem do que a dos homens, o que pode indicar a



preferência por moças com idade em que poderiam casar e gerar filhos. Outra condicionante estatutária, era a impossibilidade de eleger e serem eleitas a cargos da diretoria, mesmo após tornarem-se sócias. Foi nesse contexto de condicionantes ligadas ao gênero que as mulheres criaram suas próprias agremiações, como alternativas de constituir diretorias formadas exclusivamente, ou majoritariamente por mulheres, filiada a algum C.S.N. ou S.O.B. com uma diretoria exclusivamente masculina. Por meio dessas agremiações as mulheres passaram a negociar com os diretores o direito a organizar e administrar atividades de lazer e campanhas beneficentes.

Ao todo encontramos 27 mulheres ligadas a S.O.B. 13 de Maio e as agremiações femininas. Dessas 27 mulheres, 16 foram referidas como sócias da S.O.B. 13 de Maio e as outras 11 são referidas como diretoras do Grêmio Flor de Maio ou do Grêmio Princesa Isabel. Essas 27 mulheres correspondem apenas uma parte do total de sócias e agremiadas. Essas foram citadas por estarem solicitando auxílios da Sociedade, ou por tentarem negociar suas mensalidades pendentes, ou por representarem alguma das agremiações femininas, provavelmente havia muitas outras e com outras demandas e variedades de experiências que não foram registradas em ata, ou nos jornais. As diretoras são relacionadas diretamente às agremiações, o que não ocorre com as demais integrantes. Por mais que tenhamos lacunas em aberto, quanto a quantidade de sócias frequentadoras e quanto dessas faziam parte das agremiações, é perceptível que elas tinham conhecimento de seus direitos sociais e os requisitavam sempre que necessário. Tanto os pedidos de auxílio como as negociações do débito das mensalidades afetavam o equilíbrio econômico do grupo. As sócias ajudaram a manter um equilíbrio entre o dinheiro que saía e o que entrava em caixa e dessa maneira ajudaram a manter os valores das mensalidades, evitando o acréscimo, mesmo em períodos de crise econômica. Distribuir auxílios implicava estar com saldo positivo no caixa, nesse sentido, as mulheres não só foram auxiliadas pela Sociedade mas, também ajudaram a manter os auxílios sociais fazendo o pagamento de suas mensalidades e mesmo quando estas estavam em atraso assumiram o compromisso de quitar o débito, seja em dinheiro, ou prestando serviços úteis à Sociedade, como auxiliar na organização de festas.

Procuramos entender as características organizativas do Grêmio Flor de Maio e do

Grêmio Princesa Isabel, o que resultou num emaranhado de possibilidades, visto que o acesso a essas organizações nos foi possibilitado a partir do registro dos diretores e jornalistas sobre as agremiações femininas, não tivemos acesso a documentos produzidos por elas mesmas. Contudo, algumas características são comuns às duas agremiações, como por exemplo, estar filiada a S.O.B. 13 de Maio, negociar com os diretores a utilização do espaço da sede social para organizar suas festas, organizar atividades recreativas fora do espaço social, promover atividades de lazer para as sócias e sócios, familiares e convidados. Não conseguimos desvendar as motivações para constituir duas agremiações num mesmo clube social negro. Provavelmente, havia divergências de pautas entre as organizações. Nesse sentido, a forma como cada agremiação negociou com a diretoria masculina da S.O.B. 13 de Maio, nos sugere algumas diferenças. Para o Grêmio Flor de Maio utilizar o espaço da S.O.B. 13 de Maio além de negociar os valores do salão tinha que aceitar a condicionante de incluir um diretor em sua organização. Já o Grêmio Princesa Isabel não parece ter ficado sujeito a essa condicionante mas, optaram por convidar diretores à representá-las durante as Sessões Solenes, não sabemos, ao certo como se davam essas relações ao longo das gestões. Apesar de não sabermos exatamente quando cada agremiação começou e encerrou suas atividades, há possibilidades de em 1946 o Grêmio Flor de Maio ter fundido-se ao Grêmio Princesa Isabel, ou apenas encerrou suas atividades. Nos livros ata não há menção a data de fundação ou desagregação das agremiações. Outra característica divergente, é que o Grêmio Princesa Isabel adquiriu o status de Sociedade o que indica ter se tornado uma organização com estatuto próprio mas, que ainda compartilhava o prédio com a S.O.B. 13 de Maio.

Procuramos evidenciar que a participação em concursos de beleza está para além da importância de elevar a auto-estima da mulher negra e ou operária. Os concursos tinham uma grande repercussão midiática, e poderiam oferecer uma oportunidade de dar visibilidade às qualidades da moça e da agremiação ou Sociedade a qual ela estava representando. No período do concurso de beleza, era o momento das agremiações e Sociedades apresentarem sua melhor versão, se fazerem conhecer na cidade e ganharem o reconhecimento do público. Ganhar era o objetivo de todas as moças mas, o valor de estar participando já indica um ganho em termos de visibilidade e repercussão, tal afirmação pode parecer clichê mas, nesse sentido,

consideramos que era mais importante participar do que necessariamente ganhar. Afinal não era apenas a beleza, inteligência e simpatia que estavam em jogo mas, a rede de sociabilidades e a capacidade e interesse de cada integrante em investir financeiramente em suas candidatas e associações.

Sobre as Sessões Magnas procuramos apresentar os significados de comemorar a abolição e os aniversários da S.O.B. 13 de Maio para suas e seus associadas/os. Durante as Sessões Magnas era o momento em que pessoas de raça, gênero, classe e gerações diferentes poderiam discursar sobre a data 13 de Maio e sobre as expectativas de “progresso” do grupo. O discurso oficial que considera a abolição uma dádiva da princesa Isabel foi reforçado várias vezes, tanto por autoridades locais, como por sócios fundadores, crianças etc. Nesse sentido, percebemos que o discurso oficial sobre a abolição poderia ser entendido como uma máscara, uma narrativa que agregava diversas pessoas por carregar o peso da oficialidade mas, que ao mesmo tempo não impediu as/os associadas/os rememorarem os significados da abolição prestando homenagens fúnebres a seus pares e não somente aos “heróis da nação”. No quadro 4 reunimos alguns C.S.N. da região sul e sudeste em que ficou evidente a recorrência de alguns nomes como 13 de Maio, Princesa Isabel, Flor de Maio e 28 de Setembro. Discutimos a importância do significado das datas 13 de Maio e 28 de Setembro para o histórico de lutas em prol da emancipação e o significado delas no pós abolição. Essas datas eram capazes de acionar a expectativa por melhorias na condição de vida da população liberta e para seus descendentes. Nesse ponto nomear associações com as datas se constituíam em estratégias de (re) existência, refletir sobre o passado, analisar o presente, motivava o grupo a construir projetos futuros. A metáfora da sankofa foi utilizada para evidenciar que esses grupos tinham uma percepção própria sobre o processo abolicionista, que nem sempre convergia com o discurso oficial sobre os heróis da abolição. Com o passar do tempo as comemorações podem ter perdido o sentido de máscara, a medida que os sócios fundadores, (aqueles que foram testemunhas oculares da escravidão e do processo abolicionista) faleceram, a narrativa oficial pode ter sido encarada como única.

Além das ações de beneficência voltadas para as sócias, sócios e familiares mais próximos a S.O.B. 13 de Maio, do Grêmio Flor de Maio e do Grêmio Princesa Isabel, os/as sócios/as tinham o comprometimento em realizar doações a instituições de Caridade da

cidade. Assim como, participar de campanhas beneficentes do Estado do Paraná e à nível nacional como a Campanha Nacional da Criança que visava construir centros de puerilcultura. A maioria desses auxílios são atribuídos a S.O.B. 13 de Maio, sendo possível encontrar o envolvimento das agremiações femininas nas campanhas beneficentes noticiadas nos jornais. É possível pensar que os diretores não considerassem importante especificar em cada campanha o quanto cada agremiação ajudou, preferindo apenas referir-se a Sociedade, até mesmo porque as agremiações estavam filiadas a ela e como já mencionamos anteriormente as sócias e diretoras contribuíram com a S.O.B. 13 de Maio por meio das mensalidades e na organização de festas, também por meio dessa forma de arrecadação conseguiam ajudar outras instituições de assistência à saúde e à educação.

Encerramos essa pesquisa com alguns aspectos em aberto que merecem ser aprofundados em futuros projetos, em que haja mais tempo para análise da documentação e maior amadurecimento intelectual e metodológico da autora.

## 5.REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%20Sejamos-Todos-Feministas.pdf>> Acesso em: 29 abril 2019.

ANSILIERO, Graziela; RODRIGUES, Eva B. de O.. Histórico e Evolução Recente da Concessão de Salários-Maternidade no Brasil. **Ministério da Previdência Social, Secretaria de Previdência Social**. v.19, n.2, 2007. Disponível em: <[http://sa.previdencia.gov.br/site/arquivos/office/3\\_090213-144507-483.pdf](http://sa.previdencia.gov.br/site/arquivos/office/3_090213-144507-483.pdf)> Acesso em: 02 maio 2019.

BAHLS, Aparecida V. da S.; SILVA, Lilia M. da. **Curitiba & Música: nos acordes da Fundação Cultural**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2016. p.35 a37.

BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: Gênero e poder no século XIX**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATISTA, Rita de C. S. F.. Damas de ébano nos clubes sociais negros: Trancinhas e batom. **Revista Comunicações**, Piracicaba, v.21, n.1, 2014. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2051>> Acesso em: 29 abril 2019.

BHABHA, Homi. O entre-lugar das Culturas. In:BHABHA, Homi. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. pp. 50-58.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: Edufscar, 2015.

CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio. **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.17. n.49, 2003. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008)> Acesso em: 13 fev. 2020.

CASALECCHI, José Ê.. **O Brasil de 1945 ao golpe militar**. São Paulo: Contexto, 2002.

CASTRO, Jacqueline Aparecida Gonçalves Fernandes de; MENEZES, Marilza dos Santos. Design étnico: a identidade sociocultural dos signos. In: MENEZES, M.S.; PASCHOARELLI. L.C. (orgs). **Design e planejamento: aspectos tecnológicos**. São Paulo,

2009. Disponível em:  
 <<http://books.scielo.org/id/mw22b/pdf/menezes-9788579830426-03.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2019.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 3º ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 46.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2ªed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

COELHO, César C.; PUGA, Vera L.. Direitos dos homens e deveres das mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.22, n.2, 2009. Disponível em:  
 <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7991>> Acesso em: 19 de mar. 2019.

CUNHA, Olívia M. G. da. Depois da Festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina e ESCOBAR, Arturo. (orgs). **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000, p.333-380.

D’ARAÚJO, Maria C. S.. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Lisboa: Plataforma Gueto, 2013. Disponível em:  
 <<https://plataformagueto.files.wordpress.com/2013/06/mulheres-rac3a7a-e-classe.pdf>>  
 Acesso em: 18 mar. 2019.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente uma história (realmente) como as outras? **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, 2018. Disponível em:  
 <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709/8049>> Acesso em: 24 mai. 2019.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo, 2009. Disponível em:  
 <<https://medium.com/qg-feminista/teorias-do-patriarcado-7314938c59b>> Acesso em: 16 jun. 2020.

DE LUCA, Tânia R.. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DE LUCA, Tânia R.. **O sonho do futuro assegurado**. São Paulo: Contexto, 1990.

DOSSE, François. A história a prova da guerra das memórias. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em:  
 <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/707/597>> Acesso em: 24 mai. 2019.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em:  
 <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>> Acesso em: 24 mai. 2019.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. [tradução de Constancia Morel] São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DOIMO, Ana M.. Movimento Social: a crise de um conceito. In: DOIMO, Ana Maria. **A Vez e Voz do Popular**: Movimentos Sociais e Participação Política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS, 1995, p.37-50.

ESCOBAR, Giane V.. **Clubes Sociais Negros**: Lugares de Memória, Resistência Negra, Patrimônio e Potencial. 2010. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

ESCOBAR, Giane V.; MORAES, Ana L. C.. Para Encher os Olhos: Análise Cultural da Visibilidade de uma Rainha do Carnaval do Clube Social Negro Treze de Maio no Jornal a Razão. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 7, 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:t7jlln07Yg8J:https://eventos.ufpr.br/enpecom/enpecom2015/paper/download/115/53+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 30 abr. 2019.

ESCOBAR, Giane V.; COIRO-MORAES, Ana L.. A mulher negra no interior de um clube social negro: A festa como um lugar de sociabilidade, rigidez, moralidade e relações de poder. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS, 5, 2016, Aveiro. **Anais eletrônicos**, Aveiro, Universidade de Aveiro, Portugal, 2016. Disponível em: <[https://vcongresso.estudosculturais.com/wp-content/uploads/sites/6/2016/09/port\\_v1b.pdf](https://vcongresso.estudosculturais.com/wp-content/uploads/sites/6/2016/09/port_v1b.pdf)> Acesso em: 17 mar. 2019.

ESCOBAR, Giane V.. COIRO-MORAES, Ana L.. Rodas de lembrança de mulheres negras: comunicação e cidadania no Museu Comunitário Treze de Maio. In: CONFERÊNCIA SUL AMERICANA e CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 4, 2013, Curitiba. **Anais eletrônicos**, Curitiba, Mídia Cidadã 2013,2012. v.1. Disponível em: <<http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/09/ANA-LUIZA-COIRO-MORAES.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2019.

FABRIS, Pamela B.; HOSHINO, Thiago P.. Sociedade Operária Benficiente 13 de Maio: Mobilização negra e Contestação política na pós-abolição. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente**: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

FERRARINI, Sebastião. **A escravidão negra na província do Paraná**. Curitiba: Editora Littero-técnica, 1971.

FERREIRA, Marieta de M.. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis. v. 10, n. 23, 2018. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018080/8071>> Acesso em: 24 mai. 2019.

FONTANA, Nádia. Participação feminina na Assembleia Legislativa cresceu ao longo da

história. A primeira mulher a ter voz na política paranaense foi Rosy Macedo Pinheiro Lima, que assumiu a função em 1947 e só exerceu um mandato parlamentar. **Assembléia Legislativa do Estado do Paraná**. 07 mar. 2019. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/participacao-feminina-na-assembleia-legislativa-cresceu-ao-longo-da-historia-1>> Acesso em: 28 fev. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, v. 4, n. 1, 1984. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)> Acesso em: 15 ago. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Círculo Palmarino**, v.1 n.1, 2011. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf)> Acesso em: 15 ago. 2019.

GOURAUD, Clara. Uma infância que liberta? Estratégias de emancipação das mães de ingênuos nos tempos da Lei do Ventre Livre. São Paulo, 1871-1888. **Revista do Arquivo**, São Paulo, v. 2, n. 7, 2018. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/07/pdf/Revista\\_do\\_Arquivo\\_7.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/07/pdf/Revista_do_Arquivo_7.pdf)> Acesso em: 09 fev. 2020.

HARTOG, François. Presentismo pleno ou padrão? In: HARTOG, François. **Regime de historicidade**: presentismo a experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.133-191.

HARTOG, François. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. **Revista de História**, São Paulo, n. 148, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18952>> Acesso em:

HUYSEN, A. A cultura da memória em um impasse: memoriais em Berlim e Nova York. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: \_\_\_\_\_. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2014. p. 139-153 e 177-194.

JESUS, Matheus G. de. Ninguém quer ser um treze de maio. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 37, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/nec/v37n1/1980-5403-nec-37-01-117.pdf>> Acesso em:

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

LONER, Beatriz A.. Negros: Organização e luta em Pelotas. **História em revista**, Pelotas, v. 5, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/12080>> Acesso em: 20 abr. 2020.



LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Revista Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, 2008. Disponível em: <<http://dev.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>> Acesso em: 20 de mar. 2019.

MARIA, Maria das G.. Clubes e associações de afrodescendentes na Florianópolis na década de 1930-1940. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL, Joseane Z. (orgs.). **Histórias diversas: Africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC: Florianópolis. 2013. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545546/mod\\_resource/content/1/B12%20Clubes%20pdf.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545546/mod_resource/content/1/B12%20Clubes%20pdf.pdf)> Acesso em: 15 jun. 2020.

MARTINS, Ana P. V.. Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio. **Review of Latin American Studies**, v. 17, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://udspace.udel.edu/bitstream/handle/19716/19839/Vol17-2Martins.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 18 mar. 2019.

MARTINS, Ana P. V. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300011&script=sci\\_abstract&tln\\_g=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300011&script=sci_abstract&tln_g=pt)> Acesso em: 18 mar. 2019.

MBEMBE, Achille. **A Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIGNOLO, Walter. Pensamento liminar e diferença colonial. In: MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 79-133.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092017000200507&script=sci\\_abstract&tln\\_g=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092017000200507&script=sci_abstract&tln_g=pt)> Acesso em: 04 mar. 2018.

MORTARI, Cláudia. **Os homens pretos do Desterro: Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MORTARI, Cláudia. **Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil: Criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788-1850**. 2007. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOURA, Clóvis. A Frente Negra Brasileira. **Portal Gelédes**. 16 set. 2011. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira/?gclid=Cj0KCQiAkePyBRCEARIsAMy5Scu5ZL-HiECHhobd00IYUyU7d5zLaH4hKxU7\\_2xRg40uA0sG2CQkP44aAiDUEALw\\_w](https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira/?gclid=Cj0KCQiAkePyBRCEARIsAMy5Scu5ZL-HiECHhobd00IYUyU7d5zLaH4hKxU7_2xRg40uA0sG2CQkP44aAiDUEALw_w)>

[cB](#)> Acesso em: 28 fev. 2020.

NORA, Pierre. La era de la conmemoración. In: NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008, p.167-199.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História. a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v.10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>> Acesso em: 22 jan. 2018.

PACHECO, Carolina S.; FIGUEIRA, Miriane; HOSHINO, Thiago de A. P... **Negros, libertos e associados: Identidade cultural e território étnico na trajetória da Sociedade 13 de Maio (1888-2011)**. Relatório analítico apresentado à Fundação Cultural de Curitiba, como resultado parcial da pesquisa desenvolvida no âmbito do Edital 028/2011 - Pesquisa Urbana do Fundo Municipal de Cultura/PAIC, - Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, Curitiba, 2012. p. 116. Disponível em: <[https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/monogr/Texto/Negros\\_Libertos\\_Associados.pdf](https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/monogr/Texto/Negros_Libertos_Associados.pdf)> Acesso em:

PEREIRA, Amílcar A.. “Por uma autêntica democracia racial!”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em : <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/21>> Acesso em: 05 jul. 2020.

PERUSSATTO, Melina K. Pelo “Aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos”: A demanda por instrução na imprensa negra porto-alegrense no pós-abolição. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/melina%20kleinert%20perussatto.pdf>> Acesso em : 30 abril 2019.

REBELO, Vanderlei. Rosy de Macedo, a primeira deputada do Paraná. **Assembléia Legislativa do Estado do Paraná**. 14 set. 2018. Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/rosy-de-macedo-a-primeira-deputada-no-parana>> Acesso em: 09 abr. 2020.

RIBEIRO, Jonatas R. Associativismo, sociabilidade e liberdade: Sociedades recreativas de negros e negras no pós-emancipação em Minas Gerais. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015. Disponível em: <[http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/jonatas\\_ribeiro.pdf](http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/jonatas_ribeiro.pdf)> Acesso em: 30 abril 2019.

RIBEIRO, Luiz C. Experiência Operária em Curitiba: A greve geral de 1917. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

\_\_\_\_\_. **Memória Trabalho e Resistência em Curitiba (1820-1920)**. 1985. Dissertação

(Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, 1985.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: Uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000300017&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000300017&lng=pt&tlng=pt)> Acesso em: 30 abril 2019.

RIOS, Ana M.; MATTOS, Hebe M.. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-101X2004000100170](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000100170)> Acesso em: 11 abr. 2020.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTANA, Jorge L.. **Rompendo Barreiras**: Enedina uma mulher singular. 2013. 73 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge\\_luiz\\_santana.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge_luiz_santana.pdf)> Acesso em: 11 dez. 2019.

SANTIAGO, Fernanda L.. **Sociedade 13 de Maio**: Uma estratégia de sobrevivência no pós-abolição (1888-1896). 2015. 94 p. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2015/07/MONOGRRAFIA-FERNANDA-L-SANTIAGO.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

SAYÃO, Thiago J. Uma identidade racial velada no pós-abolição? apontamentos sobre a Sociedade Recreativa União Operária da Laguna/SC na Primeira República. In: ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015. Disponível em: < <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>> Acesso em: 13 jun. 2019.

SEIXAS, Larissa S.. Associações femininas e a inserção das mulheres na esfera pública: o Centro Paranaense e Feminino de Cultura (Curitiba, 1933-1958). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza, **Anais eletrônicos...** Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.1144.pdf>> Acesso em: 30 abril 2019.

SILVA, Adriana O. Mulheres de elite e associações femininas em Itabuna (1930-1950): Relações de gênero e práticas sociais no sul da Bahia. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** 2010. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278293287\\_ARQUIVO\\_MulheresdeElite-textoparaFazendoGenero9.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278293287_ARQUIVO_MulheresdeElite-textoparaFazendoGenero9.pdf)> Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravidão**: uma investigação de História Cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Fernanda O. da. A racialização observada pela ótica da experiência dos clubes e centros culturais negros na diáspora negra ao sul do Atlântico (Brasil-Uruguai) - Notas de Pesquisa como forma de iluminar a nova história do trabalho. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. 11, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/3362>> Acesso em: 23 set. 2019.

SILVA, Fernanda O. da. et al. **Pessoas comuns, histórias incríveis**: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense. 1.ed. v.1. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

SILVA, Janine G. da. **Tensões, trabalhos e sociabilidades**: História de mulheres em Joinville no século XIX. Joinville: Editora da UNIVILLE, 2004.

SILVA, Joana A. F.. **Mulheres negras e museus de Salvador**: Diálogos em branco e preto. Salvador: Edufba, 2017.

SILVA, Joselina da. a União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Estudos afro-Asiáticos, v. 25, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n2/a02v25n2.pdf>> Acesso em: 10 jul 2019.

SILVA, Lúcia H. O.. Associativismo negro: Federação paulista dos homens de cor (1910-1936). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7., 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos7/lcia%20helena%20oliveira%20silva.pdf>> Acesso em: 01 maio 2019.

SOUZA, Jhonatan U. Trabalhadores urbanos: militância e luta por direitos. In: MENDONÇA, Joseli M. N.; SOUZA, Jhonatan U. (orgs). **Paraná insurgente**: história e lutas sociais - século XVIII ao XIX. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

SPIVAK, Gayatri C.. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Vera da S.. Movimentos sociais: reflexões sobre a experiência dos anos 1970. In: SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo. (orgs). **Uma revolução no cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.54-85.

VAZQUEZ, Maria L. O.. **Na fronteira do voto**: Discursos sobre cidadania e moral no debate do sufrágio das mulheres no Brasil e no Uruguai durante a primeira metade do século XX. 2014. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Vents d'Est, Vents d'Ouest**. Genève, 2009. Disponível em: <<https://books.openedition.org/iheid/6316>> Acesso em: 06 fev. 2019.

### 5.3 Referências Eletrônicas

#### Registro Civil de Óbitos:

Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996, Curitiba, Livro de Óbitos 1940, jul-nov. Registro Civil do Óbito de Catharina de Souza. 07/09/1940, nº 1153, fl. 134. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71PL-Y?i=134&wc=MHNF-VZ9%3A337687101%2C341400801%2C341440801&cc=2016194>> Acesso em: 09 out. 2019.

Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996, Curitiba, Livro de Óbitos 1940, nov-1941, abr. Registro Civil do Óbito de Aime Freitas. 17/02/1941, nº 262, fl. 189. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-71J1-5?i=194&wc=MHNF-KP8%3A337687101%2C341400801%2C341444201&cc=2016194>> Acesso em: 09 out. 2019.

#### Leis:

BRASIL. Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1889. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 jan. 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm)> Acesso em: 10 dez. 2019.

BRASIL. Decreto nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930. Declara os dias de festa nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 19 jan. 1930. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html>> Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL. Decreto nº 155-B de 14 de janeiro de 1890. Declara os dias de festa nacional. Coleção de leis do Brasil. página 64, vol 1, fasc. 1º Rio de Janeiro, RJ, 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-155-b-14-janeiro-1890-517534-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 18 nov. 2019.

#### Júlio Rocha Xavier. Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Disponível em: <<http://www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/julio-rocha-xavier>> Acesso em: 09 dez. 2019.

#### Desembargador Clotário de Macedo Portugal. Tribunal de Justiça do Estado do Paraná

Disponível em: <[https://www.tjpr.jus.br/desembargadores-tjpr-museu/-/asset\\_publisher/V8xr/content/des-clotario-de-macedo-portugal/397262?inheritRedirect=false](https://www.tjpr.jus.br/desembargadores-tjpr-museu/-/asset_publisher/V8xr/content/des-clotario-de-macedo-portugal/397262?inheritRedirect=false)> Acesso em 19 nov. 2019.

O que são as ondas do feminismo: Entenda um pouco da história do feminismo, e como chegamos até aqui. **QG Feminismo em Revista**. 08 mar. 2018.

Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> Acesso em: 17 abr. 2020.

Antonieta de Barros. **A cor da cultura:** Heróis de todo mundo.

Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/antonietadebarros>> Acesso em: 28 fev.2020.

Colorismo: o que é como funciona? **Portal Geledés.** 26 fev. 2015.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>> Acesso em: 27 nov. 2019.

Manterrupting, Mansplaining, Gaslighting, O que é? Onde vivem? Como se reproduzem? **Engajamundo.** 05 dez. 2017.

Disponível em: <<https://www.engajamundo.org/2017/12/05/manterrupting-mansplaining-gaslighting-o-que-e-onde-vivem-como-se-reproduzem/>> Acesso em: 28 fev. 2020.

Dicionário online de português

Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/bamba/>> Acesso em: 11 jun. 2020.

Calendário de 1935. Webcid.

Disponível em: <<https://www.webcid.com.br/calendario/1935>> Acesso em: 05 dez. 2019.

Conheça as 20 profissões mais comuns entre as mulheres: Principal ocupação é como auxiliar de escritório e assistente administrativo (1,3 milhões de mulheres em cada). **O Globo.** 19 fev. 2018. Disponível em:

<[Regulamentação do trabalho doméstico faz 4 anos mas, precisa de fiscalização. \*\*Senado notícias.\*\* 04 jun. 2019. Disponível em: <](https://oglobo.globo.com/economia/conheca-as-20-profissoes-mais-comuns-entre-as-mulheres-22411026#:~:text=Segundo%20a%20pesquisa%2C%20cujos%20dados,(712%2C18%20mil).> Acesso em: 08 jun. 2020.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

[Direitos da empregada doméstica - PEC das domésticas. No lar.](https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2019/06/regulamentacao-do-trabalho-domestico-faz-4-anos-mas-precisa-de-fiscalizacao#:~:text=Regulamenta%C3%A7%C3%A3o%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico%20faz%204%20anos%2C%20mas%20precisa%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,-04%2F06%2F2019&text=A%20Lei%20Complementar%20150%2C%20de,para%20trabalhadores%2C%20especialistas%20e%20senadores.> Acesso em: 11 jun. 2020.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

Disponível em: <<https://www.nolar.com.br/direitos-da-empregada-domestica/>> Acesso em: 10 dez. 2019.

Maracatu Aroeira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/baquearoeira/>> Acesso em: 12 fev. 2020.

Pontes Móveis. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PONTESMOVEIS/>> Acesso em: 12 fev. 2020.

Forró Areia Branca. Disponível em: <<https://www.facebook.com/forroareiabranca/>> Acesso em: 11 abr. 2020.



Um Baile Bom. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BaileBomCWB/>> Acesso em: 11 abr. 2020.

Centro Paranaense Feminino de Cultura. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cpfc1717/>> Acesso em: 08 nov. 2019.

Manuela D'Ávila é interrompida 62 vezes no programa Roda Viva.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bjiup7kdfJQ>> Acesso em: 28 fev. 2020.

### **Documentos oficiais da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio**

Livro ata de reunião da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio de 1888-1896.

Livro de ata de reunião da Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio 1940-1972.

Estatutos e Regimento do Clube Beneficente 13 de Maio, Curitiba, 9 de abril de 1929.

### **Fotografias:**

#### **Fotografia 1**

Acervo Casa da Memória de Curitiba - Fundação Cultural de Curitiba.

#### **Fotografia 2**

PACHECO, Carolina S.; FIGUEIRA, Miriane; HOSHINO, Thiago de A. P... **Negros, libertos e associados:** Identidade cultural e território étnico na trajetória da Sociedade 13 de Maio (1888-2011). Relatório analítico apresentado à Fundação Cultural de Curitiba, como resultado parcial da pesquisa desenvolvida no âmbito do Edital 028/2011 - Pesquisa Urbana do Fundo Municipal de Cultura/PAIC, - Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, Curitiba, 2012. p. 68. Disponível em:

<[https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/monogr/Texto/Negros\\_Libertos\\_Associados.pdf](https://pergamum.curitiba.pr.gov.br/vinculos/monogr/Texto/Negros_Libertos_Associados.pdf)> Acesso em: 06 ago. 2019.

#### **Imagem 1**

Disponível em:

<[https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content\\_link=6](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/?content_link=6)> Acesso em: 10 dez. 2019.

#### **Gráfico 1:**

Encarte IPHAN Clubes Sociais Negros do Paraná, 2019.

**Periódicos acessados através da Hemeroteca Digital**

Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 11 dez. 2019.

**Jornal *A República***

*A República*, 22/04/1913, fl. 1.

*A República*, 01/09/1896, fl.3.

**Jornal *A Tarde***

*A Tarde*, 19/06/1951, fl.3.

*A Tarde*, 03/10/1959, fl. 3.

**Jornal *Correio do Paraná***

*Correio do Paraná*, 10/02/1938, fl. 7.

*Correio do Paraná*, 24/09/1937, fl. 8.

*Correio do Paraná*, 27/11/1937, fl. 9.

*Correio do Paraná*, 07/11/1935, fl. 7.

*Correio do Paraná*, 18/02/1938, p.7.

*Correio do Paraná*, 25/02/1938, fl. 4.

**Jornal *Diário da Tarde***

*Diário da Tarde*, 1953, fl. 1 e 6.

*Diário da Tarde*, 05/01/1912, fl. 02.

*Diário da Tarde*, 02/01/1903, fl.2.

*Diário da Tarde*, 29/09/1903, fl. 1.

*Diário da Tarde*, 08/10/1901, fl.2.

*Diário da Tarde*, 01/09/1908, fl.2.

*Diário da Tarde*, 26/09/1905, fl.2.

*Diário da Tarde*, 25/09/1908, fl.2.

*Diário da Tarde*, 11/10/1911, fl.2.

*Diário da Tarde*, 07/06/1889, fl. 1.

*Diário da Tarde*, 06/11/1903, fl. 3.

*Diário da Tarde*, 07/05/1913, fl. 3.

*Diário da Tarde*, 23/04/1919, fl. 2.

*Diário da Tarde*, 10/04/1912, fl. 3.

*Diário da Tarde*, 16/02/1912, fl. 3.

*Diário da Tarde*, 05/01/1910, fl. 4.

*Diário da Tarde*, 21/08/1930, fl. 3.

*Diário da Tarde*, 17/11/1922, fl.4.



*Diário da Tarde*, 08/10/1952, p. 2.  
*Diário da Tarde*, 14/01/1937, fl.04.  
*Diário da Tarde*, 26/09/1944, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 22/07/1954, fl .6.  
*Diário de Tarde*, 14/01/1937, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 12/05/1953, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 11/05/1956, fl. 4..  
*Diário da Tarde*, 10/05/1957, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 10/05/1958, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 13/05/1958, fl. 6.  
*Diário da Tarde*, 08/05/1959, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 11/05/1960, fl.5.  
*Diário da Tarde*, 08/04/1949, fl. 2.  
*Diário da Tarde*, 15/04/1950, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 10/05/1943, fl.6.  
*Diário da Tarde*, 09/05/1945, fl.7.  
*Diário da Tarde*,10/08/1949, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 21/12/1951, fl.6.  
*Diário da Tarde*, 30/05/1952, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 13/05/1953, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 15/04/1955, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 08/10/1954, fl. 4  
*Diário da Tarde*, 10/05/1943, fl. 6.  
*Diário da Tarde*, 27/04/1920, fl. 6.  
*Diário da Tarde*, 17/11/1922, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 14/01/1937, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 09/10/1944, fl.6.  
*Diário da Tarde*, 22/07/1954, p.6.  
*Diário da Tarde*, 28/07/1937, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 24/10/1940, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 25/04/1942, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 09/04/1936, fl. 3.  
*Diário da Tarde*, 22/11/1940, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 23/02/1940, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 22/12/1944, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 28/07/1937, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 14/01/1937, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 09/06/1937, fl. 5.  
*Diário da Tarde*, 26/02/1938, fl.3.  
*Diário da Tarde*, 20/02/1941 fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 18/02/1944, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 09/02/1945, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 29/06/1943, fl.4.  
*Diário da Tarde*, 30/12/1950, fl. 4.  
*Diário da Tarde*, 13/05/1953, p. 4.

*Diário da Tarde*, 30/09/1932, fl. 2.

*Diário da Tarde*, 27/07/1946, fl.4.

**Jornal *O Dia* (1929-1948)**

*O Dia*, 06/06/1931, fl.8.

*O Dia*, 15/10/1924, fl. 5.

*O Dia*, 20/04/1927, fl. 6.

*O Dia*, 20/03/1935, fl.6.

*O Dia*, 10/04/1943, fl. 3.

*O Dia*, 12/02/1924, fl. 5.

*O Dia*, 12/02/1924, fl. 5.

*O Dia*, 10/02/1938, fl. 4

*O Dia*, 10/04/1943, fl. 3.

*O Dia*, 06/08/1929, fl. 6.

*O Dia*, 07/05/1930, fl. 6.

*O Dia*, 20/09/1935, fl. 2.

*O Dia*, 20/09/1935, fl. 2.

*O Dia*, 12/02/1924, fl. 5.

*O Dia*, 14/10/1938, fl. 2.

*O Dia*, 26/07/1938, fl. 2.

*O Dia*, 14/10/1938, fl. 2.

*O Dia*, 07/07/1929, fl. 6.

*O Dia*, 19/02/1944, fl. 3.

*O Dia*, 19/12/1940, fl.4.

*O Dia*, 05/05/1949, fl.2.

*O Dia*, 05/05/1949, fl. 2.

*O Dia*, 05/07/1949, fl. 2.

*O Dia*, 23/12/1949, fl. 8.

*O Dia*, 30/09/1948, fl.8.

*O Dia*, 20/11/1923, fl. 5.